



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2018**



Monitoramento agrícola

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintende de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 Safra 2017/18 - Sétimo levantamento, Brasília, p. 1-139 abril 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocília do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Irlanido Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernanda Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudia Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luís Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcides Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schor, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosvilopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapac); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-

v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução ----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4 . Estimativa de produtividade ----- 17



5. Estimativa de produção ----- 22



6. Crédito rural ----- 27



7. Análise climática - Inmet----- 34



8.Análise das culturas----- 39

8.1. Culturas de verão ----- 39

8.1.1. Algodão ----- 39

8.1.2. Amendoim ----- 46

8.1.3. Arroz -----	51
8.1.4. Feijão -----	59
8.1.5. Girassol-----	79
8.1.6. Mamona -----	80
8.1.7. Milho-----	82
8.1.8. Soja	
8.1.9. Sorgo -----	100
8.2. Culturas de inverno -----	104
8.2.1. Aveia-----	104
8.2.2. Canola -----	105
8.2.3. Centeio -----	106
8.2.4. Cevada -----	107
8.2.5. Trigo -----	108
8.2.6. Triticale-----	109



9. Receita bruta ----- 111



10. Irrigação ----- 118

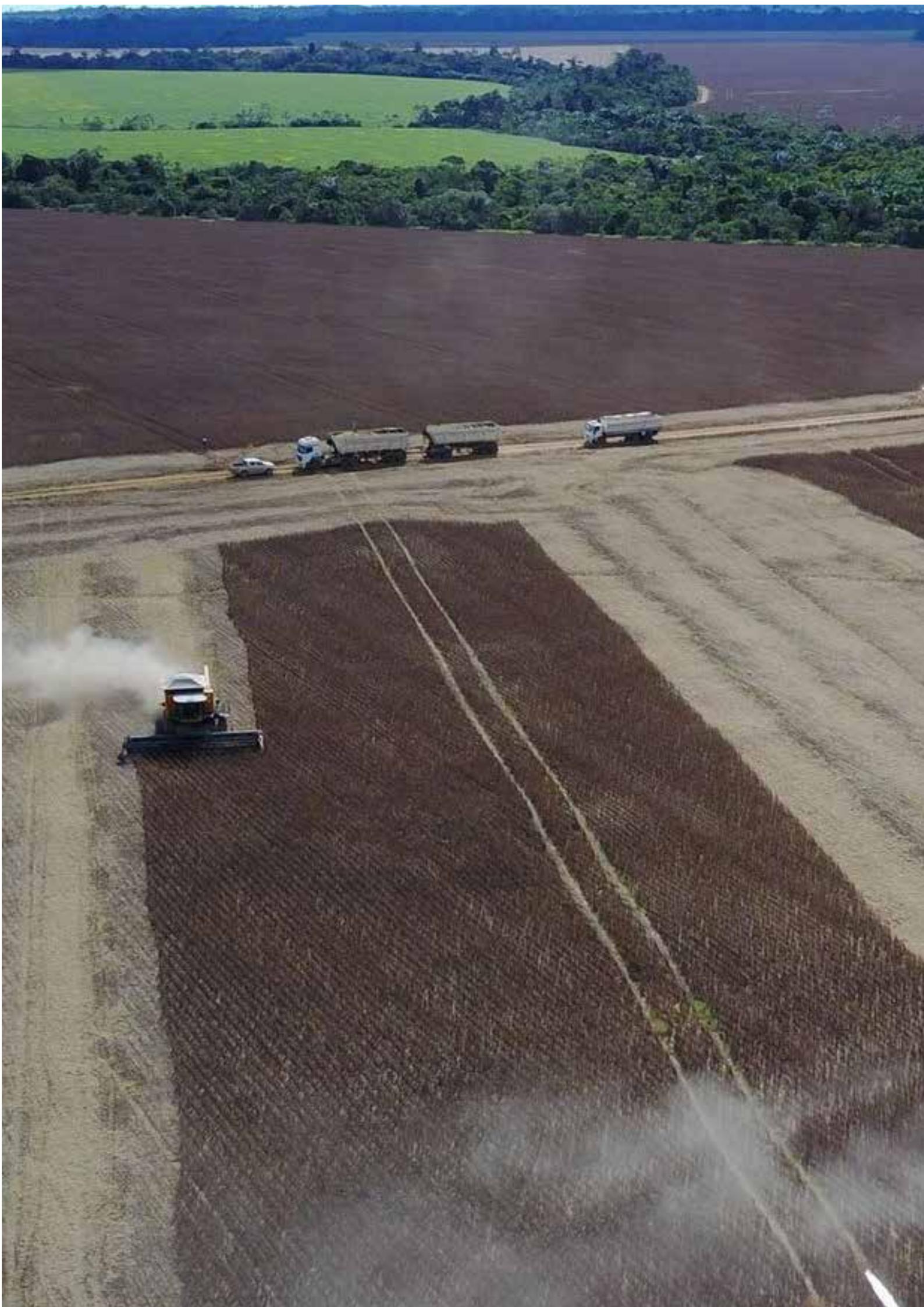


11. Balanço de oferta e demanda ----- 125

11.1. Algodão -----	125
11.2. Arroz -----	126
11.3. Feijão -----	126
11.4. Milho -----	128
11.5. Soja -----	130
11.6. Trigo -----	131



12. Calendário agrícola de plantio e colheita----- 133





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2017/18

A produção brasileira de grãos está estimada atualmente em 229,53 milhões de toneladas, para a safra 2017/18, redução de 3,4% em relação à safra anterior e 1,5% superior ao levantamento anterior, resultado, principalmente, do ganho de produtividade.

A área plantada está prevista em 61,38 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 0,8% se comparada à safra 2016/17.

Algodão: as condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento da cultura que, aliado ao ganho de área, resulta numa produção de 1,86 milhão de toneladas de pluma, 21,8% superior à safra passada.

Amendoim primeira safra: a produção, próxima do término da colheita e concentrada em São Paulo, está estimada em 501,8 mil toneladas, confirmando o resultado das condições climáticas que favoreceram à cultura.

Arroz: a produção está estimada em 11,38 milhões de toneladas, dessas, 1,19 milhão de toneladas são oriundas de cultivo em sequeiro e 10,20 advindas de áreas com plantio irrigado.

Feijão primeira safra: com o término da colheita, a produção permanece em 1,27 milhão de toneladas, 6,7% menor que na última safra.

Feijão segunda safra: a cultura, em desenvolvimento, continua em boas condições e, com o ganho de área, resulta numa produção estimada em 1,29 milhão de toneladas, sendo 543,4 mil toneladas de feijão-comum cores, 186,4 mil toneladas de feijão-comum preto e 558,3 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: com a proximidade do fim da colheita, a produção se confirma na casa dos 25,6 milhões de toneladas, 16% inferior à safra passada.

Milho segunda safra: a redução de 562,6 mil hectares em relação à safra passada resulta numa estimativa de produção de 63,02 milhões de toneladas, retração de 6,5% em relação à safra anterior.

Soja: o ganho de área e as produtividades próximas dos normais na maioria dos estados e já com recorde em toda a Região Centro-Oeste têm proporcionado produção de soja de 114,96 milhões de toneladas, 0,8% superior à safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar esse ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do sétimo levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para todas as culturas de primeira e segunda safras (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, sorgo). São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Para as culturas de segunda safra, além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio e, por isso, a Conab se utiliza

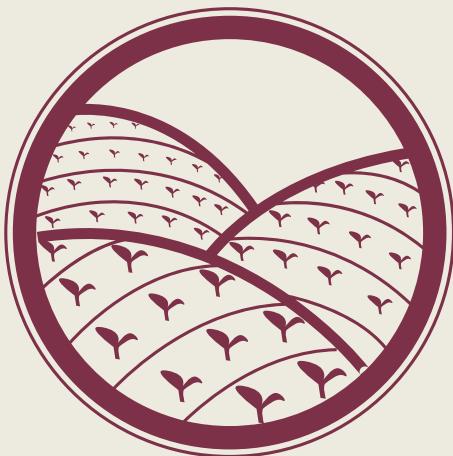
de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2017/18. Lembrando que, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.

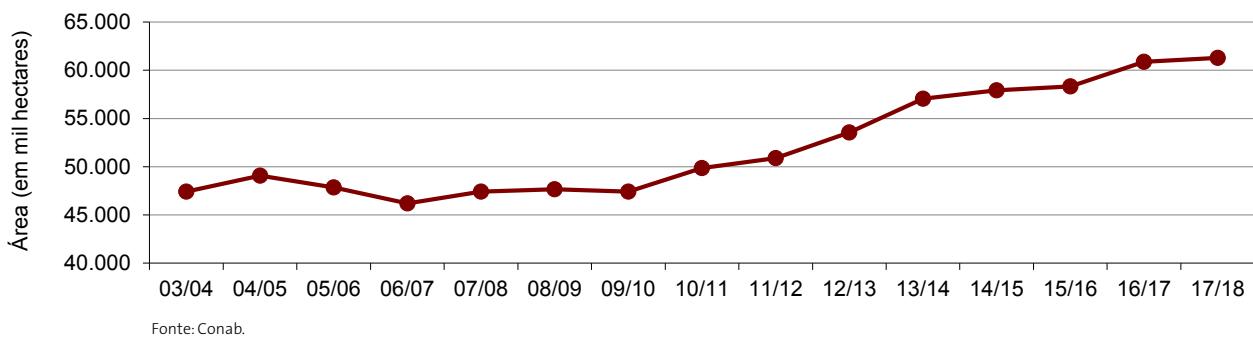




3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Com as principais culturas semeadas no país, a estimativa é de um recorde na área plantada de grãos no Brasil. O incremento estimado é de 0,6% na área para o plantio da safra 2017/18, atingindo valores acima de 61 milhões de hectares. A soja é a cultura que possui o maior ganho absoluto em área plantada (1,2 milhão de hectares), seguido do algodão (205,6 mil hectares) e do feijão segunda-safra (115,1 mil hectares), sobretudo o feijão-caupi que deve ter 165,2 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1.027,1 mil hectares.

Gráfico 1 – Comportamento da área de grãos no Brasil



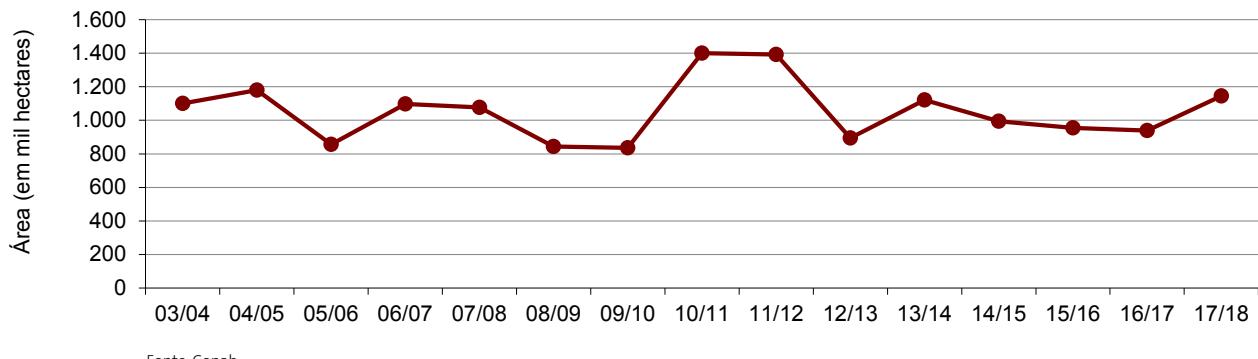
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

O incremento da área de algodão está estimado em 21,9% e torna a cultura a segunda maior em ganho absoluto de área semeada. São 205,6 mil hectares su-

perior à safra 2016/17, a maior das últimas cinco safras. A estimativa atual é que a área brasileira atinja 1.144,7 mil hectares.

Gráfico 2 – Comportamento da área de algodão no Brasil



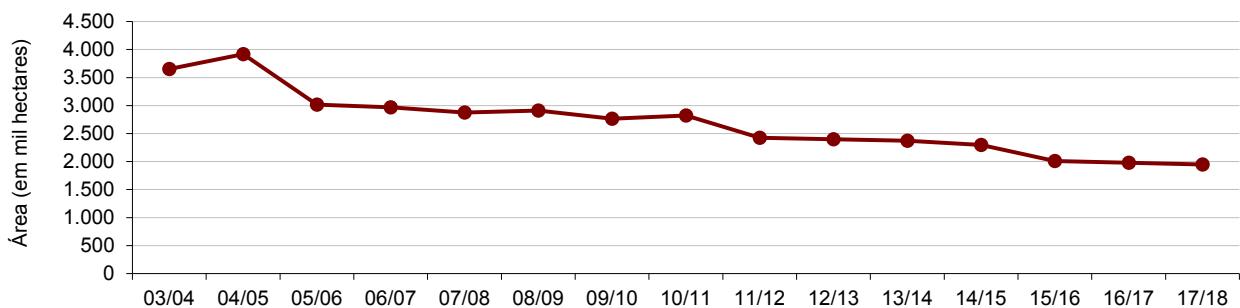
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

A restrição da cultura de arroz em área com melhor potencial de produção, aliada à redução do cultivo de arroz de sequeiro nos locais onde há reconversão de pastagens para a produção de grãos, contribui para a redução de área nessa safra, que deve atingir 1.949 mil hectares. É a sétima redução seguida na área semeada em relação ao ano anterior, contribuindo ain-

da mais para concentrar a produção de arroz do país. A expectativa é que a área brasileira de arroz seja 1,6% menor em relação à área da safra 2016/17. As áreas que foram reduzidas de sequeiro nessa safra foram substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. A redução na área irrigada decorre da rotação com outras lavouras, realizada pelos produtores.

Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz no Brasil



Fonte: Conab.

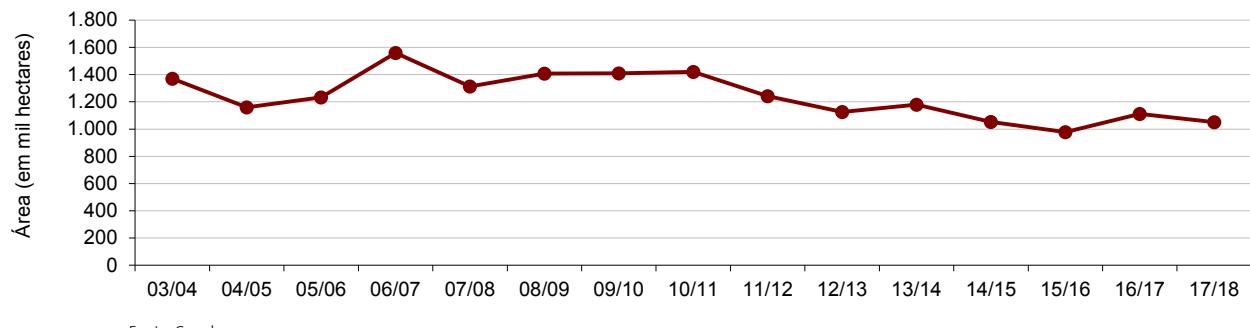


3.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Historicamente a primeira safra tem perdido área por causa da dificuldade de manejo, os problemas fitossanitários, a possibilidade de chuva durante a colheita e problemas na comercialização, vinculados às exigências de qualidade. Com isso, nessa safra se consolida mais uma redução de área, sendo 5,4% menor do que a safra passada e 23,3% menor do que a safra 2003/04.

Foram semeados 1.051,2 mil hectares, sendo 459,9 mil de comum cores, 180,6 mil de comum preto e 410,7 mil de feijão caupi/macaçar. O feijão-comum preto foi o único que apresentou aumento de área, uma vez que os efeitos elencados acima não são tão fortes nesse tipo do produto.

Gráfico 4 – Comportamento da área de feijão primeira safra - Brasil



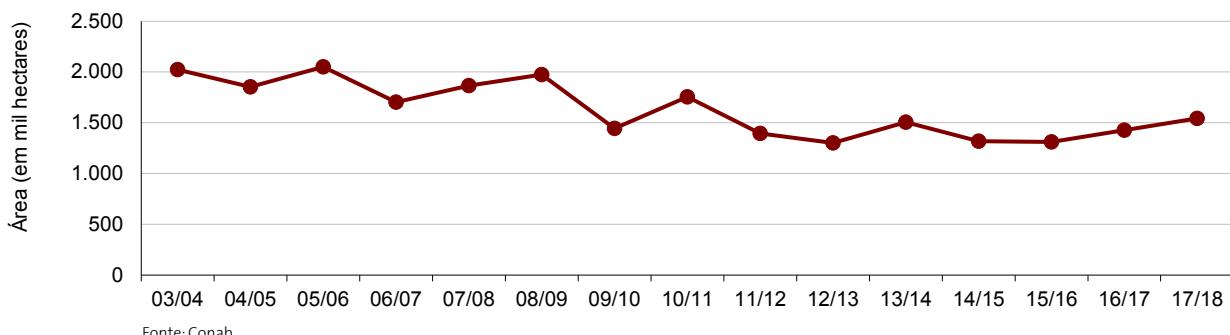
Fonte: Conab.

3.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Seguindo a tendência inversa da primeira safra, o feijão segunda safra ganhou área nessa safra, sendo o terceiro aumento seguido. Os baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país. A recuperação da área semeada na Região Nordeste, visto as condições climáticas mais favoráveis

nessa safra, também tem contribuído para tal aumento. No Paraná, porém, a estimativa é de queda na área semeada em razão da frustração do produtor decorrente das perdas na primeira safra, além do fato de que boa parte das lavouras de primeira safra tinham finalidade de produção de sementes para plantio na segunda safra.

Gráfico 5 – Comportamento da área de feijão segunda safra - Brasil



Fonte: Conab.

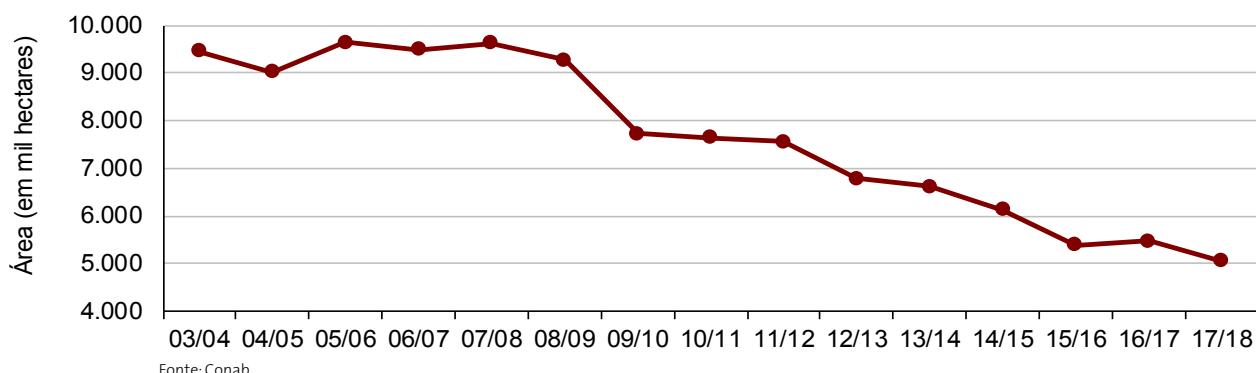
3.5. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nessa safra, os produtores investiram no plantio de soja na primeira safra em detrimento ao milho, como nas safras anteriores. A possibilidade de investir no plantio de milho na segunda safra contribui para esse fenômeno. Além disso, a grande produção da safra passada impactou os preços e afetou a comercialização da safra anterior, trazendo reflexos na área plan-

tada da safra 2017/18. Com isso, o país deve cultivar 5.060,9 mil hectares, 7,7% menor que a safra anterior, sendo a menor área semeada desde 1976/77. A recuperação na área semeada no Nordeste do país, que contribui para o abastecimento regional, não foi suficiente para evitar a redução da área no Brasil.



Gráfico 6 – Comportamento da área de milho primeira safra no Brasil



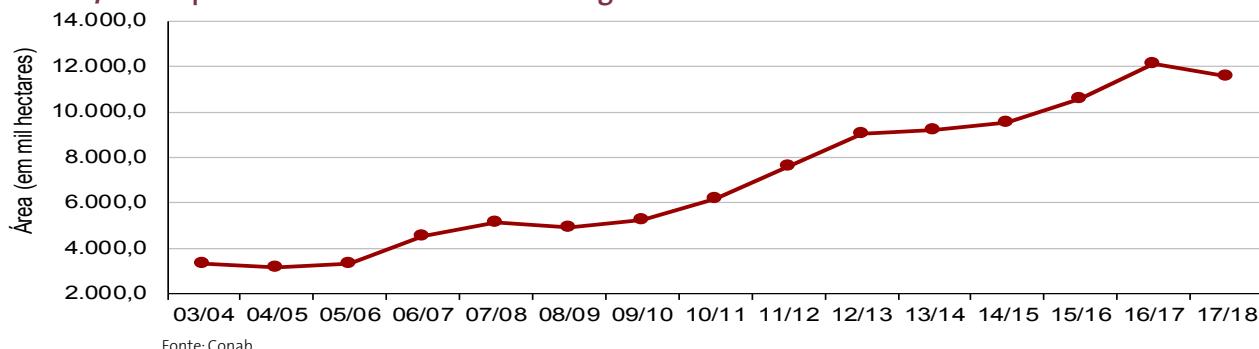
Fonte: Conab.

3.6. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com o plantio próximo do fim, há previsão de redução na área da segunda safra do cereal de 5,6%, comparado com o ano anterior. A estimativa é de plantio de

11.436,6 mil hectares. Se confirmada, será a primeira queda nos últimos nove anos.

Gráfico 7 – Comportamento da área de milho segunda safra no Brasil



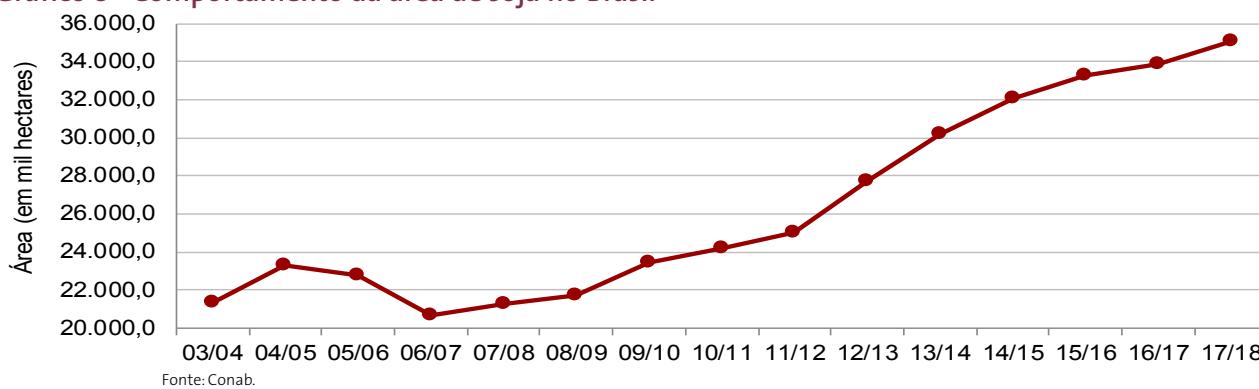
Fonte: Conab.

3.7. SOJA

A lavoura de soja tem sido a protagonista no aumento da área e produção de grãos no país. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem com que os produtores

se sintam estimulados a continuar apostando na cultura. Neste levantamento o crescimento da área está sendo estimado em 3,5% em relação ao ano passado, atingindo 35,1 milhões de hectares.

Gráfico 8 - Comportamento da área de soja no Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	939,1	1.143,4	1.144,7	21,9	205,6
AMENDOIM TOTAL	129,3	145,3	139,4	7,8	10,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	134,2	133,1	12,5	14,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,1	6,3	(42,7)	(4,7)
ARROZ	1.980,9	1.943,8	1.949,2	(1,6)	(31,7)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	511,9	517,1	(1,4)	(7,3)
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.431,9	1.432,1	(1,7)	(24,4)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.194,3	3.235,7	1,7	55,4
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.397,0	1.388,3	(4,1)	(59,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	320,3	320,3	(1,1)	(3,4)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.477,0	1.527,1	8,4	117,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.050,5	1.051,0	(5,4)	(60,0)
CORES	478,2	459,7	459,9	(3,8)	(18,3)
PRETO	174,7	180,5	180,4	3,3	5,7
CAUPI	458,1	410,3	410,7	(10,3)	(47,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.501,4	1.542,3	8,1	115,4
CORES	430,3	398,5	389,6	(9,5)	(40,7)
PRETO	134,7	125,5	125,6	(6,8)	(9,1)
CAUPI	861,9	977,4	1.027,1	19,2	165,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-
GIRASSOL	62,7	74,3	89,0	41,9	26,3
MAMONA	28,0	38,6	34,5	23,2	6,5
MILHO TOTAL	17.591,7	16.381,8	16.608,1	(5,6)	(983,6)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.992,5	5.061,5	(7,7)	(421,0)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.389,3	11.546,6	(4,6)	(562,6)
SOJA	33.909,4	35.046,5	35.089,8	3,5	1.180,4
SORGO	628,5	652,8	654,6	4,2	26,1
SUBTOTAL	58.449,9	58.620,8	58.945,0	0,8	495,1
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	340,3	340,3	340,3	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	108,4	108,4	108,4	-	-
TRIGO	1.916,0	1.916,0	1.916,0	-	-
TRITICALE	23,0	23,0	23,0	-	-
SUBTOTAL	2.439,4	2.439,4	2.439,4	-	-
BRASIL	60.889,3	61.060,2	61.384,4	0,8	495,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.





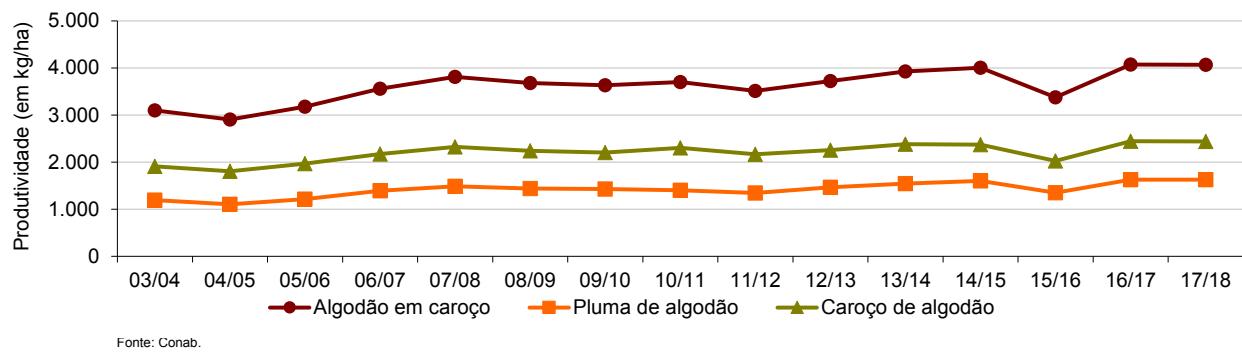
4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

O cultivo de algodão é diferente das demais culturas do país. Para que o produtor alcance rentabilidade a fim de se manter na cadeia de produção é necessário que a produção seja verticalizada. Essa verticalização consiste no produtor (ou um grupo deles) ser responsável pelo descarrocamento do produto (separação da pluma e do caroço), o que facilita a comercialização, tendo em vista que os compradores/destinatários da pluma e do caroço são diferentes, o que agrega valor ao produto.

Além disso, para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. A estimativa atual permanece próxima à do excelente resultado obtido na safra passada. Na Região Centro-Oeste, que concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades que a safra anterior, uma vez que a característica dos produtores locais é o cultivo da fibra nas áreas mais férteis das fazendas que, aliada à melhor tecnologia disponível, possibilita produtividades superiores ao de outras regiões do país.

Gráfico 1 - Comportamento da produtividade de algodão no Brasil



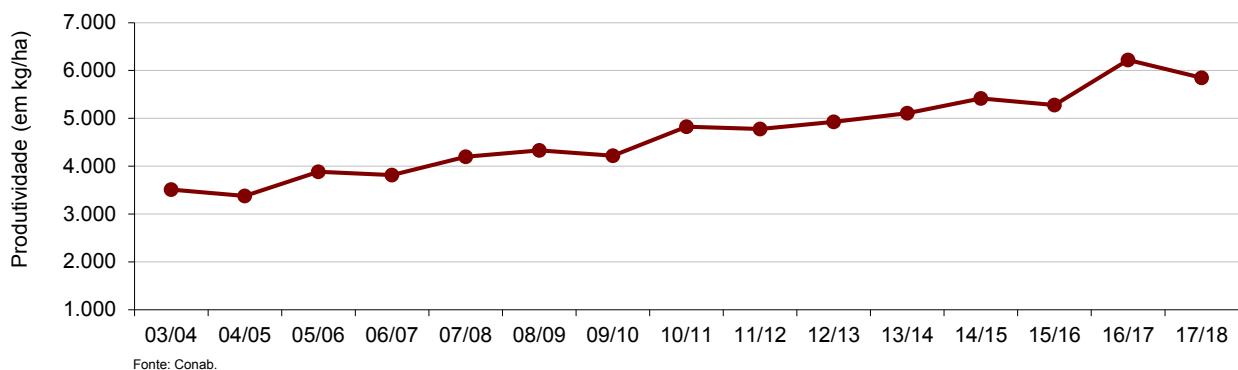
Fonte: Conab.

4.2. ARROZ

Nesse levantamento há uma redução na produtividade estimada, frente ao resultado negativo da ocorrência de temperaturas baixas entre os dias 13 e 14 de fevereiro, que poderão ter ocasionado o abortamento de flores, no Rio Grande do Sul. Contudo, a estimativa

é de produtividade próxima a safras de normalidade climática, sendo a segunda melhor da série histórica, menor apenas do que a safra anterior, que teve um excelente comportamento.

Gráfico 2 - Comportamento da produtividade de arroz no Brasil



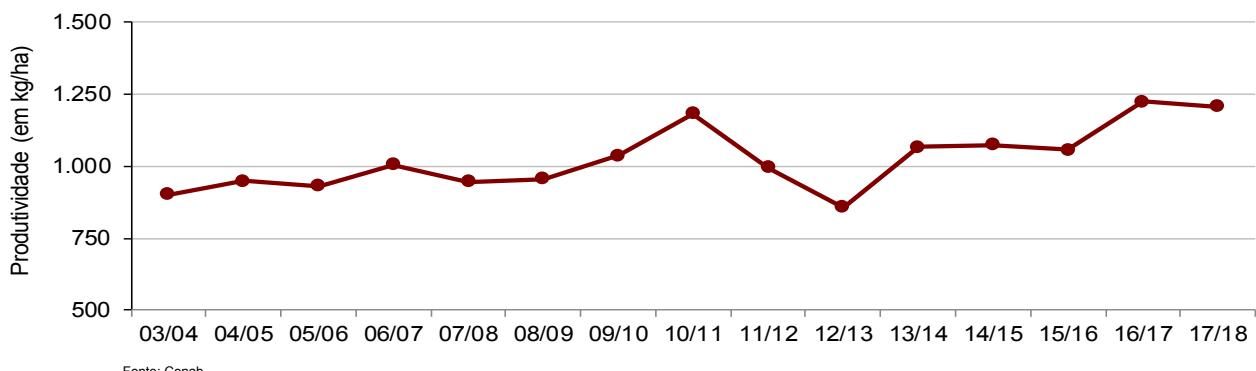
Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O cultivo de feijão na primeira safra, considerado de risco pela baixa tecnificação em algumas regiões e problemas climáticos e fitossanitários em outras, foi mais uma vez afetado. A estimativa é de redução na produtividade do feijão-comum cores (queda de 3,3%)

e mais acentuada no feijão-comum preto (11,3%), frente à ocorrência de chuvas na colheita. No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução da produtividade em 2,6%, dada às condições de plantio e baixa tecnologia utilizada para o seu plantio.

Gráfico 3 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

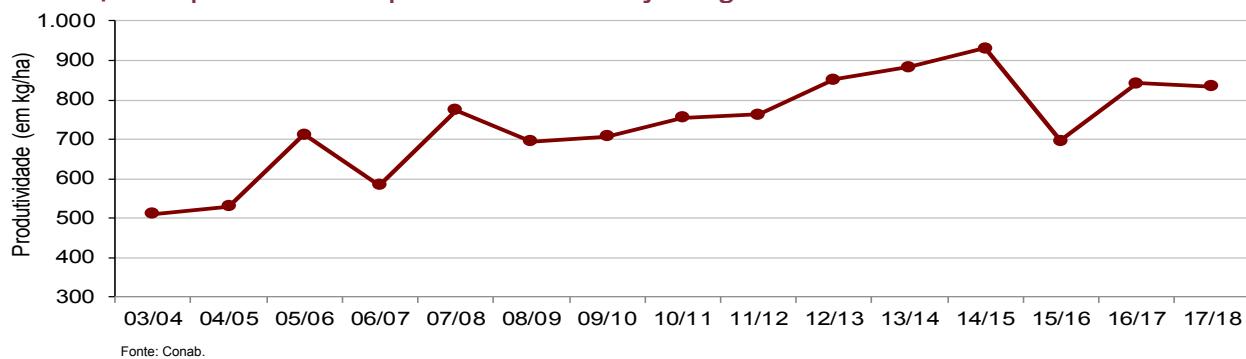


4.4. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, além dos dados de campo onde a cultura já foi implantada,

apontam para uma produtividade semelhante à safra passada, com aumento para o feijão-comum cores e preto, e redução para o feijão-caupi.

Gráfico 4 - Comportamento da produtividade de feijão segunda safra no Brasil



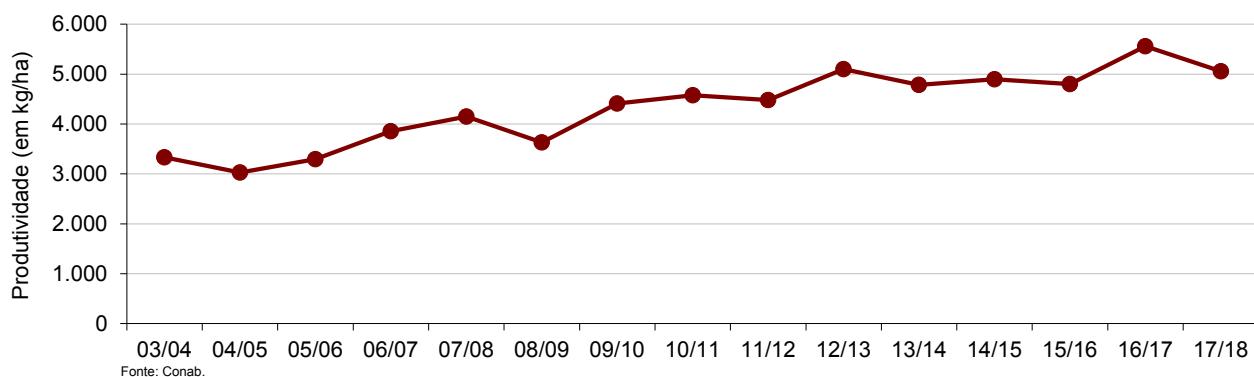
Fonte: Conab.

4.5. MILHO PRIMEIRA SAFRAS

Com a colheita caminhando para o final, confirma-se as produtividades menores do que a safra anterior. Apesar disso, pode-se considerar que a média foi muito próxima ao normal para a cultura, sendo inferior

apenas ao recorde da safra passada. Apesar da redução de 9%, frente à temporada anterior, é a terceira melhor média alcançada no país.

Gráfico 5 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

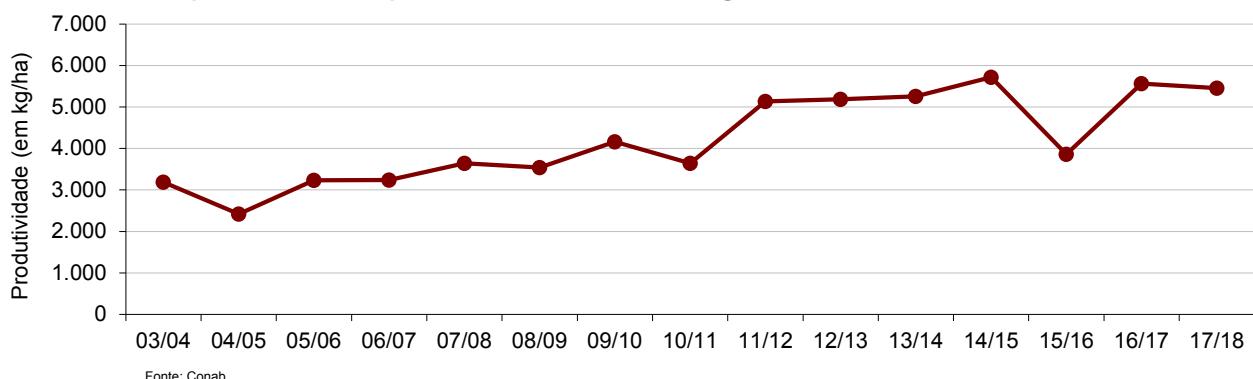
4.6. MILHO SEGUNDA SAFRAS

As estimativas iniciais, baseadas em análise estatística e no pacote tecnológico utilizado pelo produtor, apontavam para um pouco inferior à produtividade

da safra passada. A redução tem relação com a redução no pacote tecnológico utilizado pelos produtores nos principais estados produtores.



Gráfico 6 - Comportamento da produtividade de milho segunda safra no Brasil



4.7. SOJA

Com a colheita caminhando para o fim e sem problemas expressivos no desenvolvimento da cultura, à medida que a colheita avança, as produtividades constatadas tem trazido bons resultados aos produtores. A estimativa do rendimento para a safra

2017/18 (3.258 kg/ha) está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e deverá ser a segunda maior produtividade média do país. Na Região Centro-Oeste todos os estados já estão com produtividade recordes para a cultura.

Gráfico 7 - Comportamento da produtividade de soja no Brasil

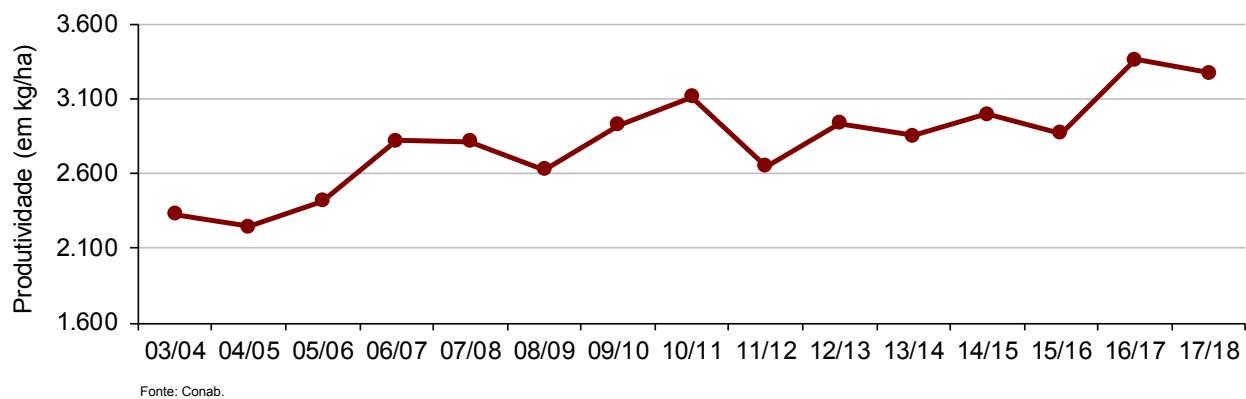


Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.445	2.432	2.440	(0,2)	(5,4)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	1.627	(0,1)	(1,7)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.438	3.679	2,0	73,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.524	3.770	1,6	60,9
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.399	1.761	(29,4)	(733,2)
ARROZ	6.223	5.802	5.841	(6,1)	(382,6)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.172	2.307	(1,7)	(39,8)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.100	7.117	(6,6)	(502,4)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.033	1.041	(2,6)	(27,7)
CORES	1.505	1.480	1.495	(0,7)	(10,1)
PRETO	1.568	1.510	1.552	(1,1)	(16,7)
CAUPI	506	507	522	3,0	15,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.189	1.207	(1,4)	(17,4)
CORES	1.779	1.719	1.727	(2,9)	(52,0)
PRETO	1.829	1.622	1.668	(8,8)	(160,9)
CAUPI	416	405	424	1,8	7,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	825	835	(0,8)	(6,6)
CORES	1.338	1.351	1.395	4,2	56,9
PRETO	1.338	1.444	1.483	10,8	145,1
CAUPI	516	510	524	1,4	7,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.578	1.584	(4,2)	(69,1)
MAMONA	470	487	575	22,4	105,1
MILHO TOTAL	5.562	5.328	5.336	(4,1)	(226,0)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.032	5.058	(9,0)	(498,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.458	5.458	(1,9)	(106,7)
SOJA	3.364	3.225	3.276	(2,6)	(87,9)
SORGO	2.967	2.878	2.856	(3,7)	(110,8)
SUBTOTAL	3.976	3.756	3.795	(4,6)	(181,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.862,0	2.210	2.210	18,7	348,0
CANOLA	848,0	1.264	1.264	49,1	416,0
CENTEIO	1.722,0	1.917	1.917	11,3	195,0
CEVADA	2.602,0	2.984	2.984	14,7	382,0
TRIGO	2.225,0	2.431	2.431	9,3	206,0
TRITICALE	2.326,0	2.622	2.622	12,7	296,0
SUBTOTAL	2.164	2.402	2.402	11,0	238,0
BRASIL (2)	3.903	3.702	3.739	(4,2)	-163,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.





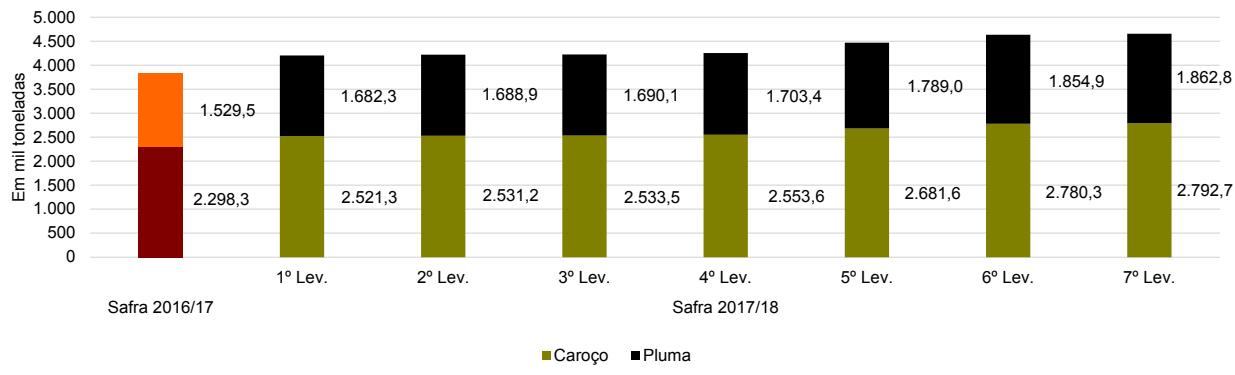
5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada para a safra 2017/18 indica um volume de 229,5 milhões de toneladas, 3.492,2 mil toneladas superior ao levantamento passado, resultado do avanço da colheita da soja e do milho primeira safra, que tem confirmado boas produtividades e uma estimativa maior da área de milho segunda safra. Apesar desse resultado ser 3,4% menor que o da última safra, o Brasil deve colher a segunda maior safra da história.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção do país, devem ter produção de 114,9 e 88,6 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 25,6 milhões de toneladas deverá ser colhido na primeira safra e 63 milhões de toneladas na segunda safra.

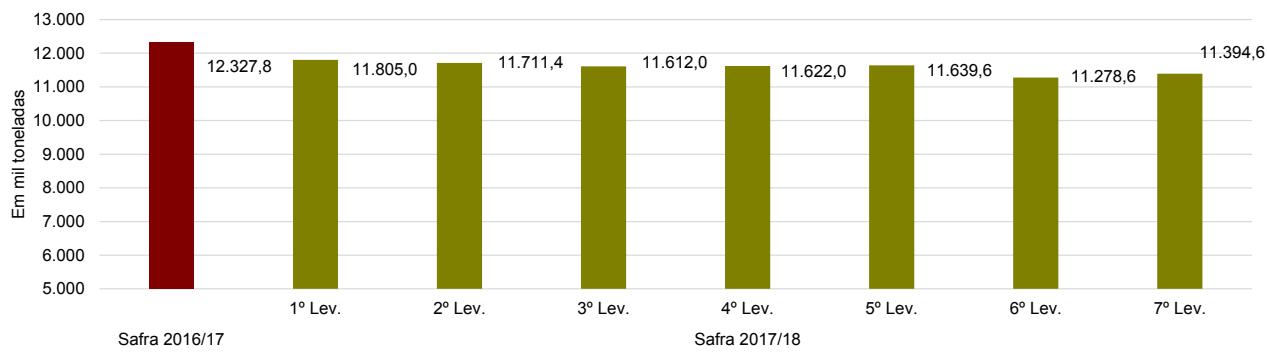
Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,9 milhão de toneladas de pluma, representando aumento de 21,8% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,29 milhão de toneladas, aumento de 7,3%.

Gráfico 1 - Comportamento da produção de caroço de algodão no Brasil



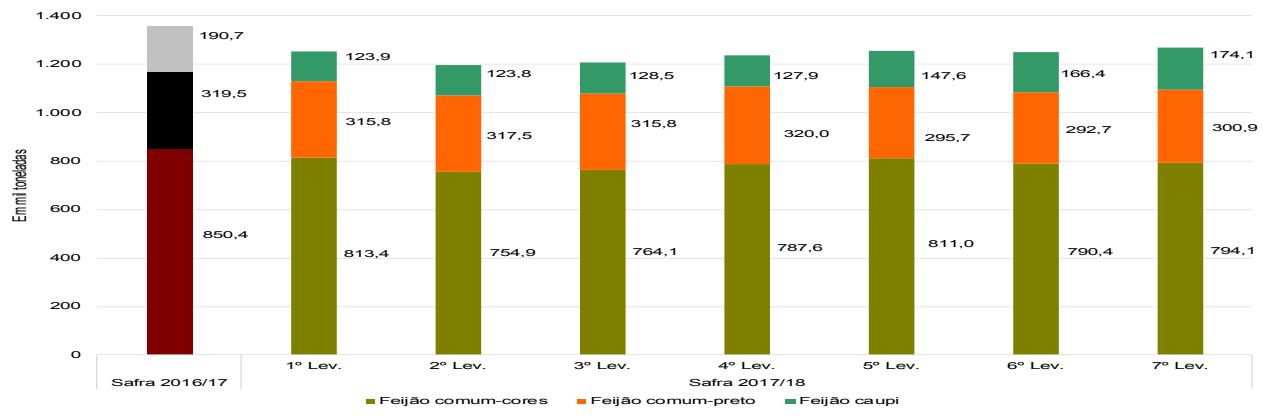
Fonte: Conab.

Gráfico 2 - Comportamento da produção de arroz no Brasil



Fonte: Conab.

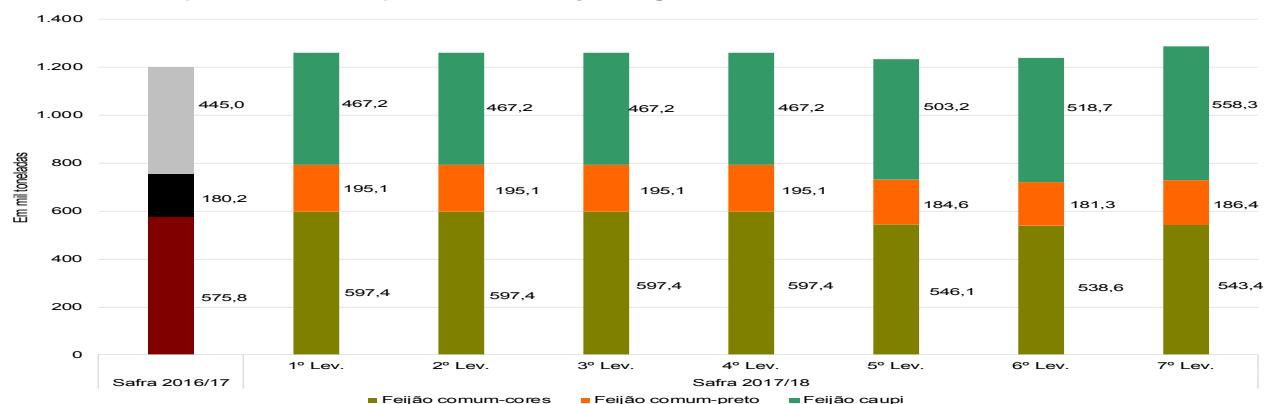
Gráfico 3 - Comportamento da produção de feijão primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

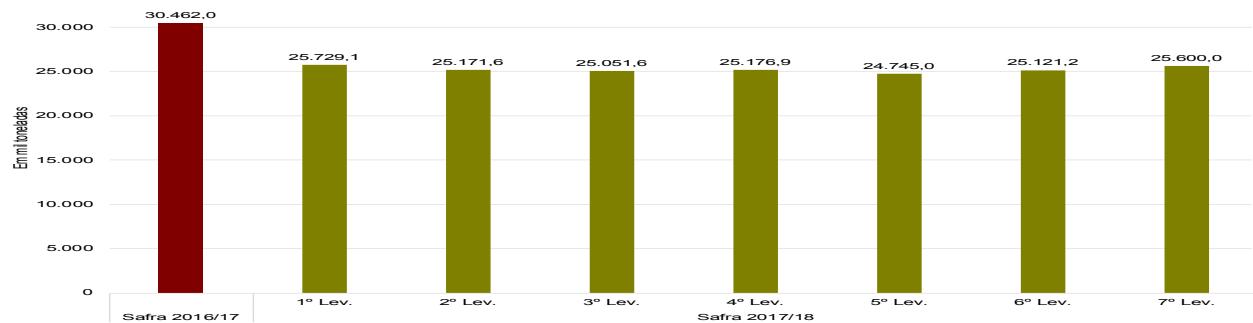


Gráfico 4 - Comportamento da produção de feijão segunda safra no Brasil



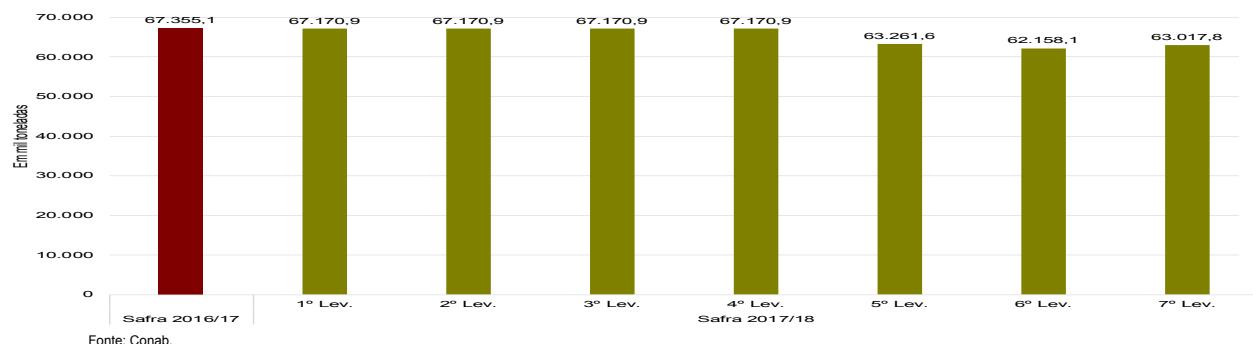
Fonte: Conab.

Gráfico 5 Comportamento da produção de milho primeira safra no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 6 - Comportamento da produção de milho segunda safra no Brasil



Fonte: Conab.



Gráfico 7 - Comportamento da produção de soja no Brasil

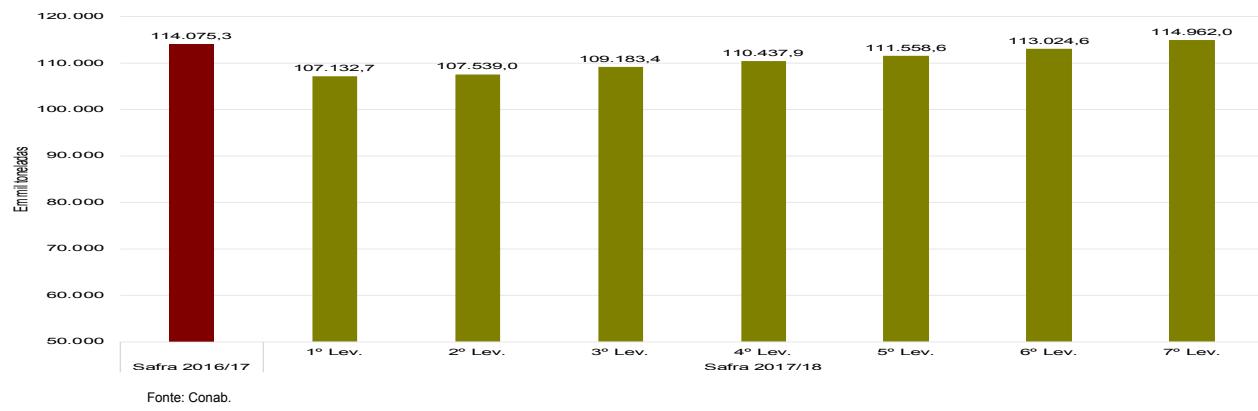


Figura 1 – Mapa da produção agrícola

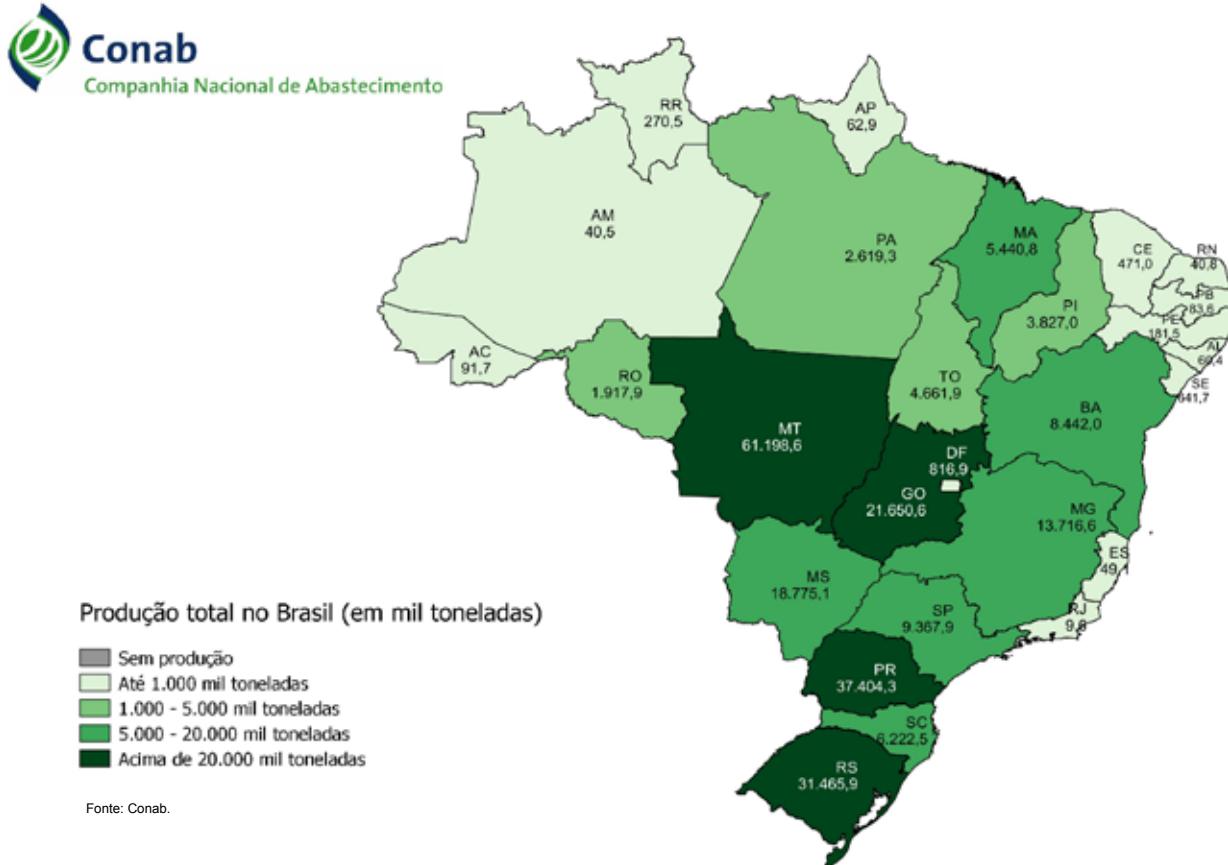


Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO	2.298,3	2.780,3	2.792,7	21,5	494,4
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.854,9	1.862,8	21,8	333,3
AMENDOIM TOTAL	466,2	499,6	512,9	10,0	46,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	473,0	501,8	14,4	63,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,6	11,1	(59,5)	(16,3)
ARROZ	12.327,8	11.278,6	11.384,7	(7,7)	(943,1)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.112,0	1.192,9	(3,1)	(37,8)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.166,6	10.191,8	(8,2)	(905,3)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.300,2	3.369,5	(0,9)	(30,0)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.067	2.076	(4,7)	(102,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	484	497	(2,1)	(10,5)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	749	797	11,7	83,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.249,5	1.268,9	(6,7)	(91,7)
CORES	850,4	790,4	794,1	(6,6)	(56,3)
PRETO	319,5	292,7	300,9	(5,8)	(18,6)
CAUPI	190,7	166,4	174,1	(8,7)	(16,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.238,6	1.288,1	7,3	87,2
CORES	575,8	538,6	543,4	(5,6)	(32,4)
PRETO	180,2	181,3	186,4	3,4	6,2
CAUPI	445,0	518,7	558,3	25,5	113,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	117,3	141,1	36,1	37,4
MAMONA	13,1	18,7	19,8	51,1	6,7
MILHO TOTAL	97.842,8	87.279,0	88.617,6	(9,4)	(9.225,2)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.121,2	25.600,0	(16,0)	(4.862,0)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	62.158,1	63.017,8	(6,5)	(4.363,1)
SOJA	114.075,3	113.024,6	114.962,0	0,8	886,7
SORGO	1.864,8	1.879,1	1.869,8	0,3	5,0
SUBTOTAL	232.391,5	219.711,1	223.670,1	(3,8)	(8.721,4)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual	Absoluta
		mar/2018 (b)	abr/2018 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	633,8	752,0	752,0	18,6	118,2
CANOLA	40,8	60,8	60,8	49,0	20,0
CENTEIO	6,2	6,9	6,9	11,3	0,7
CEVADA	282,1	323,4	323,4	14,7	41,4
TRIGO	4.263,5	4.657,0	4.657,0	9,2	393,5
TRITICALE	53,5	60,3	60,3	12,7	6,8
SUBTOTAL	5.279,9	5.860,4	5.860,4	11,0	580,6
BRASIL	237.671,4	226.037,8	229.530,5	(3,4)	(8.140,8)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			(d/c)	PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %		Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(f/e)		(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	2.984,6	1,7	3.246	3.238	(0,2)	9.527,5	9.664,7	1,4	
RR	54,8	69,1	26,1	4.210	3.915	(7,0)	230,7	270,5	17,3	
RO	553,0	547,2	(1,0)	3.371	3.505	4,0	1.864,0	1.917,9	2,9	
AC	46,8	46,4	(0,9)	1.976	1.976	-	92,5	91,7	(0,9)	
AM	19,2	18,8	(2,1)	2.214	2.154	(2,7)	42,5	40,5	(4,7)	
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.547	1,9	58,7	62,9	7,2	
PA	861,5	878,6	2,0	3.129	2.981	(4,7)	2.696,0	2.619,3	(2,8)	
TO	1.376,1	1.399,8	1,7	3.301	3.330	0,9	4.543,1	4.661,9	2,6	
NORDESTE	7.852,4	8.252,5	5,1	2.319	2.325	0,3	18.206,1	19.188,8	5,4	
MA	1.565,3	1.707,7	9,1	3.061	3.186	4,1	4.790,7	5.440,8	13,6	
PI	1.476,8	1.514,6	2,6	2.469	2.527	2,3	3.645,5	3.827,0	5,0	
CE	932,0	935,3	0,4	591	504	(14,8)	550,4	471,0	(14,4)	
RN	67,6	91,7	35,7	426	445	4,4	28,8	40,8	41,7	
PB	179,5	220,2	22,7	393	380	(3,4)	70,5	83,6	18,6	
PE	344,3	449,7	30,6	329	404	22,7	113,4	181,5	60,1	
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)	
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)	
BA	3.013,8	3.060,2	1,5	2.681	2.759	2,9	8.081,1	8.442,0	4,5	
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.281,0	1,3	4.144	4.052	(2,2)	103.449,8	102.441,2	(1,0)	
MT	15.119,1	15.333,7	1,4	4.100	3.991	(2,7)	61.986,5	61.198,6	(1,3)	
MS	4.441,3	4.494,8	1,2	4.229	4.177	(1,2)	18.784,2	18.775,1	-	
GO	5.241,5	5.291,1	0,9	4.173	4.092	(1,9)	21.873,1	21.650,6	(1,0)	
DF	161,7	161,4	(0,2)	4.985	5.061	1,5	806,0	816,9	1,4	
SUDESTE	5.486,0	5.500,7	0,3	4.221	4.207	(0,3)	23.157,8	23.143,2	(0,1)	
MG	3.372,7	3.290,5	(2,4)	4.175	4.169	(0,2)	14.080,0	13.716,6	(2,6)	
ES	24,0	23,8	(0,8)	2.058	2.063	0,2	49,4	49,1	(0,6)	
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	2.133	10,1	9,3	9,6	3,2	
SP	2.084,5	2.181,9	4,7	4.327	4.293	(0,8)	9.019,1	9.367,9	3,9	
SUL	19.652,4	19.365,6	(1,5)	4.240	3.878	(8,5)	83.330,2	75.092,6	(9,9)	
PR	9.732,7	9.471,7	(2,7)	4.197	3.949	(5,9)	40.851,4	37.404,3	(8,4)	
SC	1.312,8	1.266,2	(3,5)	5.303	4.914	(7,3)	6.962,1	6.222,5	(10,6)	
RS	8.606,9	8.627,7	0,2	4.127	3.647	(11,6)	35.516,6	31.465,9	(11,4)	
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.237,1	4,2	2.571	2.568	(0,1)	27.733,6	28.853,5	4,0	
CENTRO-SUL	50.102,0	50.147,3	0,1	4.190	4.002	(4,5)	209.937,8	200.677,0	(4,4)	
BRASIL	60.889,3	61.384,4	0,8	3.903	3.739	(4,2)	237.671,4	229.530,5	(3,4)	

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.





6. CRÉDITO RURAL

As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco de janeiro a fevereiro de 2013 a 2018.

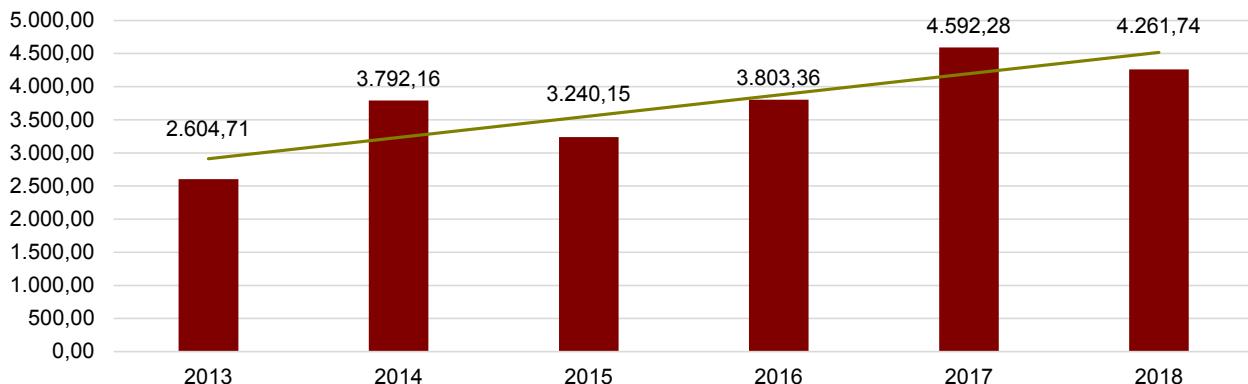
O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 5 de março 2018, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro e fevereiro de 2018 tem queda em relação ao ano imediatamente anterior, cerca de 7,2%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é somente inferior a 2017. Para o Financiamento

sem Vínculo a Programa Específico o volume foi de R\$ 3,04 bilhões de reais, para o Pronamp o volume observado foi de R\$ 774,46 milhões de reais e para o Pronaf o total de aporte foi de R\$ 452,11 milhões.

Gráfico 1 – Financiamento por Programa – Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018

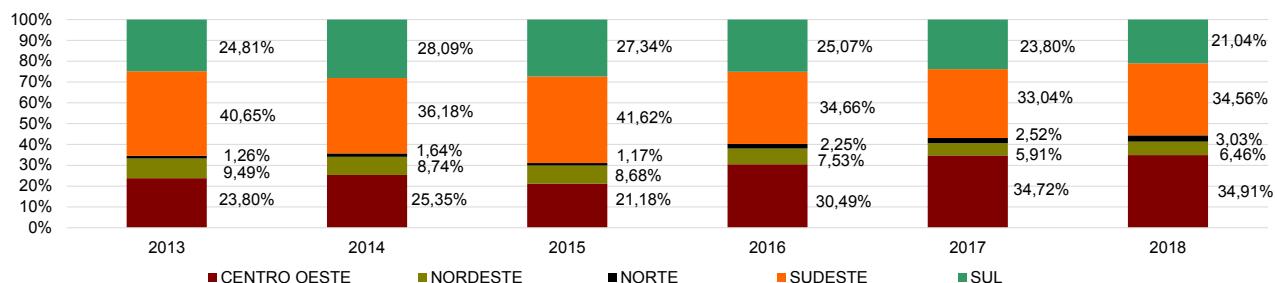


Fonte: Bacen.

O Gráfico 2 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica. Observam-se algumas alterações na composição do aporte, por região, com diminuição da participação da Região Sul. Além disso, pode-se perceber uma manutenção na participação da Região Centro-Oeste.

Por outro lado, a Região Sudeste, Norte e Nordeste apresentaram crescimentos na participação do valor disponibilizado para o crédito rural, em um âmbito nacional. Nessas regiões há eventos de plantio, manejo e colheita.

Gráfico 2 – Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo

como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

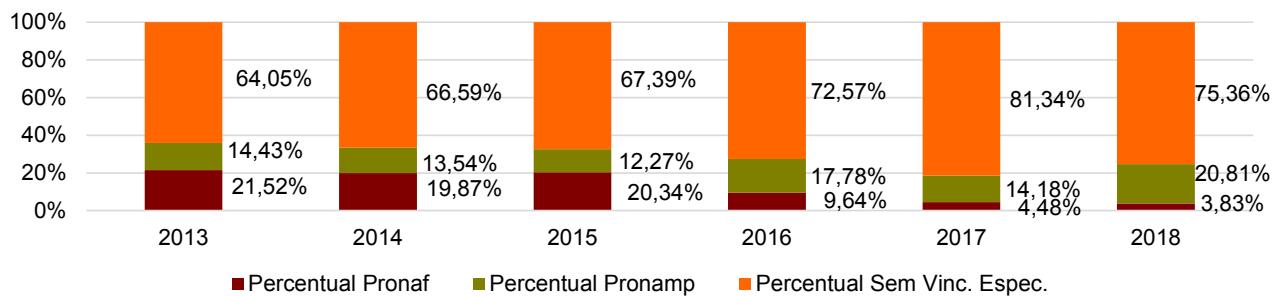
6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 3 se destacam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp, quando comparadas ao aporte observado sem vínculo à programa específico. Todavia, para o acumulado janeiro a fevereiro de 2018 observa-se um incremento

na participação do Pronamp e diminuição no aporte sem vínculo à programa específico. A utilização do crédito do Pronaf tem redução consistente no período em análise.



Gráfico 3 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018

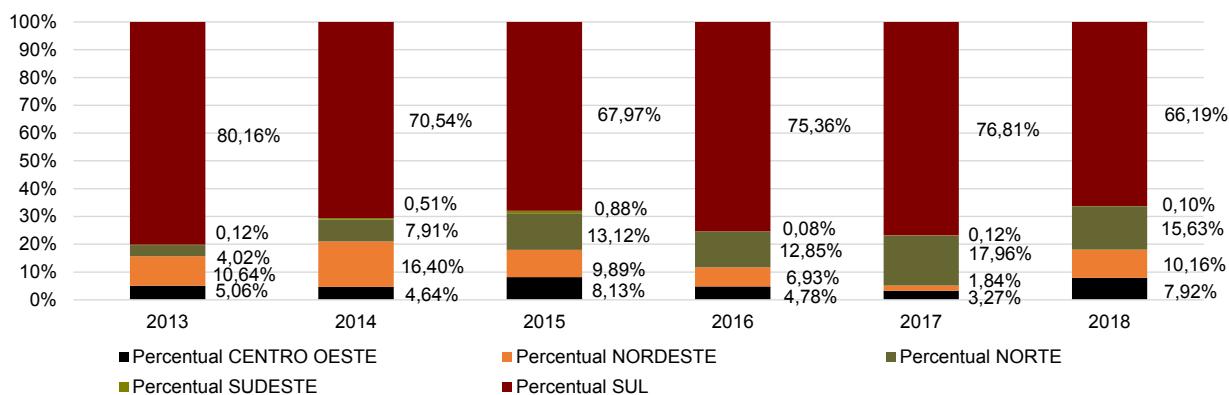


Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 4). É importante destacar a retoma-

da da utilização do crédito para as Regiões Nordeste (plantio) e Centro-Oeste (fim de plantio e início de colheita).

Gráfico 4 – Arroz - Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



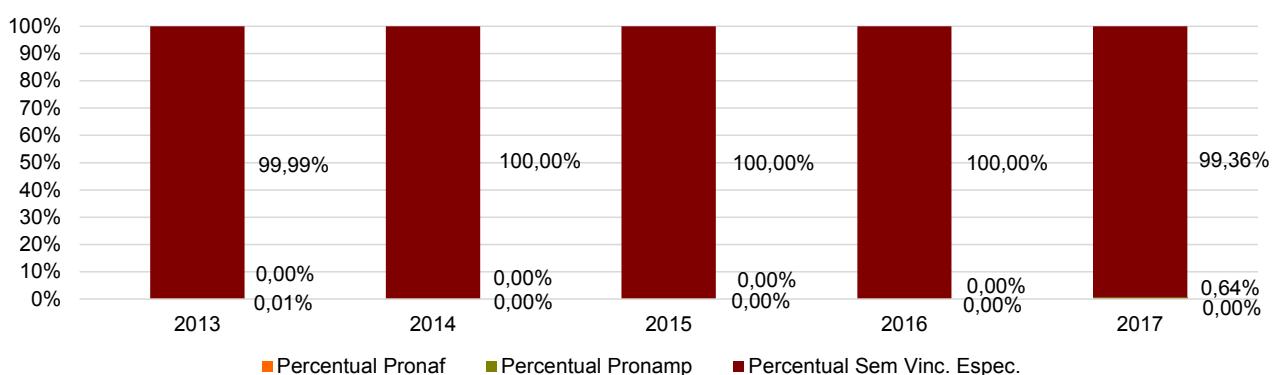
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo Específico (Gráfico 5). Para o acumulado entre janeiro e fevereiro de 2018, observa-se um incremento na

obtenção de crédito para custeio do algodão (13,64%), esse fator pode ser explicado pela estimativa de aumento da área para safra 2017/18, por volta de 21%.

Gráfico 5 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



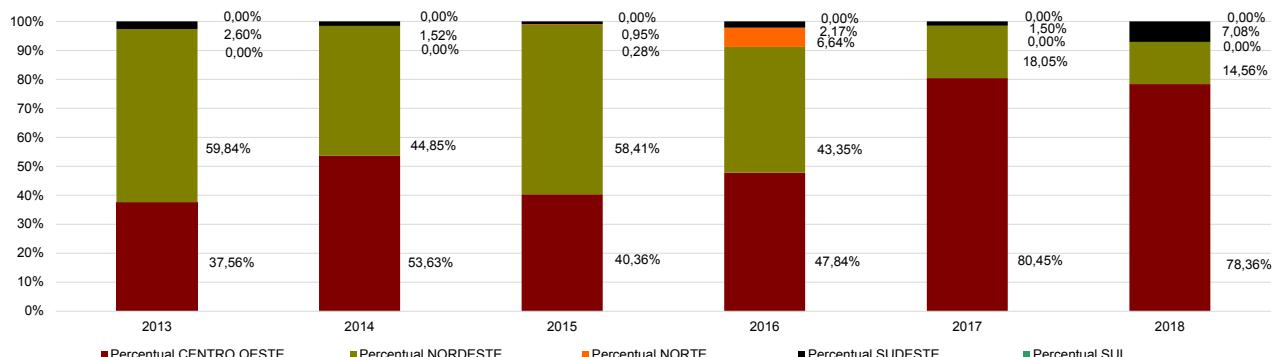
Fonte: Bacen.



A Região Centro–Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 6. É importante ressaltar que o aumento no aporte para

o acumulado entre janeiro e fevereiro de 2018, quando comparado ao ano anterior, no montante de R\$ 6 milhões (10,7%), explica-se pelo aumento de área de plantio.

Gráfico 6 –Algodão –Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

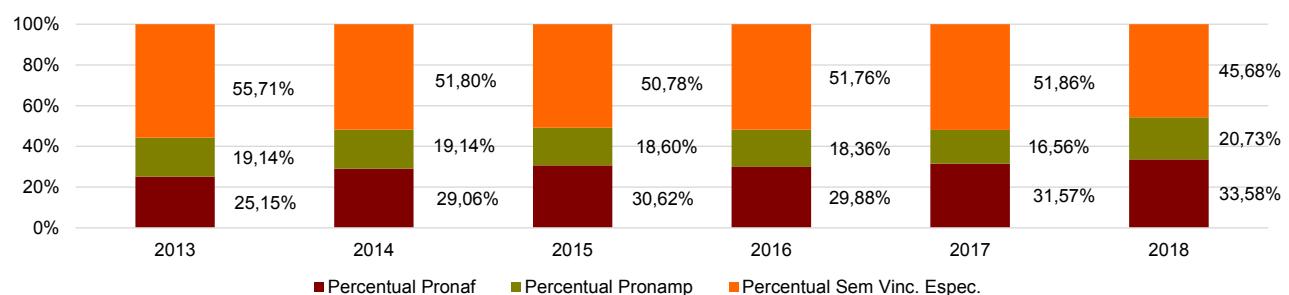
6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão, observam-se os seguintes valores para o aporte, em cada tipo de programa: para o aporte Sem Vínculo à Programa Específico o valor foi de R\$ 50 milhões, para o Pronamp o valor encontrado foi de 22,69 milhões de reais e, por fim, para o Pronaf o montante foi de R\$ 36,75. Esses valores correspondem

aos seguintes percentuais: -17,01%; 17,95% e 0,23%, respectivamente, quando comparados ao mesmo período de 2017.

O Gráfico 7 apresenta a participação de cada programa no total do aporte para os anos de 2013 a 2018.

Gráfico 7 - Feijão – Participação de programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



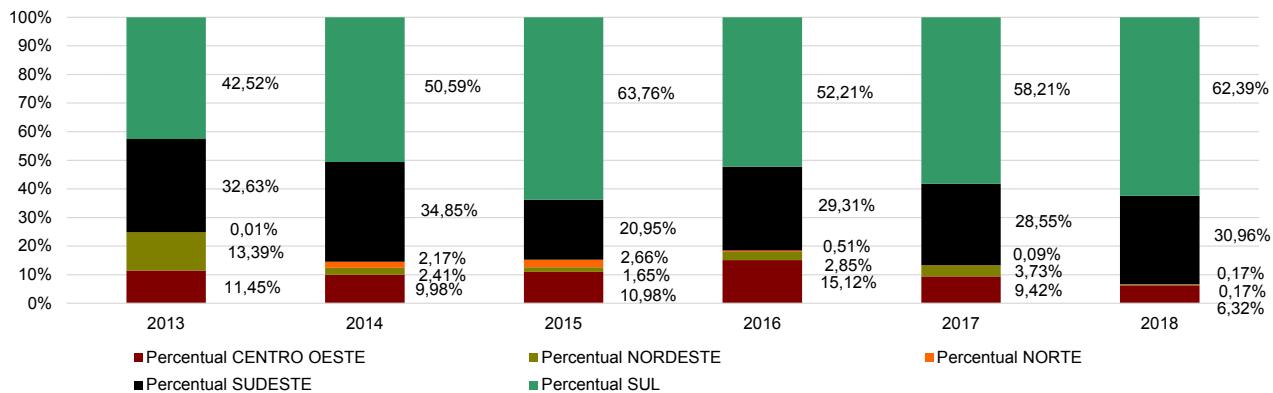
Fonte: Bacen.

Para a Região Sul, o valor do aporte foi de 66,63 milhões de reais em 2018, esse valor pode ser compreendido como uma manutenção do valor buscado na mesma região, para o ano de 2017 (R\$ 67 milhões). As

maiores regiões produtoras são a Região Sul e o Centro – Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 8 são compatíveis com as principais regiões produtoras.



Gráfico 8 – Feijão - Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



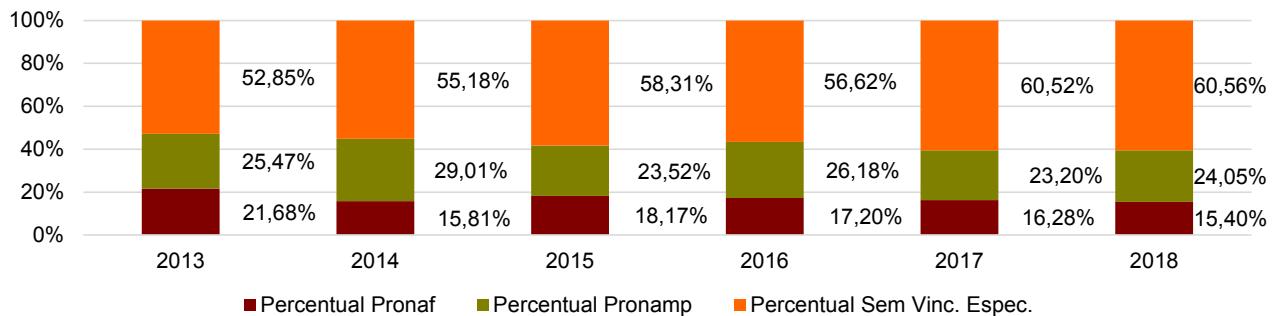
Fonte: Bacen.

6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado entre janeiro e fevereiro de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 1,28 bilhão de reais, esse valor é cerca de 10% menor ao observado no mesmo período de 2017. Todavia, a dis-

tribuição da participação de cada um dos programas de custeio federal se manteve estável na comparação de 2018 e 2017.

Gráfico 9 – Milho - Participação de programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



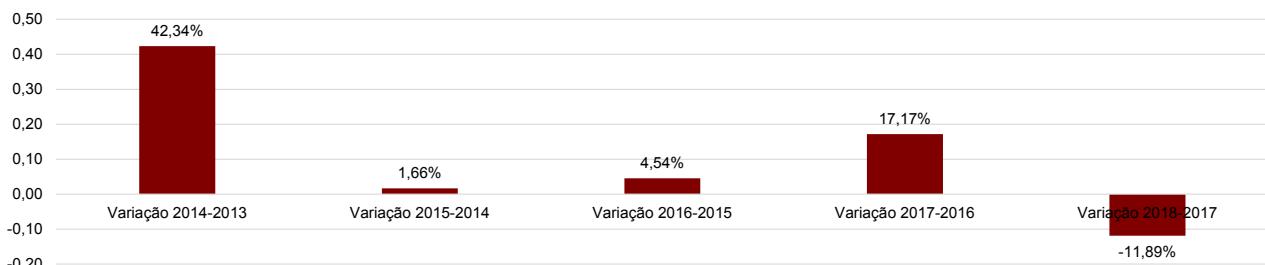
Fonte: Bacen.

O milho é uma cultura peculiar, no que se refere a sua abrangência no território nacional. Isso posto, é salutar apresentar os valores observados para cada uma das regiões brasileiras. As maiores regiões produtoras, o Centro-Oeste e o Sul, apresentam movimento de queda no valor aportado, quando comparado 2018 a 2017, com quedas de 11,89% e 10,96% respectivamente.

A Região Sudeste também apresenta movimento de diminuição, 21,85%.

Os Gráficos 10 e 11 representam graficamente a evolução das variações desde 2013 para as Regiões Centro-Oeste e Sul, respectivamente. Essa redução pode ser explicada pelo menor volume de plantio.

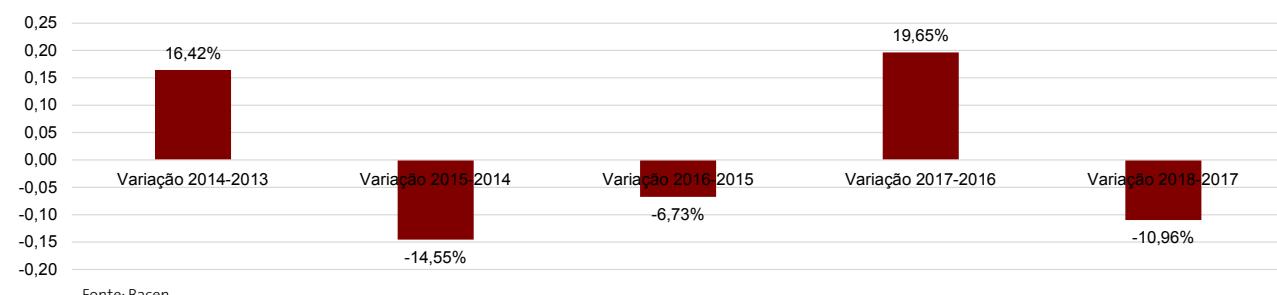
Gráfico 10 – Milho – Centro-Oeste - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Gráfico 11 – Milho – Sul - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018

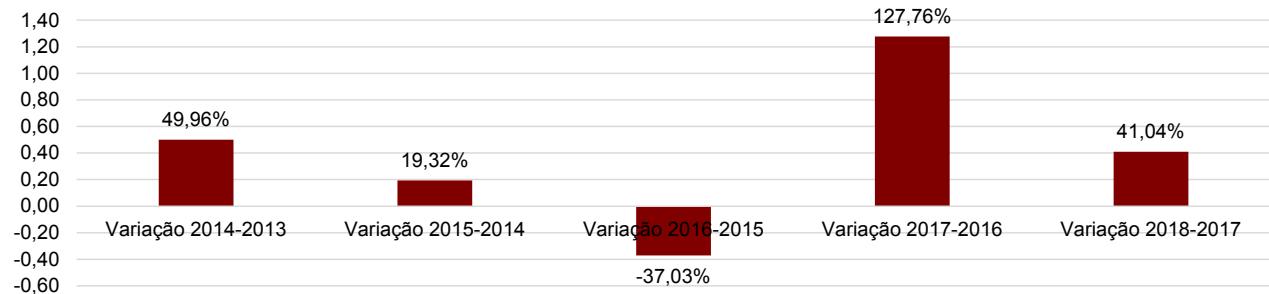


Fonte: Bacen.

Já para o Norte-Nordeste foram observados incrementos no aporte e os valores absolutos tem as seguintes magnitudes R\$ 85,37 milhões para o Nordeste e R\$ 41,33 milhões para o Norte. Esses valores representam, respectivamente, 41,04% e 6,3% de aumento.

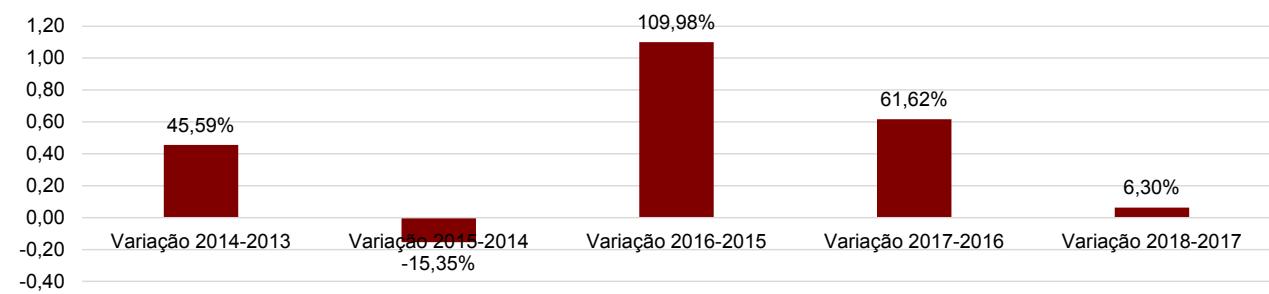
Os Gráficos 12 e 13 representam graficamente a evolução das variações desde 2013 para as Regiões Nordeste e Norte, respectivamente. Pode-se inferir que a retomada de plantio na região nordestina tem relação com a melhoria climática.

Gráfico 12 – Milho – Nordeste - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 13 – Milho – Norte - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

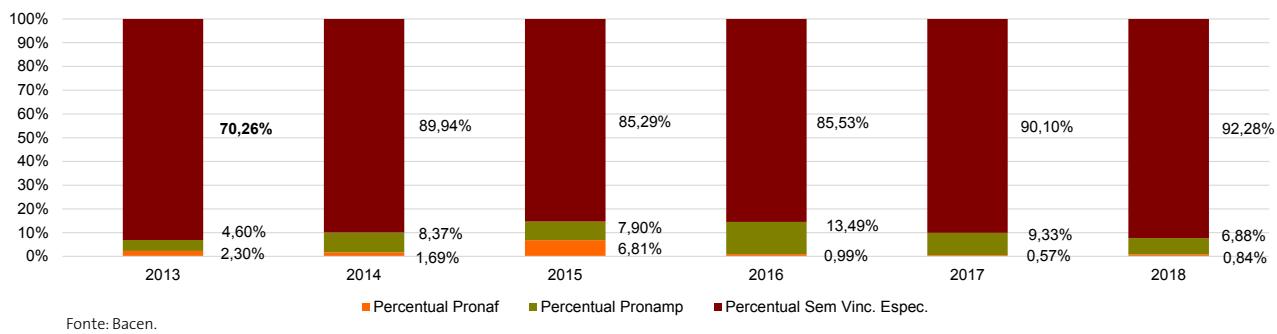
6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado entre Janeiro e fevereiro de 2018 foi de R\$ 1,07 bilhão de reais. A distribuição das participações de cada programa de crédito manteve-se

a tendência de aumento para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico.



Gráfico 14 – Soja - Participação de programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018

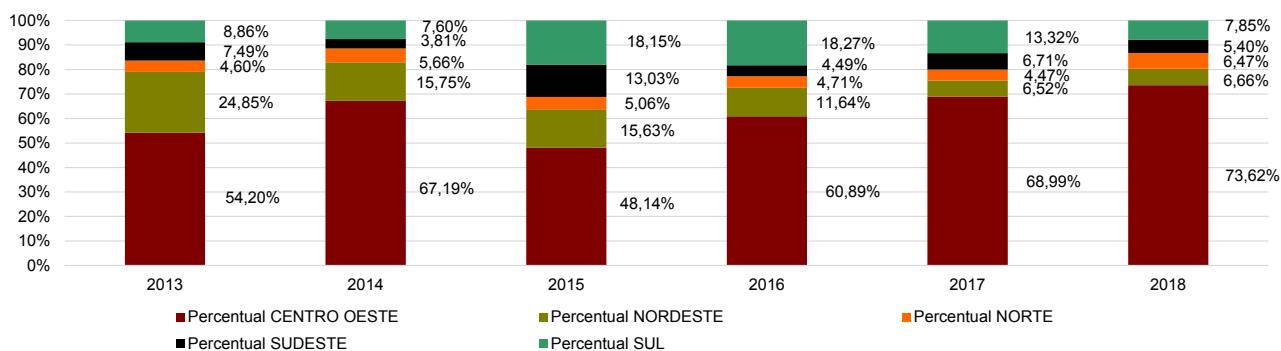


Fonte: Bacen.

No escopo das regiões brasileiras se observa a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da oleagi-

nosa. A região supracitada corresponde a quase três quartos do valor total disponibilizado. O Gráfico 15 representa graficamente a superioridade dessa região.

Gráfico 15 – Soja – Participação por região – Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



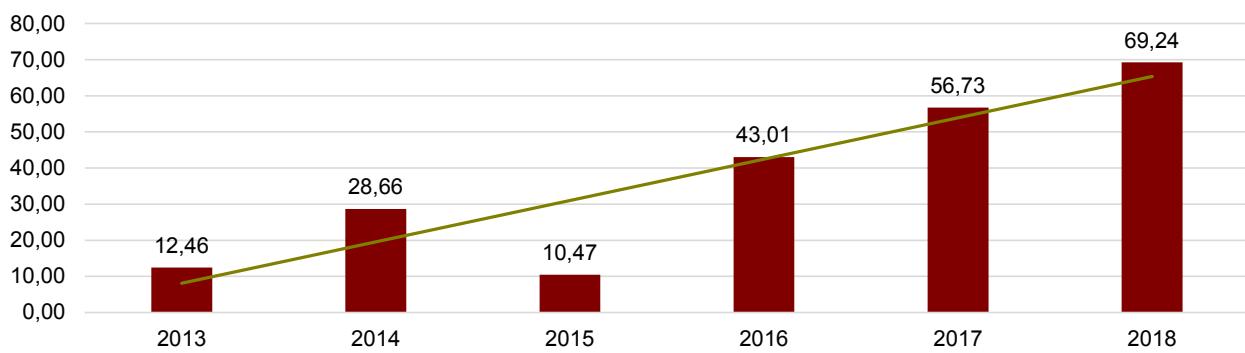
Fonte: Bacen.

Todavia, é de real importância ressaltar o aumento na participação da Região Norte na participação do crédito disponibilizado. Além disso, essa região foi a única que apresentou crescimento no valor de aporte relativo ao ano anterior, que passou de R\$ 56,73 milhões em 2017 para R\$ 69,24 milhões em 2018, no acumulado de janeiro a fevereiro. Esse au-

mento pode ser explicado pelo avanço do plantio da soja.

O Gráfico 16 apresenta a evolução histórica do valor total aportado para essa região desde 2013, que pode reafirmar o constante ímpeto dessa nova fronteira na Região Norte.

Gráfico 16 – Soja – Norte – Janeiro a fevereiro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

As Regiões Centro-Oeste e Sudeste registraram totais predominantemente dentro da faixa normal ou acima, variando entre 120 e 400 mm (Figura 1). Na Região Centro-Oeste, as chuvas foram mais intensas em Mato Grosso, por exemplo, em Diamantino, onde choveu em praticamente todos os dias, resultando em um volume acima de 450 mm, 100 mm acima da média histórica (Figura 2). Na Região Sudeste, os maiores volumes se concentraram em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e litoral de São Paulo, com totais de chuva entre 150 e 300 mm.

Na Região do Matopiba (sul do Maranhão, Tocantins, sul do Piauí e oeste da Bahia), as chuvas ficaram dentro da faixa normal ou acima, em março. Destaque para o centro-norte do Tocantins, com volume total observado acima de 300 mm. Na mesorregião Oeste da Bahia e no sul do Maranhão e do Piauí, a precipitação total ficou entre 150 e 250 mm.

No semiárido, após um fevereiro marcado por chuvas significativas, a irregularidade na distribuição espacial e temporal – inclusive com ocorrência de veranicos – resultou em áreas com totais acima e abaixo da média em março. Mesmo nas localidades onde o total acumulado ficou próximo ou acima da média, as chuvas praticamente ficaram concentradas em poucos dias no início e no final do mês.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meterologista do Inmet-Brasília.

Na Região Sul, as chuvas ficaram acima da média na maioria das localidades (Figura 1). No Paraná, os volumes ficaram entre 150 e 300 mm, e no Rio Grande do

Sul e Santa Catarina, os totais ficaram entre 120 e 250 mm.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em março de 2018 no Brasil

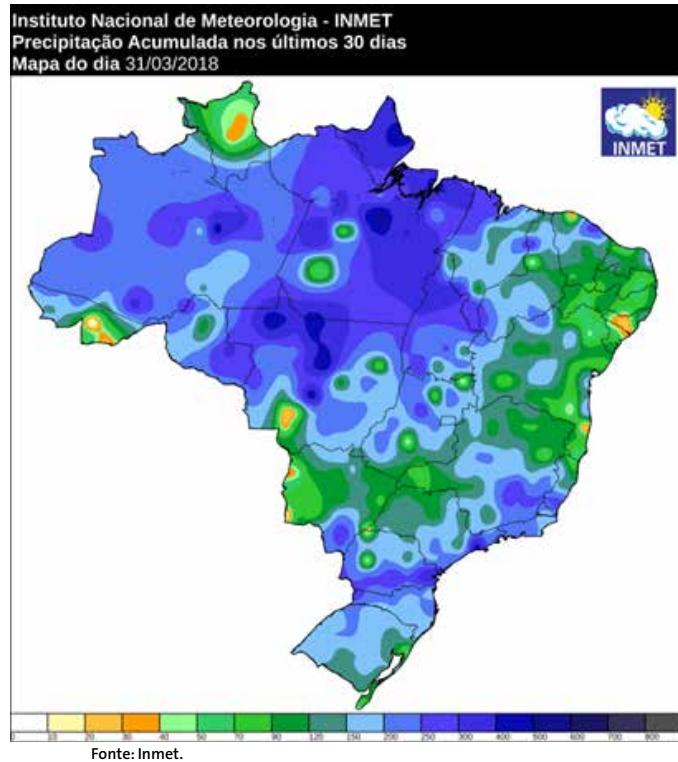
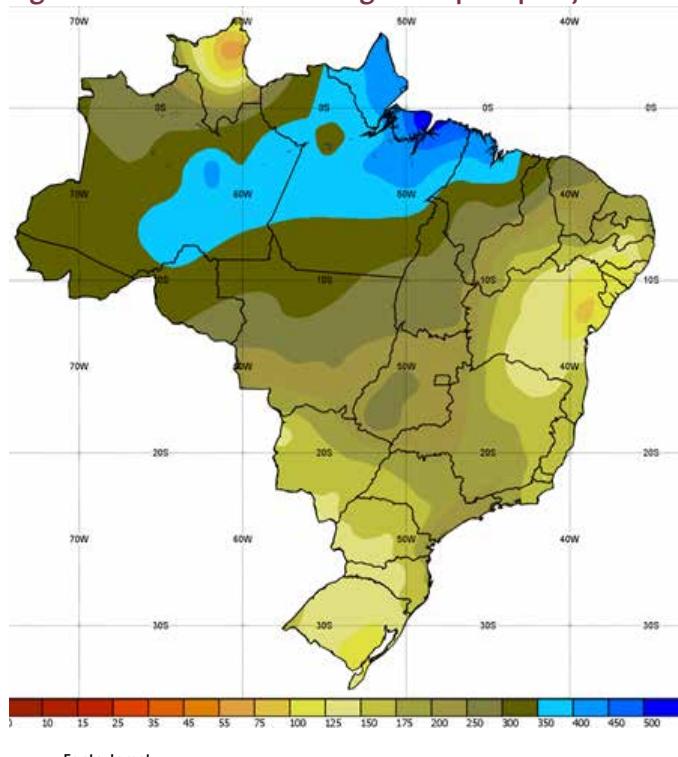


Figura 2 - Normal climatológico de precipitação de fevereiro



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

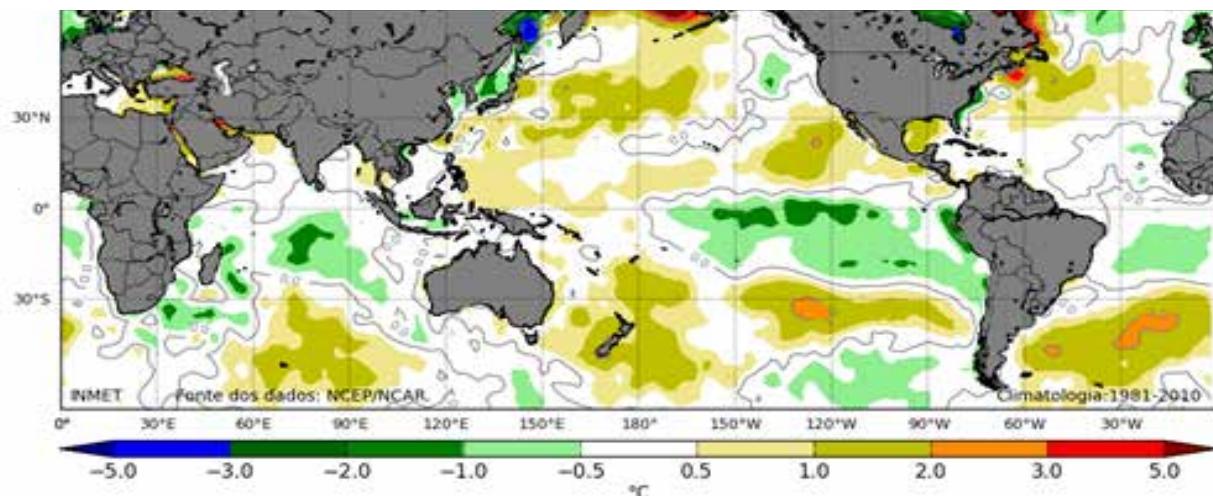
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de fevereiro (Figura 3) mostra o predomínio de áreas com anomalias negativas em torno de -1°C no Oceano Pacífico Equatorial.

Nas últimas semanas, o Pacífico apresentou um leve aquecimento na área 3.4 (entre 170°W-120°W), atin-

gindo desvio em torno de -0,7°C, como mostra o gráfico de índice diário de El Niño/La Niña até o dia 3 de abril (Figura 4).

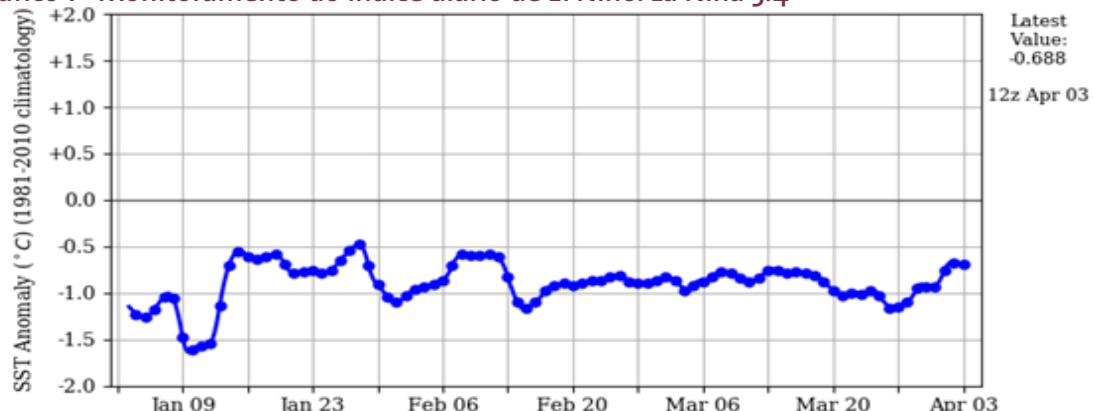
Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre +0,5 e -0,5°C.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 16 a 31 de março/2018



Fonte: Inmet.

Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



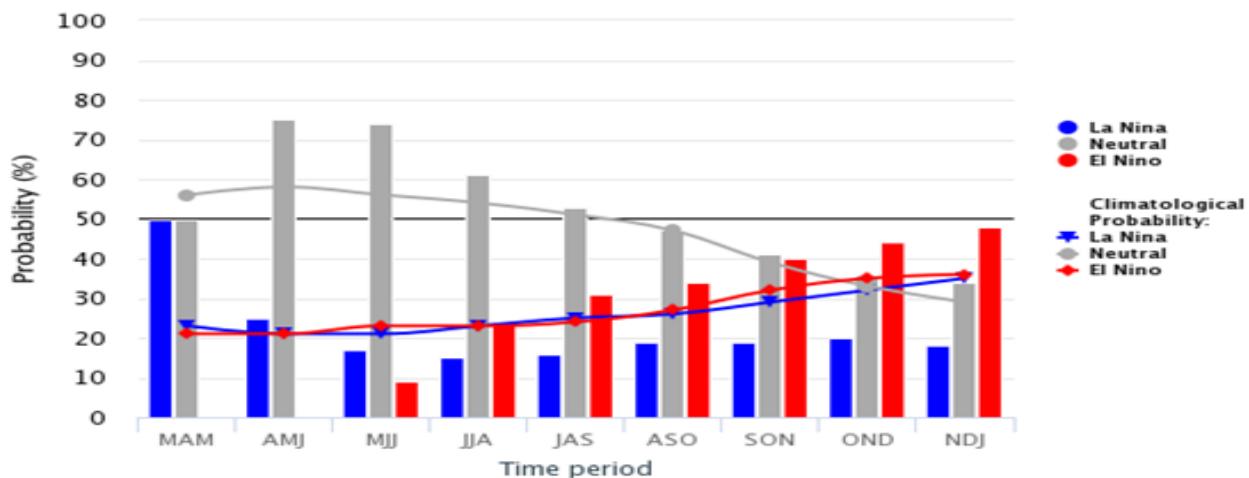
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma maior probabilidade de enfraquecimento do La Niña com gradativa substituição por uma fase de neutralidade no Pacífico Equatorial durante o trimestre-março-abril-maio de 2018 (Figura 5). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, a fase de

neutralidade poderá se estabelecer até o final do outono do hemisfério sul. Devido às oscilações das temperaturas na superfície do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas em outras áreas oceânicas, como no Atlântico, e das atualizações dos modelos de previsão.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO-ABRIL-MAIO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades (Figura 6). O início do período poderá apresentar baixa pluviometria em quase toda a região, principalmente no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet apresenta maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal na maior parte de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e oeste de São Paulo. O modelo apresenta áreas com probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal em Goiás, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Espírito Santo e em parte de São Paulo. Ressalta-se que esse trimestre é caracterizado

por baixa pluviometria nessas regiões.

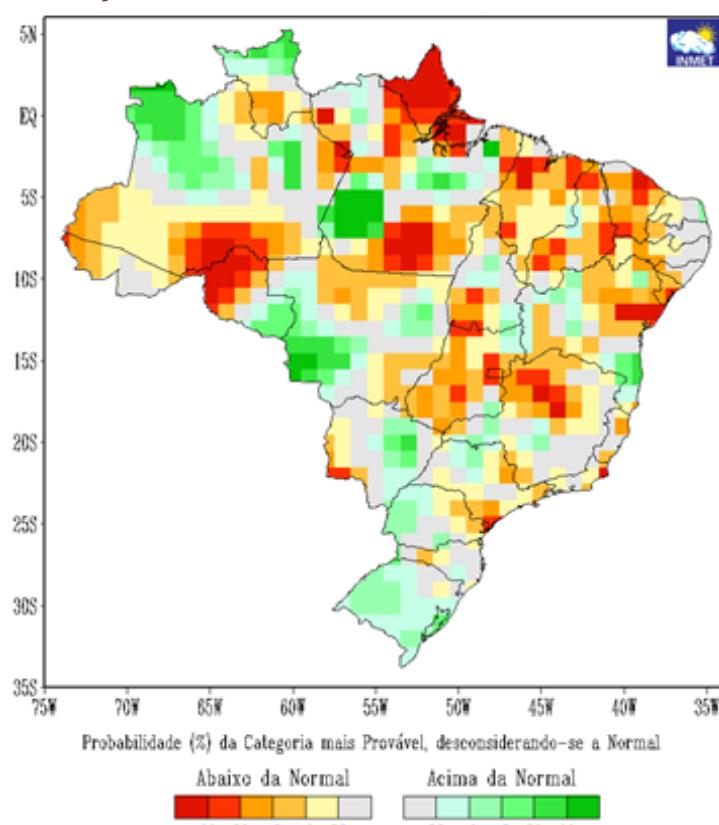
Na região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou abaixo da faixa normal do trimestre na maior parte da região.

No Nordeste, incluindo o semiárido, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 6).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre abril, maio e junho de 2018.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O sétimo levantamento da safra 2017/18 de algodão aponta para aumento de 21,9% na área plantada em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares para 1.144,7 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo. Em Mato Grosso, em algumas áreas, já há a presença de frutos “maçã”. Na Bahia, na região do extremo oeste, a colheita deve iniciar em junho.

A Região Norte deverá produzir 28,2 mil toneladas de algodão em caroço em uma área de 7,6 mil hectares. Em Roraima, a produção de algodão está concentrada em Mucajaí e Alto Alegre. Na última safra, a pluma foi totalmente exportada para o Egito, e o caroço, processado para ração no próprio estado. A expectativa, para essa safra, é de uma área plantada de 4,8 mil hectares, superando em 92% a área plantada na safra passada.

Em Tocantins, a expectativa é de diminuição na área cultivada, estimada em 2,8 mil hectares. O maior entrave para a expansão da cultura no estado está relacionado ao fim da isenção do ICMS para o produto. Os produtores da região da divisa com a Bahia, por exemplo, estão preferindo cultivar suas lavouras nesse estado, dado à redução de 50% do ICMS concedido por este. As lavouras se encontram em fase de floração e formação das maçãs e as condições dessas são consideradas boas.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a tendência é de forte aumento na área plantada, saindo de 230,8 mil hectares na safra passada para 296,8 mil hectares, influenciado principalmente pela Bahia, pois os bons resultados obtidos na safra 2016/17 estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura.

No Piauí, a área de algodão deverá ter um incremento de 28,8% em relação à safra anterior, devendo ficar em 7,2 mil hectares. Esse aumento se deve ao incremento na área de algodão do município de Currais e um ajuste na área não informada anteriormente no município do polo de Paulistana. O plantio foi iniciado na segunda quinzena de dezembro e se encontra com 100% da área total plantada. A lavoura se encontra predominantemente na fase de floração. A expectativa de produtividade para o algodão em caroço é de 3.910 kg/ha, aumento de 11,3% em relação à safra passada, resultante das boas condições climáticas da safra atual.

No Rio Grande do Norte, o algodão é pouco cultivado. As intempéries climáticas e os preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonasse essa atividade, optando por culturas de subsistência, tais como milho e feijão. A expectativa é que sejam cultivados 0,3 mil hectares de algodão em áreas irrigadas, com produtividade média esperada de 4.652 kg/ha.

Na Paraíba, a previsão é de incremento da área em 91,8% quando comparada com a safra anterior, saindo de 0,4 mil hectares na safra passada para 0,7 mil hectares na atual. A ampliação das áreas de algodão se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual, através da Emater-PB, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores, ofertando sementes e garantindo um preço mínimo e o frete do produto colhido até a usina de beneficiamento.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 265,1 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central, em manejo de plantio direto e convencional no extremo oeste, no centro-sul e no Vale do São Francisco. A expectativa é de produzir 629,4 mil toneladas de caroço de algodão e 419,6 mil toneladas de pluma de algodão. As lavouras de sequeiro do oeste estão apresentando ótimo desenvolvimento, as chuvas de fevereiro e março proporcionaram às plantas um bom desenvolvimento. As plantas estão em fase de frutificação e florescimento, não havendo ainda capulhos abertos. A normalização do clima e as ações estratégicas no campo contribuíram para o aumento na expectativa de produtividade na região oeste. Para manutenção da qualidade e do bom desenvolvimento das plantas é necessário

que chuvas ocorram durante abril. O início da colheita é esperado para fim de junho.

No extremo oeste, os cultivos de sequeiro estão em fase reprodutiva e os cultivos irrigados em fase de pós-emergência. O início da colheita está previsto para junho, com expectativas de ótima produtividade devido ao bom regime hídrico e o controle eficiente do bicudo.

Figura 1 - Maçã em fase de enchimento, em Barreiras-BA



Fonte: Conab.

No centro-sul e no Vale do São Francisco, os cultivos são realizados em sequeiro e com irrigação por gotejamento e pivô central. As lavouras de sequeiro e gotejo estão no início da fase reprodutiva, emitindo as primeiras flores e apresentando ótimo aspecto fitossanitário. As lavouras irrigadas no sistema de pivô central serão plantadas após a colheita da soja.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada a apresentar crescimento na área plantada de 18,6%, quando comparada com o exercício anterior.

Em Mato Grosso, as regiões produtivas do algodão de primeira safra, predominantemente no sudeste do estado, apresentam áreas em pleno desenvolvimento reprodutivo, com intensa emissão de botões florais, flores e com maçãs já formadas. Em relação ao algodão segunda safra, nas regiões oeste, centro-sul e médio-norte do estado, verifica-se uma variação nos estádios da cultura, parte se encontra em desenvolvimento vegetativo, enquanto lavouras mais adiantadas já estão em fase reprodutiva (floração/ frutificação). As condições das lavouras de primeira e segunda safras são avaliadas como boas/ótimas e produtividade estimada dentro da média histórica da cultura.

No atual ciclo houve expressivo aumento do cultivo total do algodoeiro, saindo de 627,8 mil hectares, na temporada passada, para 746,5 mil hectares cultivados no atual ciclo, incremento de 19% no período, devido aos bons preços observados no mercado interno. A melhor rentabilidade da cultura estimulou os cotonicultores



a aumentarem suas respectivas áreas de algodão. Os contratos futuros, negociados na Bolsa de Nova York, têm registrado bons preços, na casa dos R\$ 85,00 a arroba, devido à valorização do câmbio e da pluma no mercado internacional. Dessa forma, o volume de algodão comercializado ultrapassa 70% em Mato Grosso. No mercado disponível, a commodity registrou expressiva valorização, chegando a ser comercializado a R\$ 95,00 a arroba no fechamento de março, maior cotação da pluma nos últimos anos devido ao suporte de preços internacionais, aliado à escassez de oferta estadual na entressafra.

Figura 2 - Algodão em Tapurah – MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a área de plantio é estimada em 30 mil hectares, visto que mais de 95% da área plantada ocorre no norte e nordeste do estado, dos quais 24 mil hectares na modalidade de algodão primeira safra e o restante algodão segunda safra. A produtividade ponderada estimada para o algodão em caroço primeira e segunda safras é de aproximadamente 4.420 kg/ha. Há a expectativa de uma boa safra da cultura no estado, apesar do excesso de chuvas e dias nublados entre dezembro e fevereiro, quando a cultura estava nas fases iniciais de crescimento em todas as regiões produtoras. Nessas condições, a cultura trava o crescimento, desenvolve-se de forma mais lenta e consequentemente aumenta o ciclo de produção. A partir de março as chuvas ficaram mais esparsas e a alternância entre dias ensolarados e chuvas bem distribuídas têm favorecido as lavouras no campo.

Na região centro-sul e sul, as doenças e pragas estão sendo controladas, tendo em vista o manejo adequado. O excesso de chuvas favoreceram algumas doenças, como a podridão das maçãs. Embora tais eventos tenham sido identificado, sendo a principal causa as condições climatológicas, o correto exercício dos tratos culturais tem sido eficaz para controlar estes problemas. Na região norte e nordeste do estado, o algodão está, principalmente, nas fases de floração e enchimento de

capulhos. O algodão primeira safra está na fase está principalmente na fase de enchimento de maçã, enquanto o algodão segunda safra está principalmente no início da fase reprodutiva com emissão das flores e formação de botões.

O bicudo do algodoeiro é a principal praga da cultura no estado e começa a causar danos a partir da formação dos botões florais, mas o controle preventivo e as aplicações de inseticidas têm controlado o inseto via aplicações a ultrabaixo volume (UBV) e baixo volume oleoso (BVO). Há relatos de ataques de tripe, ácaros e pulgões, mas sem danos significativos para a cultura até o momento.

Para o município de Aral Moreira e Sidrolândia, toda a área cultivada está em maturação e devido ao excesso de chuvas a colheita será postergada para abril. Normalmente o produto colhido é beneficiado nos municípios de Maracaju e Naviraí onde há os estabelecimentos de beneficiamento mais próximos.

Até o momento pouco produto foi comercializado e, apesar do aumento nos custos de produção, os preços pagos aos produtores estão similares aos da safra anterior.

Em Goiás, a cultura do algodão apresenta boa sanidade. A maioria das lavouras encontram-se em intensa abertura de botões florais.

A cultura se encontra com bom desenvolvimento na fase inicial, tanto da safra de verão quanto da safrinha. Porém três aplicações já foram feitas em função de ataques de pulgões, mosca-branca e tripe. Muitas áreas de algodão ainda foram semeadas em fevereiro, devido ao atraso das chuvas. Na região sudoeste do estado, as primeiras áreas devem começar a ser colhidas a partir de julho.

Na região leste do estado, o algodão encontra-se em estágio de desenvolvimento variado, onde cerca de 20% do total está em fase de formação de botão floral, 40% em enchimento de maçã e os outros 40% em fase de floração.

No município de Cristalina, uma chuva de granizo prejudicou cerca de mil hectares da cultura, onde pelo menos 300 hectares ficaram totalmente perdidos, sem condições de uma futura colheita. Com relação a pragas e doenças, o controle químico está bastante eficiente, onde somente a lagarta do cartucho está sendo mais resistente ao controle, porém até o momento sem causar danos econômicos.



Figura 3 - Algodão no município de Montividiu – GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, o cultivo de algodão deverá apresentar forte crescimento, ora estimado em 67,4%, quando comparado com o do exercício passado.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 60% em relação à safra passada, que deve passar de 15,6 mil hectares para 25 mil hectares, somando-se os plantios da safra de verão e da segunda safra nas diversas regiões produtoras do estado (Noroeste, Alto Paranaíba e Norte de Minas), refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como as boas expectativas de mercado para a atual safra.

No estado, predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas na região do Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projeta-se, para o estado, uma produtividade

média de 3.675 kg/ha e a produção poderá alcançar 91,9 mil toneladas.

O plantio de algodão em Minas Gerais teve início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerrou o período de vazio sanitário de 60 dias. De maneira geral, o plantio da safra verão é realizado a partir de dezembro e as lavouras de safrinha a partir de fevereiro, de forma que as lavouras se encontram em diferentes estádios, desde de desenvolvimento vegetativo até frutificação. O preço médio de comercialização da arroba de algodão em pluma é de R\$ 108,00.

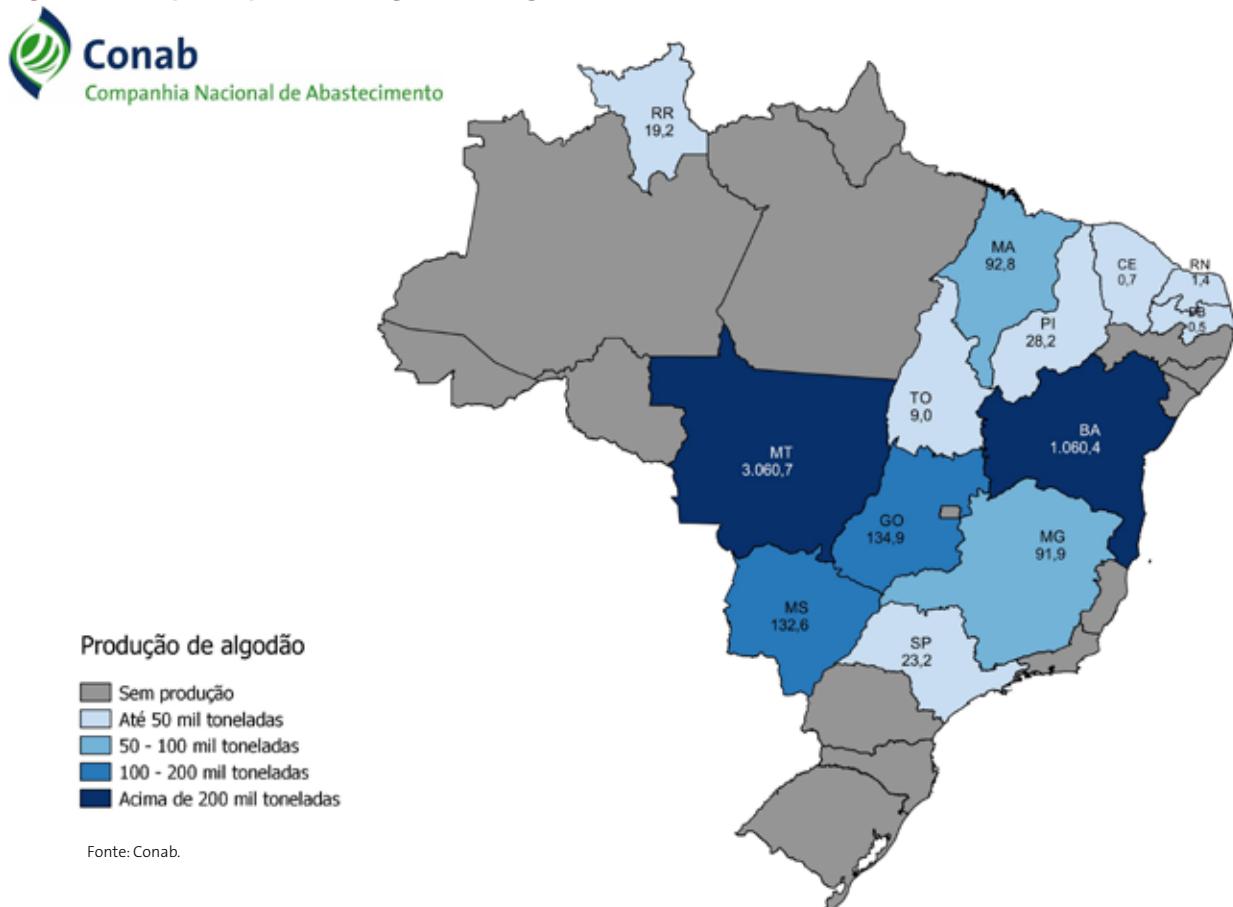
Em São Paulo, o algodão cultivado se encontra basicamente na região de Holambra. As outras áreas onde havia produção foram abandonadas, cedendo espaço a culturas mais rentáveis. Na região de Paranapanema, Avaré e Itaí, o algodão é todo cultivado sob pivô.

As condições climáticas seguem favoráveis, com chuvas constantes. Atualmente, a cultura se encontra nos seguintes estádios de desenvolvimento: 30% em frutificação e 70% em maturação.

A estimativa de área é de 5,8 mil hectares. Se comparada com a safra anterior houve uma retomada considerável. O consumo do algodão segue em expansão, favorecendo, dessa forma, o mercado regional e também as exportações, fato que fez a região de Holambra incrementar as áreas de plantio. A produção na região de Holambra está toda negociada, fato que só veio a estimular os produtores de algodão da região. O algodão deverá começar a ser colhido entre os dias 10 e 15 de abril.



Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P) = pré-plantio (P) = plantio; (G) = germinação; (DV) = desenvolvimento vegetativo; (F) = floração; (FR) = frutificação; (M) = maturação; (C) = colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	3.713	4,9	25,8	28,2	9,3
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.000	(4,8)	10,5	19,2	82,9
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.220	0,8	15,3	9,0	(41,2)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	4.226	3.989	(5,6)	975,3	1.184,0	21,4
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	4.161	6,3	88,1	92,8	5,3
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.910	11,3	19,7	28,2	43,1
CE	0,4	1,1	175,0	1.083	625	(42,3)	0,4	0,7	75,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,8	91,8	819	669	(18,3)	0,3	0,5	66,7
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	4.000	(6,8)	865,5	1.060,4	22,5
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	4.042	4.111	1,7	2.758,9	3.328,2	20,6
MT	627,8	746,5	18,9	4.027	4.100	1,8	2.528,2	3.060,7	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.420	1,6	124,4	132,6	6,6
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	3.684	3.736	1,4	67,8	115,1	69,8
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	91,9	57,6
SP	2,8	5,8	107,4	3.377	4.000	18,4	9,5	23,2	144,2
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	4.205	3.982	(5,3)	1.001,1	1.212,2	21,1
CENTRO-SUL	701,0	840,3	19,9	4.032	4.098	1,6	2.826,7	3.443,3	21,8
BRASIL	939,1	1.144,7	21,9	4.076	4.067	(0,2)	3.827,8	4.655,5	21,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.435	3,4	10,1	10,9	7,9
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.520	(4,8)	4,0	7,3	82,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.288	0,8	6,1	3,6	(41,0)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	1.693	1.598	(5,6)	390,7	474,3	21,4
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.664	6,3	35,2	37,1	5,4
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.681	11,3	8,5	12,1	42,4
CE	0,4	1,1	175,0	379	219	(42,3)	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,8	91,8	295	241	(18,4)	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.600	(6,8)	346,2	424,2	22,5
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	1.615	1.645	1,9	1.102,3	1.331,8	20,8
MT	627,8	746,5	18,9	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.224,3	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.812	1,6	49,1	54,4	10,8
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	1.435	1.487	3,6	26,4	45,8	73,5
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	36,8	62,1
SP	2,8	5,8	107,4	1.317	1.560	18,5	3,7	9,0	143,2
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	1.683	1.594	(5,3)	400,8	485,2	21,1
CENTRO-SUL	701,0	840,3	19,9	1.610	1.639	1,8	1.128,7	1.377,6	22,1
BRASIL	939,1	1.144,7	21,9	1.629	1.627	(0,1)	1.529,5	1.862,8	21,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.278	5,8	15,7	17,3	10,2
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.480	(4,8)	6,5	11,9	83,1
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	1.932	0,7	9,2	5,4	(41,3)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	2.533	2.391	(5,6)	584,6	709,7	21,4
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.497	6,3	52,9	55,7	5,3
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.229	11,3	11,2	16,1	43,8
CE	0,4	1,1	175,0	704	406	(42,3)	0,2	0,5	150,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,8	91,8	524	428	(18,3)	0,2	0,3	50,0
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.400	(6,8)	519,3	636,2	22,5
CENTRO-OESTE	682,6	809,5	18,6	2.424	2.466	1,7	1.656,6	1.996,4	20,5
MT	627,8	746,5	18,9	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.836,4	21,1
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.608	1,6	75,3	78,2	3,9
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	2.215	2.249	1,5	41,4	69,3	67,4
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	55,1	54,8
SP	2,8	5,8	107,4	2.060	2.440	18,4	5,8	14,2	144,8
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	2.522	2.388	(5,3)	600,3	727,0	21,1
CENTRO-SUL	701,0	840,3	19,9	2.419	2.458	1,6	1.698,0	2.065,7	21,7
BRASIL	939,1	1.144,7	21,9	2.445	2.440	(0,2)	2.298,3	2.792,7	21,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA					
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	28,2	9,3	10,1	10,9	7,9	39,2	38,6	1,6
RR	10,5	19,2	82,9	4,0	7,3	82,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	9,0	(41,2)	6,1	3,6	(41,0)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.184,0	21,4	390,7	474,3	21,4	40,1	40,1	-
MA	88,1	92,8	5,3	35,2	37,1	5,4	40,0	40,0	-
PI	19,7	28,2	43,1	8,5	12,1	42,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,7	75,0	0,2	0,2	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,5	66,7	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.060,4	22,5	346,2	424,2	22,5	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.328,2	20,6	1.102,3	1.331,8	20,8	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.060,7	21,1	1.011,3	1.224,3	21,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	132,6	6,6	49,1	54,4	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	115,1	69,8	26,4	45,8	73,5	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	91,9	57,6	22,7	36,8	62,1	40,0	40,0	-
SP	9,5	23,2	144,2	3,7	9,0	143,2	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.212,2	21,1	400,8	485,2	21,1	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.443,3	21,8	1.128,7	1.377,6	22,1	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.655,5	21,6	1.529,5	1.862,8	21,8	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim durante a entre-safra da cana-de-açúcar é uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Essa leguminosa nutrindo a terra de forma indireta traz certa economia para os produtores na compra de fertilizantes, bem como entrega um solo bastante enriquecido para as culturas sucessivas, como a cana-de-açúcar. Em razão da continuidade de boas condições climáticas e tratos culturais eficientes, o produtor está obtendo neste início de colheita excelente produtividade, principalmente naquelas regiões bastantes tradicionais no cultivo dessa leguminosa (Jaboticabal e Ribeirão Preto). Estima-se produtividade acima de 160 scs/ha, ou seja, em torno de 4 mil Kg/ha. Entretanto, como média para o estado estamos adotando 3.800 Kg/há. Sinaliza com crescimento de área de 14%.

Figura 5 - Colheita do amendoim em Dumont/SP – Março de 2018



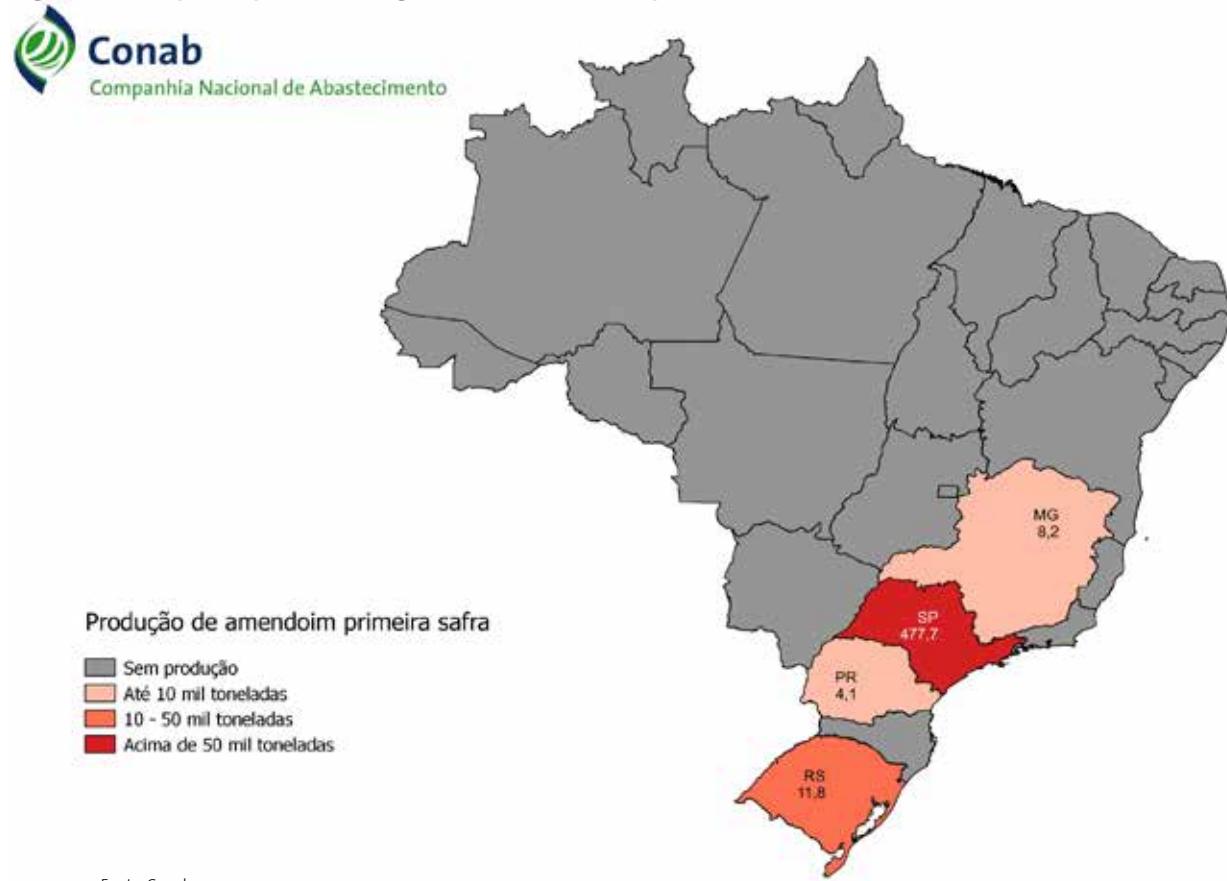
Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,3 mil hectares. A área foi ajustada com redução de 11,5% em relação ao



levantamento anterior, justificada pelo atraso do período chuvoso. As lavouras plantadas em dezembro têm colheita em andamento, com previsão de conclusão em abril. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Com o ajuste da área de plantio, a produtividade média fica estimada em 3.556 kg/ha e a produção estadual poderá alcançar 8,2 mil toneladas.

Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



No Paraná, a área plantada com amendoim já está consolidada. A colheita já passa dos 10% da área. O restante das lavouras se encontra em floração, frutificação e maturação, igualmente distribuídas. O rendimento aferido, até o momento, encontra-se abaixo do esperado. O excesso de chuva e pouca luminosidade são as razões mais recorrentes para isso. Ressalta-se que as lavouras de maior tecnologia ainda não foram colhidas, ou seja, ainda há chance de a produtividade mudar. Com relação à safra passada, é pouco provável que se produza em quantidade similar, dadas às excelentes condições climáticas naquele ano.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	128,0	13,4	3.721	3.796	2,0	420,2	485,9	15,6
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.556	(1,6)	9,4	8,2	(12,8)
SP	110,3	125,7	14,0	3.724	3.800	2,0	410,8	477,7	16,3
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.122	(9,4)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.754	(19,1)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	133,1	12,5	3.709	3.770	1,6	438,8	501,8	14,4
BRASIL	118,3	133,1	12,5	3.709	3.770	1,6	438,8	501,8	14,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra

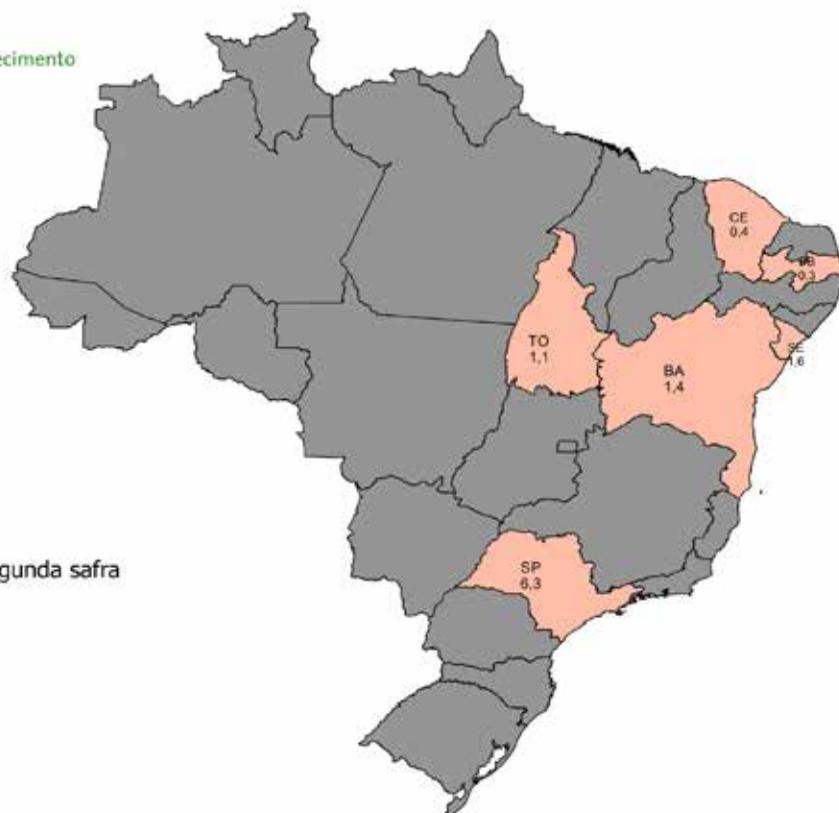


Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de amendoim segunda safra

- Sem produção
- Até 10 mil toneladas
- 10 - 50 mil toneladas
- Acima de 50 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
 - Favorável
 - Média restrição - falta de chuva
- * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

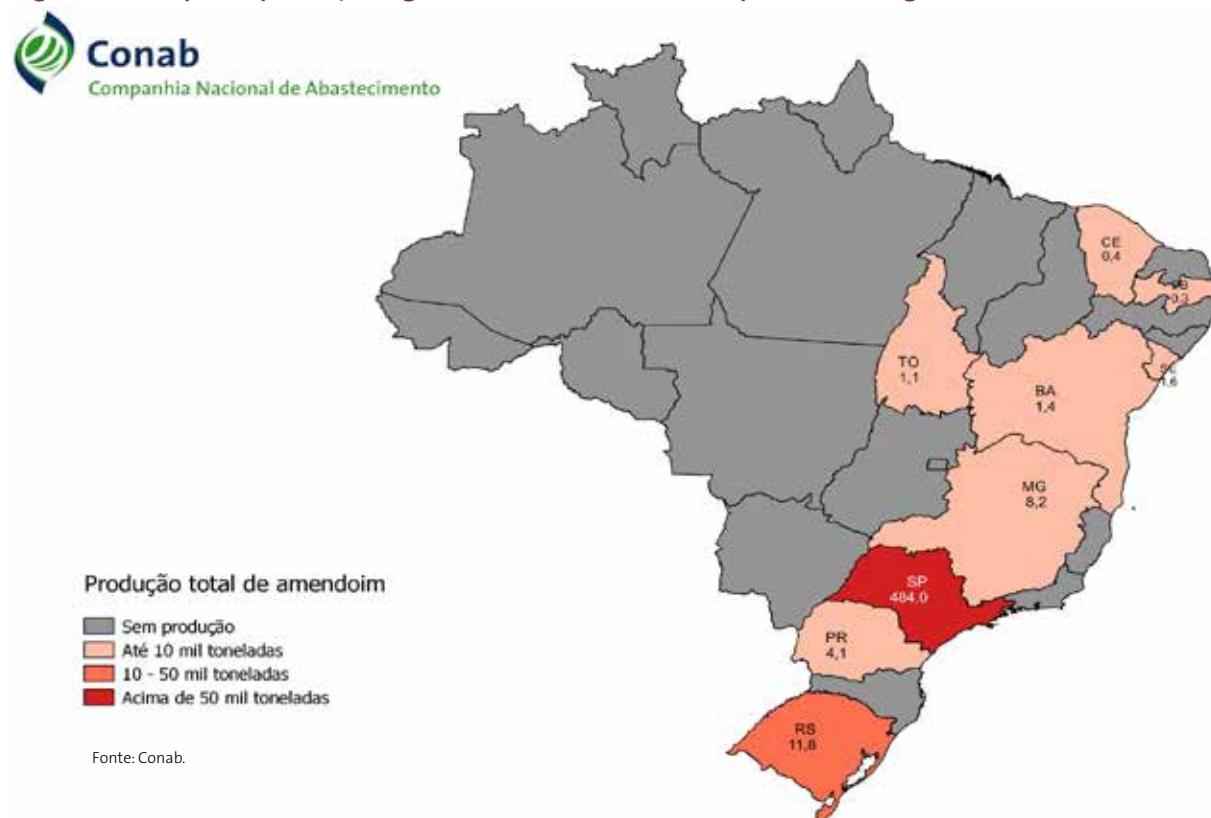
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.089	(9,3)	4,0	3,7	(7,5)
CE	0,3	0,4	23,2	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	4,9	2,6	(46,9)	2.354	2.406	2,2	11,5	6,3	(45,2)
SP	4,9	2,6	(46,9)	2.354	2.406	2,2	11,5	6,3	(45,2)
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.308	(12,8)	5,4	4,8	(11,1)
CENTRO-SUL	7,4	2,6	(64,9)	2.978	2.406	(19,2)	22,0	6,3	(71,4)
BRASIL	11,0	6,3	(42,7)	2.494	1.761	(29,4)	27,4	11,1	(59,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 8 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	3,4	3,0	1.201	1.089	(9,3)	4,0	3,7	(7,5)
CE	0,3	0,4	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	-	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	117,8	130,6	10,9	3.665	3.768	2,8	431,7	492,2	14,0
MG	2,6	2,3	-	3.615	3.556	(1,6)	9,4	8,2	(12,8)
SP	115,2	128,3	-	3.666	3.772	2,9	422,3	484,0	14,6
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.122	(9,4)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	-	3.406	2.754	(19,1)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	3,7	2,8	1.501	1.308	(12,8)	5,4	4,8	(11,1)
CENTRO-SUL	125,7	135,7	8,0	3.666	3.744	2,1	460,8	508,1	10,3
BRASIL	129,3	139,4	7,8	3.606	3.679	2,0	466,2	512,9	10,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.3. ARROZ

O sétimo levantamento da cultura de arroz, da safra 2017/18, indica redução de área plantada de 1,6% em relação à safra passada. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.841kg/ha. Na estimativa de produção, os números nacionais apontam para redução de 7,7% em relação à safra passada, estimada em 12.327,8 mil toneladas. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e irrigado. Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 255,6 mil hectares, retração de 2,8% em relação à safra passada. A Região Norte se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, considerando níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financeiradores. O cultivo é exclusivamente sequeiro, não havendo cultivos irrigados.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo

em sua integralidade. Nesse contexto, as tradings e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 38,4 mil hectares. Ao longo das safras o produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura, migrando para soja. Nesse contexto, Rondônia registra mais um deficit em relação à área cultivada na safra passada. A produtividade é de 3.243 Kg/ha, já a produção é de 124,5 mil toneladas. O estádio atual da cultura de arroz de sequeiro primeira safra é: 5% em frutificação, 25% em maturação e 70% já colhido.

Muitos produtores implantam o arroz em área recém-aberta, seja em pousio seja em área de pastagem degradada, e já no segundo ano cultivam soja. O arroz se configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente a soja. A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada no estado de Rondônia é a AN Cambará, categoria C2, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germina-



ção. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. Outra cultivar largamente utilizada é AN a 6005, categoria C1, com pureza mínima e germinação de 99 e 80%, respectivamente, safra 2016/17. O calendário agrícola segue um pouco atípico em virtude do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo, no entanto, o regime atual de chuvas é considerado normal e regular, garantindo assim bom aporte de água no solo, para suprimento das plantas. Boa parte da produção é consumida no próprio estado e o excedente enviado ao Acre e Amazonas, principalmente.

A foto abaixo retrata bem a situação que vem ocorrendo em alguns imóveis rurais em Rondônia, ou seja, áreas anteriormente ocupadas com pastagem, baixo rendimento forrageiro, presença de plantas invasoras, solo com pH ácido e carente de bases, sendo recuperadas, recebendo insumos e convertidas em áreas agrícolas.

Figura 9 - Área de Arroz em São Miguel do Guaporé-RO



Fonte: Conab.

No Amazonas, para o arroz de sequeiro, a perspectiva é que para essa safra sejam plantados 2,5 mil hectares de arroz, obtendo uma média na produtividade de 2.258 kg/ha, com uma produção estimada em torno de 5,6 mil toneladas. Em terra firme o plantio ocorre em setembro, outubro, novembro e dezembro, e a colheita, em novembro, dezembro e janeiro, variando de acordo com a localidade. Plantio em agosto, setembro e outubro e colheita em dezembro e janeiro, em várzea.

No Pará, o arroz, nesse levantamento, terá decréscimo em sua área total de 7,8 %. Esse recuo se deve à diminuição da área de arroz de sequeiro, de 63,7 mil hectares para 56,7 mil hectares. Já o arroz irrigado cresceu 31,4% e passou de 5,1 mil hectares para 6,7 mil

hectares. O aumento novamente se deu nas áreas de alagamento da Ilha do Marajó.

Em Tocantins, as lavouras do arroz de sequeiro vêm se desenvolvendo bem, dado aos bons volumes precipitados ocorridos desde o início do plantio. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita iniciou. O rendimento médio das lavouras deve ficar acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores. Com relação ao plantio irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros. A colheita se iniciou no segundo decêndio de fevereiro, e pelo atraso do plantio e o curto intervalo em que ele foi realizado, é esperado que haja maior concentração da colheita em um intervalo de tempo mais curto do que o observado em safras normais. O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros, deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita. Em razão desse excesso de água nos tabuleiros, aliada à menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras têm apresentado, até o momento, uma produtividade um pouco abaixo da esperada pela avaliação visual dessas, cerca de 15 a 20% menos. Nas lavouras prontas para serem colhidas, as plantas têm apresentado um percentual de grãos chochos acima do normal.

Figura 10 - Área de arroz em Lago da Confusão -TO



Fonte: Conab.

Na Região Nordeste, a expectativa é de incremento da área plantada com arroz de sequeiro de 9,9% e com o irrigado de 8,8%.

No Maranhão, diferentemente da dinâmica observada nas demais regiões pesquisadas, exceção feita aos cultivos irrigados, tem-se observado um maior interesse pelo cultivo do arroz de terras altas na região Tocantina. A valorização do preço pago pelo produto, especificamente na agricultura familiar e, principal-



mente, em razão das condições climáticas favoráveis, bom regime de chuvas tem impulsionado os pequenos produtores a buscarem formas alternativas de custeio das lavouras, principalmente sementes dos órgãos governamentais, junto aos comércios locais ou mesmo se utilizar de banco próprio de sementes que costumam reservar para plantio.

Na maioria das regiões pesquisadas já iniciou a colheita do arroz, excetuando-se apenas em Bom Jesus das Selvas, que possui uma considerável produção em seus assentamentos rurais, e que possui um calendário mais atrasado em relação aos demais municípios.

A área plantada com arroz irrigado é cultivado na Região dos Campos Naturais do Maranhão ou "Baixada Maranhense", mais precisamente nos Municípios de Arari, Vitoria do Mearim e São Mateus do Maranhão, o arroz irrigado mantém os dados de área plantada e produtividade média, devendo permanecer no mesmo patamar de 2,9 mil hectares, evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 5.100 kg/ha. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estádio de maturação.

Figura 11 - Lavoura de arroz em desenvolvimento vegetativo - Maranhão



Fonte: Conab.

Na Bahia, o arroz é cultivado na região de Coaceral (Formosa do Rio Preto), fronteiriça com o estado do Piauí. De modo geral, o plantio é utilizado para aberturas de novas áreas em solos de baixa fertilidade. Nos últimos anos essa cultura tem perdido espaço para o sorgo e a soja. A produção do cereal ocorre em regime de sequeiro, utilizando tanto o sistema de plantio direto quanto o convencional. O cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil hectares. Espera-se a produtividade de 1.200 kg/ha (20 scs/ha) de grãos de arroz. A colheita deve ser realizada em maio, com a estimativa de produção em torno de 9,4 mil toneladas.

Em Mato Grosso, no final de março, a colheita do arroz de sequeiro chegou a atingir 15%. As áreas remanescentes estão em fase de maturação, com previsão de colheita em abril e maio. A qualidade do cereal é considerada excelente, com elevado percentual de grãos inteiros. O espaço ao cultivo do arrozal é de 137,8 mil hectares, queda de 9% em relação aos 151,4 mil hectares da safra anterior. Tal retração se deve aos baixos preços praticados no mercado do cereal. No âmbito agronômico o clima chuvoso tem contribuído para a produtividade da cultura, e se calcula rendimento médio de 3.277 Kg/ha, portanto, 1,6% superior aos 3.226 Kg/ha registrados no período anterior. Assim, estima-se produção de 451,6 mil toneladas, volume 7,5% menor que no ciclo 2016/17.

O plantio do arroz irrigado e sequeiro de segunda safra está finalizado em Mato Grosso. As lavouras estão localizadas principalmente na região médio-norte do estado. O estádio da cultura está predominantemente em fase reprodutiva. A área plantada é de 5,8 mil hectares, ante aos 10,9 mil hectares da safra anterior. A produtividade média esperada para esta safra é de 3.659 Kg/ha. Assim, prevê-se uma produção de 21,2 mil toneladas de arroz segunda safra de sequeiro e irrigado.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada no estado é de 14,3 mil hectares, com uma expectativa de produtividade média de 5.900 Kg/ha. No levantamento atual, aproximadamente 10% das lavouras estão em fase de enchimento de grãos e 90% colhidas. O excesso de chuvas nas principais regiões produtoras bem como a redução da luminosidade no período de floração tem influenciado na redução da produtividade inicial estimada. Esses eventos dificultaram as operações de aplicação de agroquímicos nas lavouras. Quanto aos ataques de pragas e doenças, não houve nenhum relato fora da normalidade, visto que as aplicações preventivas e de controle proporcionaram resultados satisfatórios.

Com o avanço da colheita no estado e outras regiões produtoras, principalmente o sul do país, o preço pago ao produtor tem oscilado bastante durante o período de colheita. Em relação à comercialização, os produtores vêm mantendo seus produtos estocados aguardando melhores preços no mercado, negociando apenas o cereal para cobrir custos de produção. A baixa liquidez faz com que as indústrias mantenham baixos interesses no produto por apresentarem estoques referentes à safra passada, dificultando os rizicultores em negociar a safra deste ano.

Em Goiás, nos municípios de Formosa e Flores de Goiás, cerca de 40% do arroz irrigado já foi colhido, alcançando uma produtividade média de 5.700 kg/



ha. Produtores estão vendendo o grão muito abaixo do preço de produção, onde tudo indica que alguns produtores deixarão a atividade, reduzindo bastante a quantidade de área a ser plantada para a próxima safra. Já nos outros municípios produtores da região leste, a cultura se encontra em fase de enchimento de grãos, com boa expectativa de rendimento devido ao bom regime de chuvas na fase mais crítica da cultura.

Figura 12 - Arroz de sequeiro - Caiapônia-GO



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ter retração de 11,2%, se comparada à área da última safra.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Estando previsto agora o plantio de 4,8% mil hectares. A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como milho e soja, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país, ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras, além das restrições ao cultivo em áreas de várzea. A produtividade média estadual deve ficar 12,3% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas. Lavouras em fase de frutificação, maturação e colheita.

Em São Paulo, o arroz demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. O arroz consumido no estado é todo oriundo do Rio Grande do Sul. Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou mesmo, a finalidade é para o consumo doméstico.

Quanto a área prevista dentro do estado fica em torno de 9,1 mil hectares e, a produtividade, por enquanto em torno de 4.101 kg/ha. Nesse sétimo levantamento, retração de 6,2% na área e incremento na produtividade de 4,2% em relação à safra anterior.

Na Região Sul, onde concentra a maior parte da produção do país e o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução de 2%, quando comparada à safra passada.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 23,8 mil hectares. O levantamento aponta para uma área plantada de 3,4 mil hectares de arroz de sequeiro. A colheita praticamente já foi concluída, esperando uma produtividade média de 1.978 Kg/ha, que representa uma retração de 2,7% em relação à safra passada, atribuída às condições climáticas que favoreceram o desenvolvimento de doenças, principalmente fúngicas. Cultura basicamente de subsistência, conduzida com baixo nível tecnológico, predominantemente por agricultores familiares. A área com arroz irrigado tem incremento de 3%. A colheita dessa cultura se iniciou em janeiro e a produtividade média atualmente estimada é de 6.738 Kg/ha, 12,5% inferior à da safra passada, a qual foi cultivada em condições climáticas mais favoráveis.

Em Santa Catarina a colheita do arroz já atinge patamares de 80% da área colhida, devendo a safra se estender até meados de abril na região sul do estado. Na região norte a colheita praticamente se encerrou, e agora a atenção dos produtores está voltada para a produção da soca, ou rebrota, prática comum na região. O clima no momento da colheita das primeiras lavouras se apresentou bastante úmido, visto que muitas foram colhidas ainda com solo encharcado, o que danificou bastante as plantas e possivelmente causará reduções na produtividade da soca. As lavouras colhidas mais tarde apresentam bom desenvolvimento da soca.

Em relação à produtividade média do estado, no início da colheita da safra 2017/18 foram registradas produtividades mais baixas, oriundas das lavouras implantadas mais cedo e que sofreram com frios tardios e com a falta de chuva, entretanto, as lavouras colhidas no último mês mostram produtividades altas em muitos locais, chegando em níveis da safra passada. Além disso, a qualidade do grão, de forma geral, também está boa.

No último mês uma forte chuva de granizo ocorrido na localidade de Nova Veneza atingiu diversas lavouras.



ras de arroz. Apesar de ser um fato isolado, estima-se que o fenômeno natural tenha atingido cerca de 20% da área de cultivo do município. Entretanto, como as produtividades dos demais municípios estão altas, isso não refletiu em queda na produtividade média estadual, a qual vem aumentando em relação aos levantamentos anteriores.

No que diz respeito à comercialização devido aos baixos preços dos últimos tempos, a grande maioria dos produtores está optando por não comercializar neste momento, apenas os que precisam quitar dívidas ou ter capital de giro estão vendendo o produto. Com base nesse cenário, o governo federal, por meio da Conab, tem realizado intervenções no mercado de arroz em Santa Catarina e Rio Grande do Sul através do Programa de Escoamento da Produção (PEP) e do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro). Os Programas têm por objetivo garantir o preço mínimo ao produtor rural/cooperativa e, escoar parte do produto excedente da região de produção para regiões de consumo, o que pode refletir positivamente nos preços ao produtor.

No Rio Grande do Sul continua a colheita de arroz, agora intensificada em todas as regiões. Já foram colhidas 24% do total da área semeada no estado. Até o momento, a expectativa de produtividade, de acordo com a época de semeadura, está se concretizando. A região com a colheita mais adiantada é a Fronteira Oeste, que já colheu 40% da área, seguida pela Zona Sul, que se aproxima de 30% em média. Praticamente não existem mais lavouras em floração, que diminui a possibilidade de perdas devido a baixas temperaturas. O reflexo do frio ocorrido em fevereiro ainda não foi consolidado, porque estas áreas atingidas em período crítico do ciclo por baixas temperaturas ainda não foram colhidas, que deve iniciar em março.

Vale salientar que a região da Campanha tem aproximadamente 50% da área semeada fora do período ideal recomendado pela pesquisa e na Depressão Central 30%. Na Fronteira Oeste, região com a maior área semeada do estado e tradicionalmente com melhor índice de produtividade, tem 78% da área semea-

da dentro do período normal, mas tem também 38% com manejo deficiente e 22% com baixa tecnologia. Nessa região foram abandonados aproximadamente 1.300 mil hectares por falta de água para irrigação e comprometimento pela dificuldade de controle das invasoras.

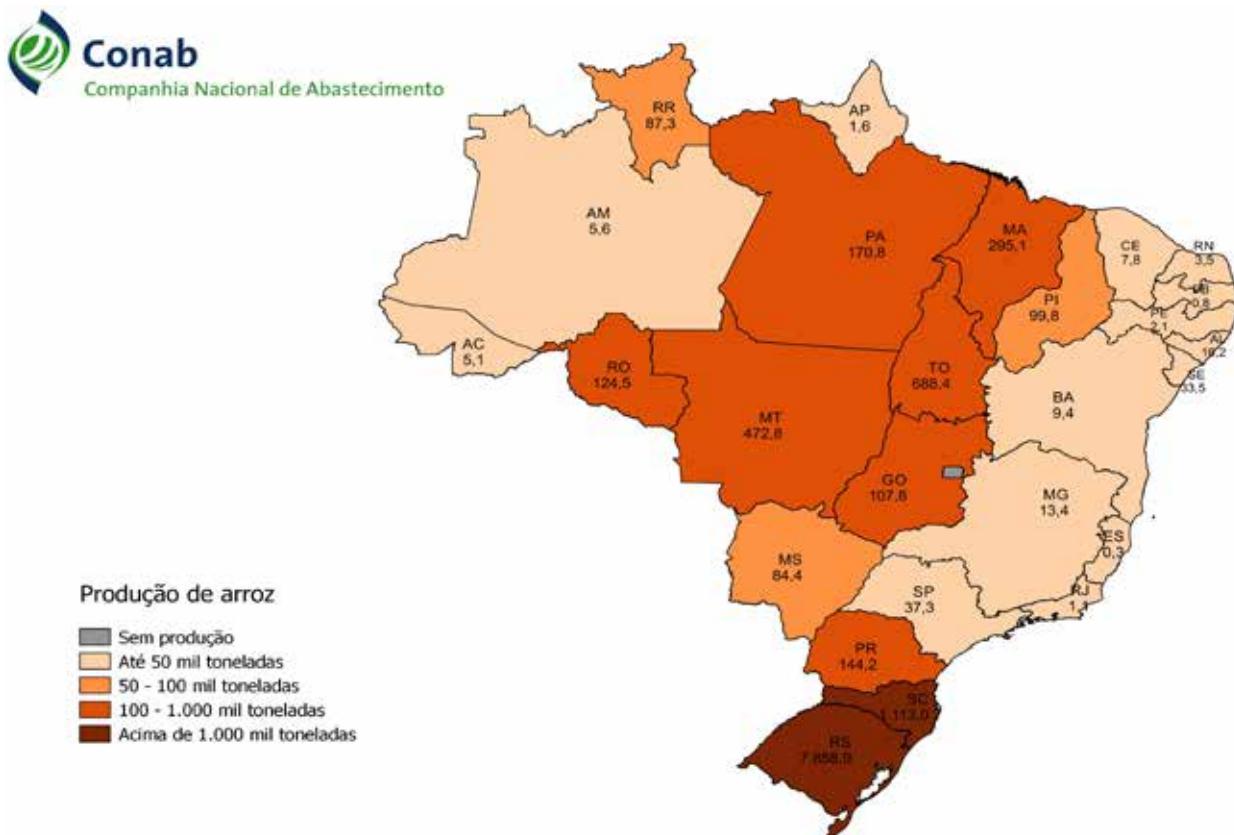
As perdas por falta de água para irrigação são pontuais e diluídas pelo fato de que a maior parte da lavoura teve água suficiente para todo o ciclo. As perdas mais significativas foram causadas pela dificuldade da realização dos tratos culturais na época adequada e com a melhor técnica, em especial o controle do arroz vermelho. Como consequência, ocorreu o acamamento das lavouras nessas condições. O somatório de todos estes fatos negativos vai influenciar na produtividade final da lavoura do estado. Já durante o período de colheita, outras perdas começaram a aparecer como a quebra de qualidade devido às altas temperaturas, e o atraso na colheita, com o produto retirado da lavoura com índice de umidade inferior ao ideal para produção de grãos inteiros.

A avaliação neste levantamento é para a ocorrência de uma safra dentro da normalidade, visto que a produção de uma região compensará a produtividade mais baixa de outras. Assim, a produtividade média foi mantida em 7.293 kg/ha, 8% menor que na safra anterior. Continua a diminuição sistemática do número de produtores de arroz do estado, embora não seja representativo na diminuição da área, que é absorvida por produtores maiores ou melhor estruturados. As causas são o acúmulo de dívidas e o acesso restrito aos financiamentos. O rito é: perde-se o acesso ao crédito oficial, passa-se a financiar a lavoura na indústria ou nos fornecedores de insumos (crédito 20% mais caro), a renda não cobre os custos da lavoura, perde-se o patrimônio e abandona-se a atividade.

Quanto à comercialização, em muitos lugares ainda não foram percebidos os efeitos dos leilões de PEP e Pepro. Como exceção, em Camaquã já foram sentidos os efeitos dos mecanismos de subvenção na cotação do arroz, que voltou a subir nesse local.



Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins	PP	P/G/DV	P/G/DV/F		DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
SC**	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

- [Yellow square] Baixa restrição - falta de chuvas
- [Green square] Favorável
- [Brown square] Média restrição - falta de chuva
- [Light blue square] Baixa restrição - excesso de chuva
- [Dark blue square] Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	255,6	(2,8)	4.129	4.239	2,7	1.085,8	1.083,3	(0,2)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
RO	40,6	38,4	(5,4)	2.956	3.243	9,7	120,0	124,5	3,8
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	1.038	9,8	1,4	1,6	14,3
PA	68,8	63,4	(7,8)	2.728	2.694	(1,3)	187,7	170,8	(9,0)
TO	132,3	133,5	0,9	5.115	5.157	0,8	676,7	688,4	1,7
NORDESTE	229,2	251,7	9,8	1.908	1.860	(2,5)	437,3	468,2	7,1
MA	141,6	164,0	15,8	1.807	1.799	(0,4)	255,9	295,1	15,3
PI	65,2	66,1	1,4	1.629	1.509	(7,4)	106,2	99,8	(6,0)
CE	4,7	3,9	(17,0)	2.076	2.020	(2,7)	9,7	7,8	(19,6)
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.480	(7,6)	3,8	3,5	(7,9)
PB	0,9	1,0	11,1	875	840	(4,0)	0,8	0,8	-
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.704	0,9	732,3	665,0	(9,2)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.292	0,8	530,0	472,8	(10,8)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.900	(1,7)	93,0	84,4	(9,2)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.990	(1,4)	109,3	107,8	(1,4)
SUDESTE	16,1	14,3	(11,2)	3.399	3.646	7,3	54,7	52,1	(4,8)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.800	13,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.800	3,6	1,1	1,1	-
SP	9,7	9,1	(6,2)	3.935	4.101	4,2	38,2	37,3	(2,4)
SUL	1.273,2	1.248,1	(2,0)	7.868	7.304	(7,2)	10.017,7	9.116,1	(9,0)
PR	25,1	23,8	(5,2)	6.506	6.058	(6,9)	163,3	144,2	(11,7)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.587	(0,7)	1.125,8	1.113,0	(1,1)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.293	(8,0)	8.728,6	7.858,9	(10,0)
NORTE/NORDESTE	492,2	507,3	3,1	3.095	3.059	(1,2)	1.523,1	1.551,5	1,9
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,9	(3,1)	7.258	6.820	(6,0)	10.804,7	9.833,2	(9,0)
BRASIL	1.980,9	1.949,2	(1,6)	6.223	5.841	(6,1)	12.327,8	11.384,7	(7,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	129,4	(8,0)	2.526	2.581	2,2	355,1	333,9	(6,0)
RO	40,6	38,4	(5,4)	2.956	3.243	9,7	120,0	124,5	3,8
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.275	(8,9)	6,0	5,1	(15,0)
AM	3,2	2,5	(21,9)	2.183	2.258	3,4	7,0	5,6	(20,0)
AP	1,5	1,5	-	945	1.038	9,8	1,4	1,6	14,3
PA	63,7	56,7	(11,0)	2.592	2.503	(3,4)	165,1	141,9	(14,1)
TO	27,3	26,3	(3,7)	2.036	2.100	3,1	55,6	55,2	(0,7)
NORDESTE	213,3	234,4	9,9	1.623	1.591	(2,0)	346,2	373,0	7,7
MA	140,2	161,1	14,9	1.775	1.740	(2,0)	248,9	280,3	12,6
PI	60,0	60,9	1,5	1.384	1.257	(9,2)	83,0	76,6	(7,7)
CE	4,1	3,6	(13,0)	1.516	1.652	9,0	6,2	5,9	(4,8)
PB	0,9	1,0	6,4	875	840	(4,0)	0,8	0,8	-
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	144,5	(8,6)	3.187	3.232	1,4	503,8	467,0	(7,3)
MT	151,4	137,8	(9,0)	3.226	3.277	1,6	488,4	451,6	(7,5)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,4	(23,9)	2.093	2.290	9,4	14,8	12,3	(16,9)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.800	13,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.800	3,6	1,1	1,1	-
SP	2,0	1,5	(25,0)	3.082	3.200	3,8	6,2	4,8	(22,6)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.978	(2,7)	10,8	6,7	(38,0)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.978	(2,7)	10,8	6,7	(38,0)
NORTE/NORDESTE	353,9	363,8	2,8	1.982	1.943	(1,9)	701,3	706,9	0,8
CENTRO-SUL	170,5	153,3	(10,1)	3.105	3.171	2,1	529,4	486,0	(8,2)
BRASIL	524,4	517,1	(1,4)	2.347	2.307	(1,7)	1.230,7	1.192,9	(3,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	126,2	3,1	5.970	5.938	(0,5)	730,7	749,4	2,6
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
PA	5,1	6,7	31,4	4.433	4.307	(2,8)	22,6	28,9	27,9
TO	105,0	107,2	2,1	5.915	5.907	(0,1)	621,1	633,2	1,9
NORDESTE	15,9	17,3	8,8	5.732	5.503	(4,0)	91,1	95,2	4,5
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	5.100	1,6	7,0	14,8	111,4
PI	5,2	5,2	-	4.453	4.455	-	23,2	23,2	-
CE	0,6	0,3	(58,0)	5.900	6.430	9,0	3,5	1,9	(45,7)
RN	1,0	1,0	4,5	3.766	3.480	(7,6)	3,8	3,5	(7,9)
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.656	2,3	228,5	198,0	(13,3)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.900	(1,7)	93,0	84,4	(9,2)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.200	(1,6)	93,9	92,4	(1,6)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.469	0,9	39,9	39,8	(0,3)
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.279	2,9	32,0	32,5	1,6
SUL	1.267,9	1.244,7	(1,8)	7.893	7.319	(7,3)	10.006,9	9.109,4	(9,0)
PR	19,8	20,4	3,0	7.704	6.738	(12,5)	152,5	137,5	(9,8)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.587	(0,7)	1.125,8	1.113,0	(1,1)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.293	(8,0)	8.728,6	7.858,9	(10,0)
NORTE/NORDESTE	138,3	143,5	3,8	5.943	5.886	(1,0)	821,8	844,6	2,8
CENTRO-SUL	1.318,2	1.288,6	(2,2)	7.795	7.254	(6,9)	10.275,3	9.347,2	(9,0)
BRASIL	1.456,5	1.432,1	(1,7)	7.619	7.117	(6,6)	11.097,1	10.191,8	(8,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.4. FEIJÃO

8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.051,2 mil hectares, 5,4% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares. A produtividade média estimada para essa cultura está em 1.207 kg/ha, na média nacional, 1,4% abaixo do obtido na

última temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional está prevista em 1.268 mil toneladas, representando decréscimo de 7,5% em relação à safra anterior.

Feijão-comum cores

Para essa safra, a área semeada foi de 459,9 mil hectares, redução de 3,8% na área em relação à safra passada. A produtividade está estimada em 1.727 kg/ha, redução de 3,9%. Em muitos estados a colheita está finalizada.

Em Tocantins, a área deverá ser de 0,9 mil hectares, com um rendimento médio de 997 kg/ha. O feijão-comum cores é cultivado basicamente por pequenos agricultores, com baixo emprego de insumos e mecanização.

Na Bahia, a área cultivada com feijão-comum cores está estimada em 43,9 mil hectares, com a expectati-

va de produzir 22,3 mil toneladas. O rendimento médio estimado é de 507 kg/ha.

No extremo oeste do estado, espera-se a produtividade de 660 kg/ha e as boas condições climáticas têm indicado tendência de aumento desse rendimento. No centro-norte a estiagem ocorrida em janeiro causou alguns danos na cultura, retardando o desenvolvimento das plantas. No entanto, espera-se a recuperação das lavouras com as chuvas ocorridas em fevereiro.

Em Mato Grosso, a colheita foi finalizada em janeiro. A produtividade média foi considerada boa, com 2.342



kg/ha ante aos 1.998 kg/ha na safra passada, aumento de 17,2% no rendimento. A produção é estimada em 14,5 mil toneladas, volume 64,8% superior às 8,8 mil toneladas da safra passada.

Em Goiás, a colheita está finalizada. A produtividade é de 2.496 kg/ha, 4% superior à safra passada.

No Distrito Federal, a colheita foi concluída e a produtividade atingiu a média de 2.200 Kg/ha. O incremento médio de produtividade foi na ordem de 15,8% em relação à safra anterior, ocasionado, sobretudo, pelo excelente trabalho de conscientização no combate à mosca-branca, realizado pela Secretaria de Agricultura do Distrito Federal.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum cores apresenta redução de 3% em relação à safra anterior. Com preços médios em torno de R\$ 100,00 a saca de 60 quilos, na ocasião do plantio, boa parte dos produtores optaram por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. O rendimento médio estimado é de 1.328 kg/ha, 2,1% maior em relação à safra passada.

Em São Paulo, a colheita está finalizada. A área cultivada foi de 80 mil hectares, com produtividade média de 2.511 kg/ha.

No Paraná, a colheita já está concluída, obtendo-se uma produtividade média de 1.482 kg/ha, queda de 18,2% em relação à safra passada. Chuvas em excesso na colheita, em parte das lavouras, resultaram não só em redução de produtividade, mas também em problemas de qualidade em parcela do produto colhido.

Feijão-comum preto

No Brasil houve um incremento de 3,3% na área semeada de feijão-comum preto, alcançando 180,4 mil hectares. Em razão das condições climáticas, obteve-se uma redução de 11,1% na produtividade e a produção está estimada em 300,9 mil toneladas, decréscimo de 5,8% em relação à safra anterior. Na Região Sul, principal região produtora, houve aumento de área de semeadura em 3,7% em relação à safra passada, no entanto, espera-se uma redução de 13,4% na produtividade total, afetada principalmente pelas condições climáticas.

No Distrito Federal, a área de 1,2 mil hectares foi totalmente colhida. A produtividade média foi de 1.900 kg/ha, aumento de 2,7% em relação à safra passada.

Em Minas Gerais, a colheita foi concluída. A área de feijão-comum preto foi de 6,7 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata. A produtividade estimada foi de 852 kg/ha.

Apesar da baixa oferta da safra, os preços não reagiram devido à boa produção dos estados centrais. O pouco produto que resta estocado apresenta qualidade regular ou ruim.

Em Santa Catarina, em torno de 61% das lavouras foram colhidas até o final de março. As demais lavouras se encontram distribuídas desde granação (4%) e maturação (35%). Nessa safra houve aumento na área semeada de 1,9% quando comparada com a safra 2016/17. A produtividade média atual está 11,9% menor que na safra anterior, quando as condições climáticas foram mais favoráveis.

O feijão-comum cores tem seu plantio concentrado nas regiões Oeste, Planalto Sul e Meio-oeste de Santa Catarina, as duas últimas com maiores altitudes e temperaturas amenas, resultando no plantio mais tardio. Como relatado anteriormente, as condições climáticas adversas nos meses anteriores prejudicaram a cultura.

A estabilidade climática, observada atualmente, vem contribuindo para a manutenção da sanidade das lavouras e deve garantir estabilidade de produção em áreas onde a fase de desenvolvimento se encontra entre final de granação e maturação.

No Rio Grande do Sul, segue a colheita da cultura, com 40% da área já finalizada e o restante em fase final de enchimento de grãos e maturação. As lavouras mais precoces têm apresentado bons rendimentos, enquanto que as mais tardias tenderão a pressionar a média para baixo. A estimativa de produtividade média no estado é de 2.700 kg/ha.

No Paraná, a colheita do feijão-comum preto está encerrada. A produtividade e qualidade foram afetadas pelas irregularidades climáticas, com seca em setembro e excesso de chuvas em outubro, dezembro e janeiro, além de dias frios. A produtividade média foi de 1.670 kg/ha, 13,4% inferior à da safra passada devido às adversidades climáticas mencionadas.

Em Santa Catarina, aproximadamente 93% do feijão-comum preto, semeado na primeira safra, havia sido colhido até o final de março. O restante das lavouras estão distribuídas desde granação (1%) e maturação (6%). Parte das lavouras foi prejudicada pelas instabilidades climáticas ocorridas desde o início de seu ciclo. A falta de chuvas regulares atrasou a finalização da semeadura em meados de dezembro. Em janeiro, o excesso de chuvas atrapalhou a colheita de parte das lavouras que estavam em maturação e ponto de colheita, o que acabou afetando a produtividade e a qualidade dos grãos,



muitos dos quais, devido à alta umidade, tiveram que ser secados artificialmente, resultando no rebaixamento de sua tipificação comercial. Contudo, a melhoria das condições climáticas nos últimos dias beneficiou as lavouras mais atrasadas, resultando em aumento da produtividade final, mas, ainda assim, menor que à da safra passada. Nessa safra houve um aumento na área semeada de 7,1% quando comparada com a safra 2016/17. A produtividade média atual está 10,5% menor que a safra anterior, podendo ser ajustada de acordo com o avanço do desenvolvimento das lavouras rema-

Feijão-caupi

Durante a primeira safra, o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área é 10,3% menor e a produtividade é 1,8% maior que na safra passada.

Em Tocantins, a produtividade deverá ser inferior à alcançada na safra passada, associando isso aos elevados volumes de chuvas ocorridos durante toda a estação chuvosa até o momento.

No Maranhão, para esse levantamento, há a manutenção do cenário observado no levantamento anterior, conservando-se a área plantada, que deve permanecer na faixa dos 37,8 mil hectares. No estado, o feijão primeira safra é consumido basicamente em vagem (esse, quase todo colhido), no entanto, aquelas lavouras plantadas para consumo em grãos se encontram em maioria no estádio de frutificação.

No Piauí, a expectativa é de um aumento de área em relação à safra passada na ordem de 3,7%, com área de 235,3 mil hectares. Esse aumento na área de feijão corresponde a áreas de agricultura familiar. Atualmente a área de feijão no estado se encontra totalmente plantada e a cultura está predominantemente nas fases de frutificação e maturação. A previsão de início da colheita é para a primeira quinzena de abril.

A expectativa de produtividade para o feijão-caupi é de 337 kg/ha, representando um aumento de 14,6% em relação à safra passada. Esse aumento leva em consideração o bom regime climático das áreas da região do cerrado e norte do estado e do regime climático regular (com a ocorrência de veranicos) na região do semiárido.

nescentes e condições climáticas, as quais estão estáveis nos últimos dias.

No Rio Grande do Sul, ainda com cerca de 60% da área a colher em Vacaria, a cultura se aproxima do seu final. Nas demais regiões, a colheita já encerrada. Em Vacaria, os 40% das lavouras já colhidas apresentam boa produtividade, pois foram semeadas “no cedo” e, com isso, não sofreram com a estiagem. Assim, a produtividade média do estado ficou em 1.650 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de feijão-caupi, com 112,3 mil hectares, há expectativa de produzir 55,5 mil toneladas. Essa lavoura é plantada exclusivamente pela agricultura familiar, com rendimento médio de 494 kg/ha. A produção que será colhida se destina à subsistência das famílias, havendo um pequeno percentual destinado ao plantio da próxima safra e a comercialização do excedente.

No extremo oeste do estado, o cultivo do feijão-caupi primeira safra ocupa uma área de 12,5 mil hectares, com produtividade estimada de 600 kg/ha. A produção de cerca de 7,5 mil toneladas é quase que em sua totalidade destinada à subsistência das famílias produtoras, não havendo comercialização significativa. Esse cultivo é realizado exclusivamente pela agricultura familiar. A colheita nessa região se encontra finalizada.

O feijão-caupi, cultivado na região centro-norte do estado, ficou comprometido pela falta de chuvas nas fases de floração e enchimento dos grãos. As lavouras plantadas posteriormente, em dezembro e janeiro estão, em sua maior parte, em fase de maturação e enchimento de grãos.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi primeira safra foi finalizada em janeiro. A área destinada à cultura foi de 6,4 mil hectares, com produtividade média de 1.200 kg/ha.

Em Minas Gerais, a colheita está finalizada. A área de feijão-caupi foi 3,1% menor em relação à safra passada e a produtividade estimada em 538 kg/ha, permanecendo baixa para a cultura, porém coerente com o histórico regional. Trata-se de uma cultura de risco devido ao clima seco da região norte do estado, onde essa variedade é cultivada.



Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



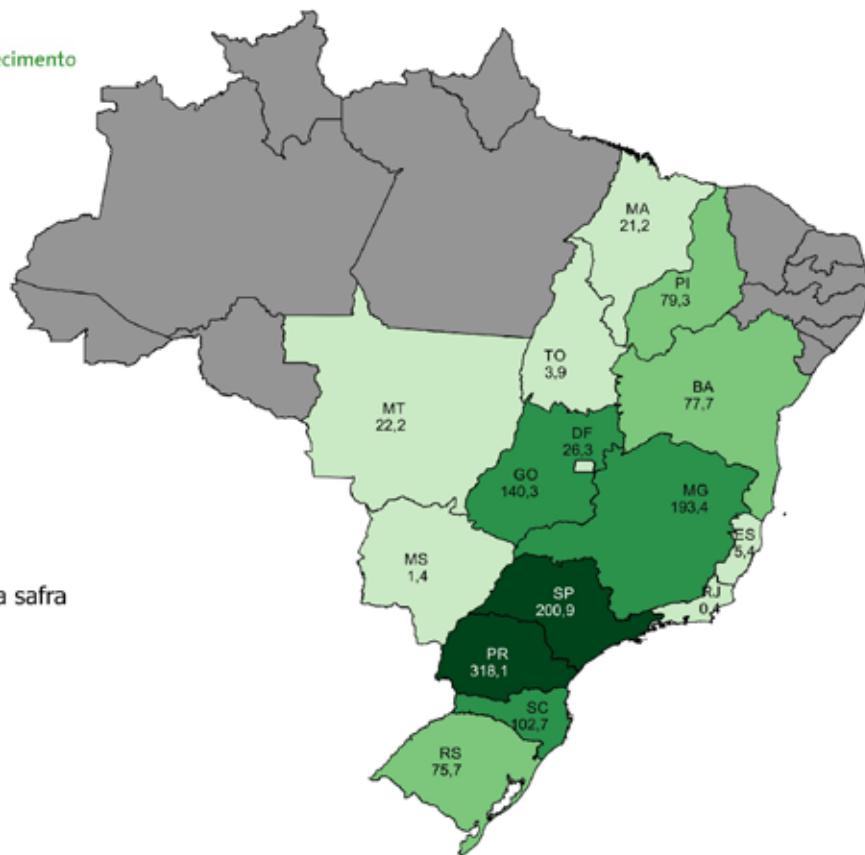
Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de feijão primeira safra

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- 50 - 100 mil toneladas
- 100 - 200 mil toneladas
- Acima de 200 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
GO	Leste Goiano			P/G	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Goiano			P/G	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Goiano			P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
SP**	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C						
	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Média restrição - Excesso de chuva						

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	6,1	27,1	649	644	(0,8)	3,1	3,9	25,8
TO	4,8	6,1	27,1	649	644	(0,8)	3,1	3,9	25,8
NORDESTE	490,2	429,3	(12,4)	453	415	(8,4)	222,1	178,2	(19,8)
MA	36,4	37,8	3,8	570	561	(1,6)	20,7	21,2	2,4
PI	226,9	235,3	3,7	294	337	14,6	66,7	79,3	18,9
BA	226,9	156,2	(31,2)	594	498	(16,2)	134,7	77,7	(42,3)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.328	5,7	179,5	190,2	6,0
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	241,2	(2,5)	1.651	1.659	0,5	408,3	400,1	(2,0)
MG	161,0	156,2	(3,0)	1.213	1.238	2,1	195,2	193,4	(0,9)
ES	4,6	4,6	-	1.174	1.177	0,3	5,4	5,4	-
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	922	(18,2)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,7	1,9	1.907	1.696	(11,0)	547,6	496,5	(9,3)
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.917	(11,2)	110,8	102,7	(7,3)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
NORTE/NORDESTE	495,0	435,4	(12,0)	455	418	(8,1)	225,2	182,1	(19,1)
CENTRO-SUL	616,0	615,6	(0,1)	1.843	1.765	(4,2)	1.135,4	1.086,8	(4,3)
BRASIL	1.111,0	1.051,0	(5,4)	1.225	1.207	(1,4)	1.360,6	1.268,9	(6,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,4	(4,1)	965	970	0,5	9,5	9,1	(4,2)
MG	6,9	6,7	(2,9)	838	852	1,7	5,8	5,7	(1,7)
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.323	1,5	3,0	3,0	-
RJ	0,6	0,4	(28,0)	1.127	922	(18,2)	0,7	0,4	(42,9)
SUL	163,7	169,8	3,7	1.880	1.705	(9,3)	307,8	289,5	(5,9)
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.970	(10,5)	43,8	42,6	(2,7)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
CENTRO-SUL	174,7	180,4	3,3	1.829	1.668	(8,8)	319,5	300,9	(5,8)
BRASIL	174,7	180,4	3,3	1.829	1.668	(8,8)	319,5	300,9	(5,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,9	125,0	1.080	997	(7,7)	0,4	0,9	125,0
TO	0,4	0,9	125,0	1.080	997	(7,7)	0,4	0,9	125,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	507	(41,2)	49,1	22,3	(54,6)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	507	(41,2)	49,1	22,3	(54,6)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.432	5,9	169,6	180,2	6,3
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	218,1	(2,4)	1.752	1.759	0,4	391,5	383,6	(2,0)
MG	140,0	135,8	(3,0)	1.301	1.328	2,1	182,1	180,3	(1,0)
ES	2,3	2,3	-	1.043	1.030	(1,2)	2,4	2,4	-
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,9	(0,5)	1.941	1.685	(13,2)	239,8	207,1	(13,6)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,8	(22,0)	864	517	(40,1)	49,5	23,2	(53,1)
CENTRO-SUL	420,8	415,1	(1,4)	1.903	1.857	(2,4)	800,9	770,9	(3,7)
BRASIL	478,2	459,9	(3,8)	1.779	1.727	(2,9)	850,4	794,1	(6,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,2	18,2	610	583	(4,4)	2,7	3,0	11,1
TO	4,4	5,2	17,7	610	583	(4,4)	2,7	3,0	11,1
NORDESTE	433,2	385,4	(11,0)	400	405	1,3	173,0	156,0	(9,8)
MA	36,4	37,8	3,8	570	561	(1,6)	20,7	21,2	2,4
PI	226,9	235,3	3,7	294	337	14,6	66,7	79,3	18,9
BA	169,9	112,3	(33,9)	504	494	(2,0)	85,6	55,5	(35,2)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,7	(2,8)	519	538	3,7	7,3	7,4	1,4
MG	14,1	13,7	(3,1)	519	538	3,7	7,3	7,4	1,4
NORTE/NORDESTE	437,6	390,6	(10,7)	402	407	1,3	175,7	159,0	(9,5)
CENTRO-SUL	20,5	20,1	(2,0)	732	749	2,3	15,0	15,1	0,7
BRASIL	458,1	410,7	(10,3)	416	424	1,8	190,7	174,1	(8,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto a semeadura de 1.542,3 mil hectares, um incremento de 8,1% quando comparado à safra passada, possivelmente motivado pela opção do plantio de feijão ao milho. Observa-se que, para as Regiões Norte/Nordeste, de-

verá ser semeado 854,9 mil hectares, enquanto na Região Centro-Sul a estimativa é de uma área de 687,4 mil hectares semeada com feijão segunda safra. Em Mato Grosso, o plantio foi finalizado, tanto de feijão-comum cores quanto de feijão-caupi.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é um dos tipos mais produzidos na segunda safra. A estimativa é de 543,4 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 5,6% inferior à safra passada.

Em Rondônia, a área cultivada variou negativamente, de 19,3 mil hectares para 14,4 mil hectares, se comparada ao levantamento anterior. Muitos são os fatores que fazem com que a área de feijão-comum cores segunda safra reduza no estado, quais sejam: custo de produção elevado; susceptibilidade da cultura aos ataques de pragas e doenças, principalmente mela e requeima; valor da saca defasado recebido pelo produtor e preço atrativo do produto no varejo.

No Amazonas, a intenção de plantio nessa safra é de 4,1 mil hectares, 8% a mais em relação à safra anterior. Na Paraíba, nas últimas cinco safras a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantados 25,7 mil hectares de feijão-comum cores. A presente safra conta com a perspectiva de pequeno crescimento de área, com variação de 5% em relação à safra passada.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 10 mil hectares, em manejo irrigado em sistema de pivô central, em sucessão às lavouras de soja. O plantio do feijão-comum cores, após a colheita das lavouras de soja, é caracterizado como um cultivo de oportunidade, preenchendo a lacuna entre a produção da primeira e terceira safras, abastecendo toda a Região Nordeste do Brasil.

Em Mato Grosso, a semeadura das lavouras foi finalizada em fevereiro e estão em estádio de desenvolvimento vegetativo. A área destinada ao cultivo do feijão-comum cores segunda safra será 8,8% menor que a safra 2016/17, passando de 28,4 mil hectares na safra passada para 25,9 mil hectares na atual. Os baixos preços desestimularam o cultivo do grão de segunda safra, além do custo de produção elevado que inviabilizou novos incrementos de área.

Em Mato Grosso do Sul, o plantio de feijão-comum cores é concentrado na segunda safra em virtude do clima ser mais favorável ao desenvolvimento da leguminosa dado ao período mais frio, embora as chuvas tendem a diminuir após março, mas ainda são sufi-

cientes ao desenvolvimento da planta e com menor possibilidade de ocorrência de doenças. Os plantios terão início a partir de meados de abril, nas diferentes regiões produtoras.

No Distrito Federal, o plantio da segunda safra do feijão-comum cores já foi efetivado, registrando área de 0,5 mil hectares. A produtividade média está estimada em 2.200 Kg/ha, a mesma da safra anterior.

Em Minas Gerais, a área é estimada em 105,7 mil hectares, 4,2% menor em relação à safra passada em decorrência do atraso da colheita das lavouras de verão. O bom volume de chuvas possibilitou o armazenamento de água no solo e condições favoráveis ao plantio. As lavouras estão predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo.

Em São Paulo, a área cultivada deverá ser de 13,1 mil hectares, redução de 10,9% em relação à última safra. A mosca-branca tem desestimulado os produtores a cultivarem feijão-comum cores no estado.

No Paraná, a área destinada ao cultivo de feijão-comum cores segunda safra deverá sofrer uma redução de 25,5% frente à da safra passada. Quanto à produtividade, atualmente é estimada em 1.566 kg/ha, 16,5% superior à da safra anterior, a qual sofreu adversidades climáticas, com chuvas na colheita.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum cores segunda safra se encontra finalizado. As lavouras se encontram em 2% em germinação, 64% em desenvolvimento vegetativo, 27% em floração e 7% em granação. As condições das lavouras, em geral, são de 92% boas e 8% regulares.

A área semeada se manteve estável, se comparada com a safra 2016/17. Já o rendimento estimado para essa safra tem mostrado tendência de aumento em torno de 3% sobre a safra anterior.

As chuvas em março foram dentro da normalidade, não afetando as condições fitossanitárias da cultura e suprindo sua necessidade hídrica durante seu desenvolvimento. O preocupante será a entrada de frentes frias fora de época, com a redução da temperatura,



que poderá afetar o feijoeiro nas fases mais suscetíveis, podendo reverter a tendência de aumento da

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 186,4 mil toneladas em uma área de 125,6 mil hectares, obtendo em média a produtividade de 1.483 Kg/ha.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios. A estimativa é de redução de área em relação à safra passada.

No Distrito Federal, a área de feijão-comum preto segunda safra é pouco expressiva e está estimada em 0,1 mil hectares. O plantio já foi concluído e as lavouras estão em estádio de germinação e desenvolvimento vegetativo.

No Rio de Janeiro, o feijão-comum preto é destinado à subsistência e pequenas comercializações. De forma geral, houve atraso no calendário de plantio por causa das chuvas. A área deve ser de 0,5 mil hectares, uma redução de 56,2% quando comparado à safra anterior.

No Paraná, a redução de área deverá ser em torno de 7,7% frente à da safra passada. A produtividade atualmente estimada é de 1.553 kg/ha, 9,5% superior à da safra passada, a qual sofreu adversidades climáticas. Em algumas regiões foi observado aumento de área dessa cultura devido ao atraso das culturas de verão, optando pelo feijão-comum preto por ser uma cultura de ciclo mais curto.

Em Santa Catarina, o feijão-comum preto segunda safra está com 100% de sua área semeada.

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.027,1 mil hectares. A produção é estimada em 558,3 mil toneladas, 25,5% superior à safra passada.

Em Tocantins, o plantio está avançando bem e deve terminar no início de abril. A expectativa é que haja aumento no número de produtores do grão, principalmente na região sudeste do estado, onde um grupo de produtores iniciou no cultivo do grão na safra passada para exportação e acharam a cultura uma ótima alternativa em substituição do milho.

No Rio Grande do Norte, a estimativa de área plantada nessa safra é de 47,4 mil hectares e representará um incremento de 32,4% em relação à área plantada na safra

produtividade estimada.

O estádio de desenvolvimento é de 6% em germinação, 44% em desenvolvimento vegetativo, 32% em floração e 18% em granação. As condições das lavouras permanecem em 92% boas e 8% regulares.

A área semeada nesta safra sofreu uma redução de 10,3% em relação à safra anterior. Já a produtividade esperada deve registrar um aumento em torno de 4,1% em relação à safra 2016/17, haja vista a melhoria das condições climáticas em muitas regiões produtoras dessa classe de feijão.

Nas regiões com maiores altitudes, o atraso no plantio do feijão-comum preto segunda safra poderá ser preocupante, pois nessas localidades, com a entrada do outono, as perspectivas de redução nas temperaturas poderão prejudicar o feijoeiro, que é bastante suscetível às baixas temperaturas.

No Rio Grande do Sul, segue o desenvolvimento do feijão-comum preto. As condições meteorológicas desde a semeadura têm favorecido o bom desenvolvimento das lavouras, mantendo alta a expectativa de rendimento no estado. Atualmente, 25% das lavouras estão em enchimento de grãos, floração 43%, desenvolvimento vegetativo 31% e 1% em maturação. As regiões mais adiantadas são Soledade e Lajeado, enquanto Ijuí é a mais atrasada. A expectativa de rendimento para essa safra é de 1.600 kg/ha, muito superior à da safra anterior, que teve sérios problemas no momento da colheita.

2016/17. Esse aumento previsto é em razão das melhores condições climáticas anunciadas para a safra atual. Entretanto, poderá ser maior caso as chuvas voltem a ocorrer nas regiões oeste e alto oeste, pois grande parte dos produtores ainda dispõe de sementes para o replantio. Nas regiões agreste e leste potiguar, o plantio ocorre a partir de março, sendo a partir de maio o maior volume. É neste período que ocorre as chuvas consideradas ideais para o plantio.

No Paraná, na última safra, foram plantadas 63,2 mil hectares que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividade de apenas 261 kg/ha. Na presente safra poderá ocorrer um importante incremento de área com o plantio de até 82,2 mil hectares de feijão-caupi.



Em Pernambuco, dado ao comportamento das chuvas de março e à tendência de redução das chuvas para o trimestre de abril, maio e junho, a perspectiva é que a produção estimada das lavouras fique abaixo do esperado, para um ano normal, no entanto, ainda deve apresentar um aumento expressivo em relação à safra passada, a qual foi drasticamente afetada pela escassez de chuvas.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com produção de 40 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa, e irrigado, em sucessão à soja precoce. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro.

Figura 15 - Lavoura de feijão-caupi, em São Desidério - BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, o plantio do feijão-caupi segunda safra foi concluído no fim de março. A predominância do estádio da cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo. Estima-se um cultivo 230 mil hectares, frente aos 202,3 mil hectares da safra anterior, apesar dos preços baixos, na casa de R\$ 50,00 a saca de 60 quilos em Sorriso. Esse aumento de 13,7% na área se deve, principalmente, à preferência do produtor rural em substituir parcialmente a área de milho segunda safra no estado, fora da janela ideal. No ciclo 2017/18 não houve comercialização futura do feijão, pois o mercado externo está abastecido com grãos provenientes de outros países produtores.

Figura 16 - Feijão-caupi, em Nova Ubiratã - MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, o feijão-caupi teve um aumento expressivo nessa safra como segunda opção para o produtor, devido, principalmente, ao atraso das chuvas no estado, por ser uma cultura pouco exigente em relação à necessidade hídrica e bastante resistente a pragas e doenças. Cerca de 70% da cultura já foi plantada na região leste do estado. As primeiras colheitas devem ocorrer em maio. A colheita é mecanizada, com colhedeiras apenas com rotor, sem essa condição a injúria e quebra de grãos é muito intensa.

Figura 17 - Feijão-caupi, em Jataí-GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, o plantio do feijão-caupi já foi concluído. Mais de 40% da área semeada na segunda safra corresponde a esse tipo de feijão, que tem como principal mercado comprador a Região Nordeste.



Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



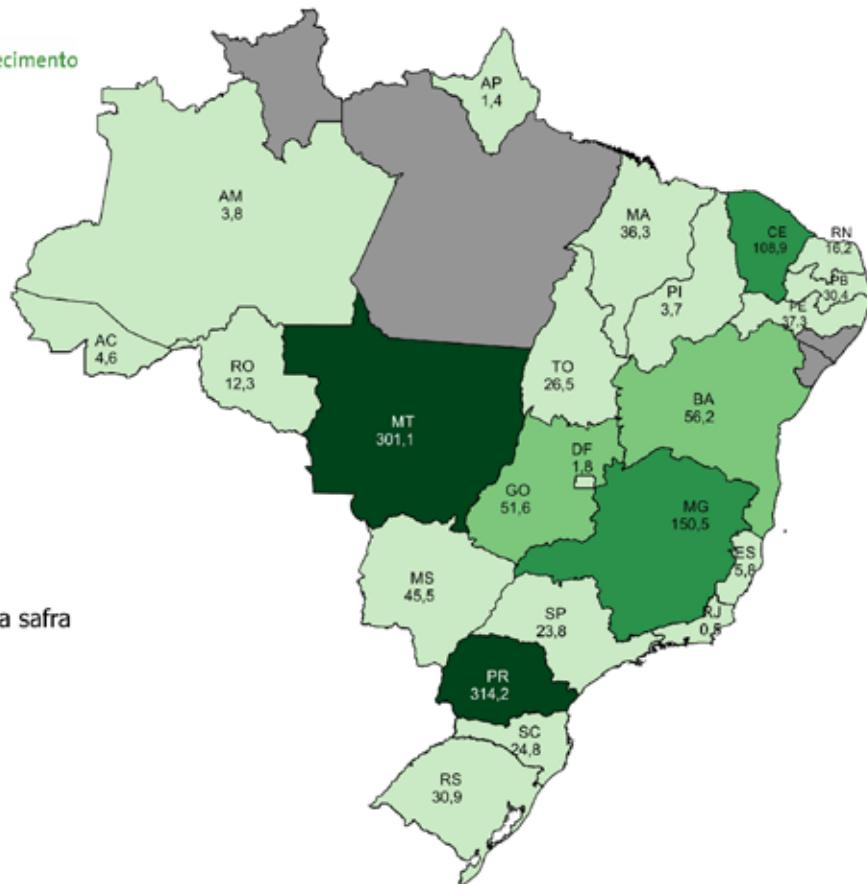
Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de feijão segunda safra

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- 50 - 100 mil toneladas
- 100 - 200 mil toneladas
- Acima de 200 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Sudeste Paranaense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
SC	Metropolitana de Curitiba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Norte Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RS	Sul Catarinense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hidrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	49,6	(11,3)	1.171	978	(16,5)	65,4	48,6	(25,7)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	972	3,0	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	22,1	(7,1)	1.520	1.198	(21,2)	36,2	26,5	(26,8)
NORDESTE	669,0	805,3	20,4	307	359	16,7	205,6	289,0	40,6
MA	51,4	53,1	3,3	699	683	(2,3)	35,9	36,3	1,1
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	407,0	396,5	(2,6)	292	275	(5,9)	118,8	108,9	(8,3)
RN	35,8	47,4	32,4	347	341	(1,7)	12,4	16,2	30,6
PB	90,0	110,2	22,4	316	276	(12,7)	28,4	30,4	7,0
PE	78,5	131,8	67,9	83	283	241,3	6,5	37,3	473,8
BA	-	60,0	-	-	937	-	-	56,2	-
CENTRO-OESTE	276,6	318,1	15,0	1.264	1.257	(0,5)	349,6	400,0	14,4
MT	230,7	255,9	10,9	1.172	1.177	0,4	270,3	301,1	11,4
MS	26,0	27,0	3,8	1.692	1.684	(0,5)	44,0	45,5	3,4
GO	19,0	34,1	79,5	1.750	1.512	(13,6)	33,3	51,6	55,0
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
SUDESTE	138,8	131,9	(5,0)	1.367	1.370	0,2	189,7	180,6	(4,8)
MG	116,8	112,2	(3,9)	1.331	1.341	0,8	155,4	150,5	(3,2)
ES	6,1	6,1	-	1.049	952	(9,2)	6,4	5,8	(9,4)
RJ	1,2	0,5	(58,3)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,5	(58,3)
SP	14,7	13,1	(10,9)	1.815	1.820	0,3	26,7	23,8	(10,9)
SUL	286,6	237,4	(17,2)	1.363	1.558	14,3	390,6	369,9	(5,3)
PR	249,0	201,3	(19,2)	1.370	1.561	13,9	341,2	314,2	(7,9)
SC	18,3	16,8	(8,2)	1.417	1.478	4,3	25,9	24,8	(4,2)
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
NORTE/NORDESTE	724,9	854,9	17,9	374	395	5,5	271,0	337,6	24,6
CENTRO-SUL	702,0	687,4	(2,1)	1.325	1.383	4,4	929,9	950,5	2,2
BRASIL	1.426,9	1.542,3	8,1	842	835	(0,8)	1.200,9	1.288,1	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,0	(9,1)	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PB	1,1	1,0	(11,6)	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-OESTE	1,1	1,1	-	1.555	1.329	(14,5)	1,7	1,5	(11,8)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	9,4	(6,9)	937	894	(4,6)	9,5	8,4	(11,6)
MG	6,4	6,4	-	931	939	0,9	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	0,5	(56,2)	1.008	1.091	8,2	1,2	0,5	(58,3)
SUL	122,4	114,1	(6,8)	1.378	1.543	12,0	168,6	176,1	4,4
PR	88,6	81,8	(7,7)	1.418	1.553	9,5	125,6	127,0	1,1
SC	14,5	13,0	(10,3)	1.343	1.398	4,1	19,5	18,2	(6,7)
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
NORTE/NORDESTE	1,1	1,0	(9,1)	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
CENTRO-SUL	133,6	124,6	(6,7)	1.346	1.492	10,9	179,8	186,0	3,4
BRASIL	134,7	125,6	(6,8)	1.338	1.483	10,8	180,2	186,4	3,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	26,1	(18,9)	956	818	(14,5)	30,7	21,4	(30,3)
RO	19,3	14,4	(25,2)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	8,0	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	972	3,0	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	0,6	(71,9)	1.312	1.027	(21,7)	2,8	0,6	(78,6)
NORDESTE	32,1	46,4	44,5	414	669	61,7	13,3	31,0	133,1
CE	2,8	4,0	42,6	565	530	(6,2)	1,6	2,1	31,3
PB	25,7	27,0	5,0	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	3,6	5,4	50,0	62	360	480,6	0,2	1,9	850,0
BA	-	10,0	-	-	1.620	-	-	16,2	-
CENTRO-OESTE	73,2	71,4	(2,5)	1.769	1.752	(1,0)	129,6	125,0	(3,5)
MT	28,4	25,9	(8,8)	1.831	1.847	0,9	52,0	47,8	(8,1)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.700	-	42,5	44,2	4,0
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
SUDESTE	128,6	122,4	(4,8)	1.401	1.407	0,4	180,1	172,2	(4,4)
MG	110,3	105,7	(4,2)	1.354	1.366	0,9	149,3	144,4	(3,3)
ES	3,6	3,6	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	(2,4)
SP	14,7	13,1	(10,9)	1.815	1.820	0,3	26,7	23,8	(10,9)
SUL	164,2	123,3	(24,9)	1.352	1.572	16,2	222,1	193,8	(12,7)
PR	160,4	119,5	(25,5)	1.344	1.566	16,5	215,6	187,1	(13,2)
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.751	3,0	6,5	6,7	3,1
NORTE/NORDESTE	64,3	72,5	12,8	685	723	5,5	44,0	52,4	19,1
CENTRO-SUL	366,0	317,1	(13,4)	1.453	1.549	6,6	531,8	491,0	(7,7)
BRASIL	430,3	389,6	(9,5)	1.338	1.395	4,2	575,8	543,4	(5,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

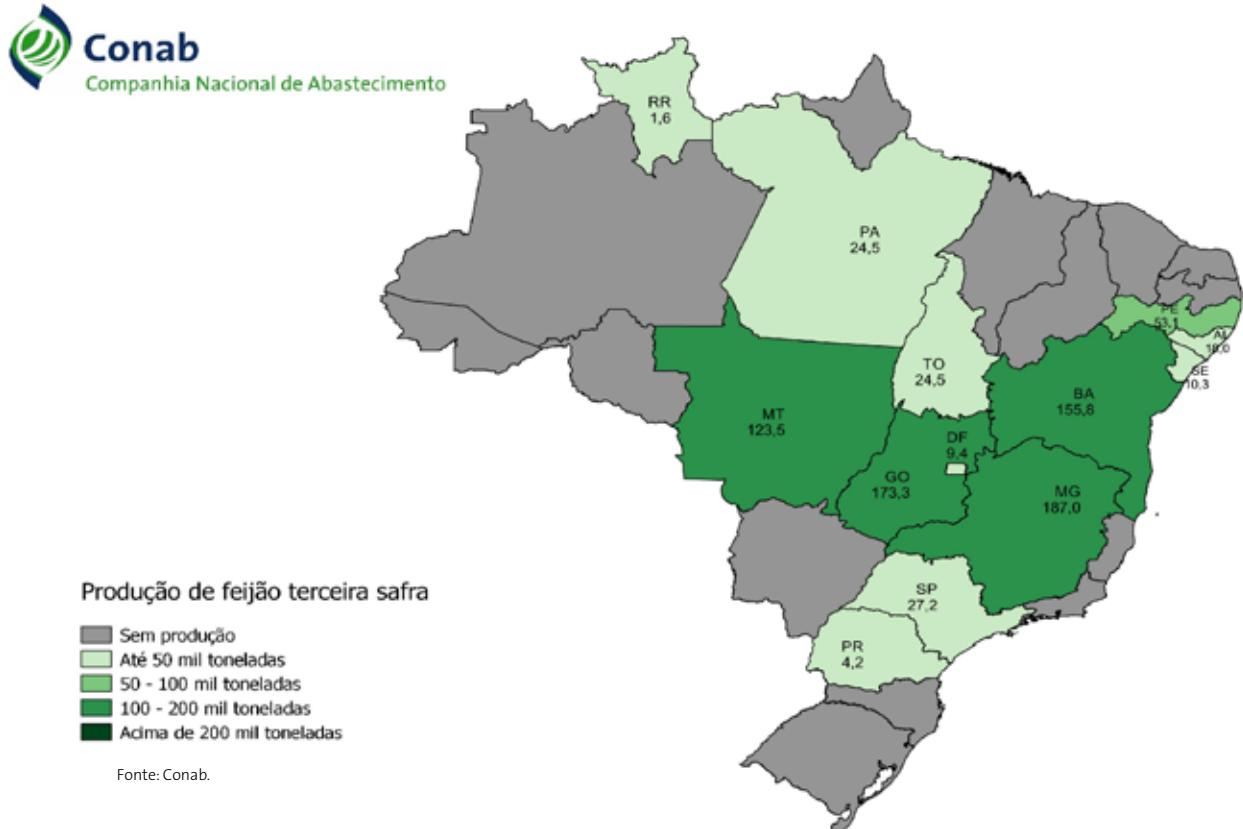
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	23,5	(0,8)	1.463	1.155	(21,0)	34,7	27,2	(21,6)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	21,5	(0,9)	1.540	1.203	(21,9)	33,4	25,9	(22,5)
NORDESTE	635,8	757,9	19,2	302	340	12,5	191,9	257,6	34,2
MA	51,4	53,1	3,4	699	683	(2,3)	35,9	36,3	1,1
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	404,2	392,5	(2,9)	290	272	(6,2)	117,2	106,8	(8,9)
RN	35,8	47,4	32,4	347	341	(1,7)	12,4	16,2	30,6
PB	63,2	82,2	30,1	261	234	(10,3)	16,5	19,2	16,4
PE	74,9	126,4	68,8	84	280	233,3	6,3	35,4	461,9
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	245,6	21,4	1.079	1.031	(4,4)	218,3	273,4	25,2
MT	202,3	230,0	13,7	1.079	1.101	2,0	218,3	253,2	16,0
GO	-	15,1	-	-	1.300	-	-	19,6	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	781,4	18,5	344	364	6,0	226,6	284,8	25,7
CENTRO-SUL	202,4	245,7	21,4	1.079	1.031	(4,4)	218,4	273,5	25,2
BRASIL	861,9	1.027,1	19,2	516	524	1,4	445,0	558,3	25,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MT	Norte Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C							PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C							PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floracão; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,2	-	1.190	968	(18,7)	62,2	50,6	(18,6)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	386,8	-	649	613	(5,6)	251,1	237,2	(5,5)
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	223,9	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,8	116,8	-	2.632	2.621	(0,4)	307,4	306,2	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
SUDESTE	82,2	82,2	-	2.586	2.605	0,7	212,6	214,2	0,8
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	439,0	-	714	655	(8,2)	313,3	287,8	(8,1)
CENTRO-SUL	203,4	203,4	-	2.578	2.579	-	524,4	524,6	-
BRASIL	642,4	642,4	-	1.304	1.264	(3,1)	837,7	812,4	(3,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	6,6	-	794	665	(16,3)	5,3	4,4	(17,0)
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	329,5	-	679	639	(5,9)	223,8	210,6	(5,9)
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	212,3	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	(6,0)
CENTRO-OESTE	116,3	116,3	-	2.634	2.623	(0,4)	306,3	305,1	(0,4)
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	82,0	-	2.590	2.609	0,7	212,3	213,9	0,8
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
SUL	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	336,1	-	682	640	(6,2)	229,1	215,0	(6,2)
CENTRO-SUL	202,7	202,7	-	2.581	2.581	-	523,0	523,2	-
BRASIL	538,8	538,8	-	1.396	1.370	(1,9)	752,1	738,2	(1,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.139	1,8	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	14,3	-	554	687	23,9	7,9	9,8	24,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

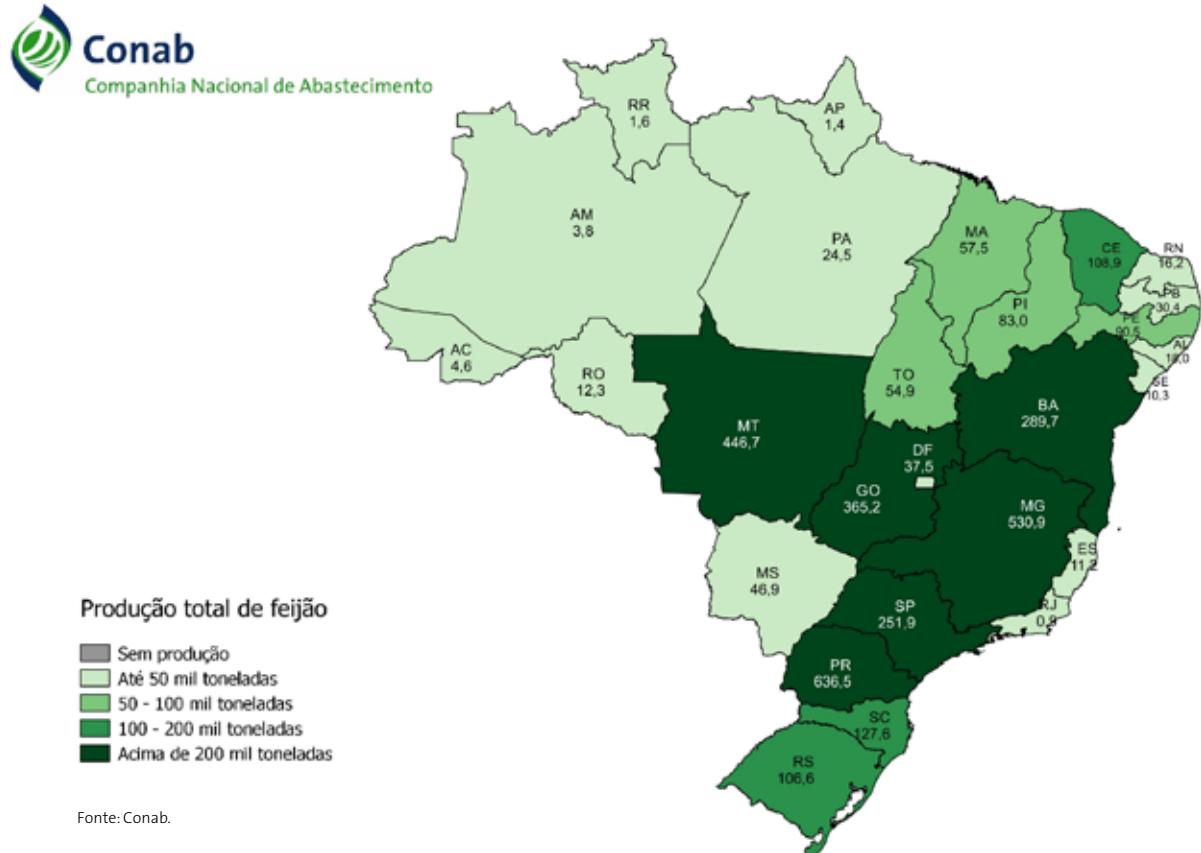
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	45,6	-	1.247	1.012	(18,9)	56,9	46,2	(18,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	43,4	-	466	405	(13,0)	20,2	17,6	(12,9)
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	11,6	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	(6,2)
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
NORTE/NORDESTE	89,0	89,0	-	866	716	(17,4)	77,1	63,8	(17,3)
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
BRASIL	89,3	89,3	-	869	719	(17,2)	77,6	64,3	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	107,9	(4,4)	1.158	954	(17,6)	130,6	103,1	(21,1)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	972	3,0	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	44,1	43,7	(0,9)	1.622	1.257	(22,5)	71,5	54,9	(23,2)
NORDESTE	1.546,0	1.621,4	4,9	439	434	(1,1)	679,1	704,5	3,7
MA	87,8	90,9	3,5	646	632	(2,1)	56,7	57,5	1,4
PI	233,2	241,6	3,6	302	344	13,9	70,3	83,0	18,1
CE	407,0	396,5	(2,6)	292	275	(5,9)	118,8	108,9	(8,3)
RN	35,8	47,4	32,4	347	341	(1,7)	12,4	16,2	30,6
PB	90,0	110,2	22,4	316	276	(12,7)	28,4	30,4	7,0
PE	186,1	239,4	28,6	311	378	21,4	58,0	90,5	56,0
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	440,1	(2,4)	667	658	(1,2)	300,5	289,7	(3,6)
CENTRO-OESTE	474,9	516,6	8,8	1.761	1.735	(1,5)	836,5	896,3	7,1
MT	295,2	322,2	9,1	1.402	1.386	(1,1)	414,0	446,7	7,9
MS	26,8	27,8	3,7	1.696	1.688	(0,5)	45,4	46,9	3,3
GO	136,8	150,3	9,9	2.507	2.430	(3,1)	343,0	365,2	6,5
DF	16,1	16,3	1,2	2.117	2.298	8,6	34,1	37,5	10,0
SUDESTE	468,3	455,3	(2,8)	1.731	1.746	0,9	810,6	794,9	(1,9)
MG	348,2	338,8	(2,7)	1.536	1.567	2,0	535,0	530,9	(0,8)
ES	10,7	10,7	-	1.103	1.049	(4,9)	11,8	11,2	(5,1)
RJ	1,8	0,9	(50,0)	1.048	1.016	(3,0)	1,9	0,9	(52,6)
SP	107,6	104,9	(2,5)	2.434	2.402	(1,3)	261,9	251,9	(3,8)
SUL	578,2	534,5	(7,6)	1.630	1.629	(0,1)	942,7	870,7	(7,6)
PR	447,5	405,3	(9,4)	1.588	1.570	(1,1)	710,5	636,5	(10,4)
SC	69,6	70,4	1,1	1.964	1.812	(7,8)	136,7	127,6	(6,7)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.812	15,9	95,5	106,6	11,6
NORTE/NORDESTE	1.658,9	1.729,3	4,2	488	467	(4,4)	809,7	807,6	(0,3)
CENTRO-SUL	1.521,4	1.506,4	(1,0)	1.702	1.701	(0,1)	2.589,8	2.561,9	(1,1)
BRASIL	3.180,3	3.235,7	1,7	1.069	1.041	(2,6)	3.399,5	3.369,5	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	14,9	(0,7)	502	626	24,6	7,5	9,4	25,3
PB	1,1	1,0	(9,1)	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
CENTRO-OESTE	2,5	2,5	-	1.820	1.750	(3,9)	4,5	4,4	(2,2)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,5	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,0	(5,5)	953	934	(1,9)	19,2	17,7	(7,8)
MG	13,5	13,3	(1,5)	886	898	1,3	12,0	11,9	(0,8)
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.019	(7,7)	5,3	4,9	(7,5)
RJ	1,8	0,9	(50,0)	1.048	1.016	(3,0)	1,9	0,9	(52,6)
SUL	286,1	283,9	(0,8)	1.665	1.640	(1,5)	476,4	465,6	(2,3)
PR	200,6	200,5	-	1.703	1.622	(4,8)	341,6	325,2	(4,8)
SC	34,4	34,6	0,6	1.839	1.755	(4,6)	63,3	60,8	(3,9)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.630	16,5	71,5	79,6	11,3
NORTE/NORDESTE	15,0	14,9	(0,7)	502	626	24,6	7,5	9,4	25,3
CENTRO-SUL	308,7	305,4	(1,1)	1.620	1.597	(1,4)	500,1	487,7	(2,5)
BRASIL	323,7	320,3	(1,1)	1.568	1.552	(1,1)	507,6	497,1	(2,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	33,6	(14,3)	930	792	(14,8)	36,4	26,7	(26,6)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	4,1	7,9	1.239	925	(25,3)	4,7	3,8	(19,1)
AP	1,4	1,4	-	944	972	3,0	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	3,0	2,0	(33,3)	1.513	1.270	(16,1)	4,6	2,5	(45,7)
NORDESTE	418,6	419,8	0,3	684	629	(8,1)	286,2	263,9	(7,8)
CE	2,8	4,0	42,9	565	530	(6,2)	1,6	2,1	31,3
PB	25,7	27,0	5,1	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	75,8	77,6	2,4	489	515	5,5	37,0	39,9	7,8
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	266,2	(1,2)	774	707	(8,7)	208,3	188,2	(9,6)
CENTRO-OESTE	263,4	261,8	(0,6)	2.299	2.331	1,4	605,5	610,3	0,8
MT	86,5	85,8	(0,8)	2.173	2.166	(0,4)	188,0	185,8	(1,2)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.703	-	43,9	45,6	3,9
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.382	11,4	30,6	33,4	9,2
SUDESTE	434,0	422,5	(2,6)	1.806	1.822	0,9	783,9	769,7	(1,8)
MG	320,5	311,7	(2,7)	1.609	1.641	2,0	515,5	511,4	(0,8)
ES	5,9	5,9	-	1.102	1.073	(2,6)	6,5	6,4	(1,5)
SP	107,6	104,9	(2,5)	2.434	2.402	(1,3)	261,9	251,9	(3,8)
SUL	292,1	250,6	(14,2)	1.596	1.616	1,3	466,3	405,1	(13,1)
PR	246,9	204,8	(17,1)	1.494	1.520	1,7	368,8	311,2	(15,6)
SC	35,2	35,8	1,7	2.087	1.867	(10,5)	73,5	66,9	(9,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	453,4	(1,0)	705	641	(9,1)	322,6	290,6	(9,9)
CENTRO-SUL	989,5	934,9	(5,5)	1.875	1.909	1,8	1.855,7	1.785,1	(3,8)
BRASIL	1.447,3	1.388,3	(4,1)	1.505	1.495	(0,7)	2.178,3	2.075,7	(4,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	74,3	0,8	1.279	1.027	(19,7)	94,3	76,4	(19,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	41,1	41,7	1,5	1.630	1.256	(23,0)	67,0	52,4	(21,8)
NORDESTE	1.112,4	1.186,7	6,7	346	363	4,9	385,1	431,2	12,0
MA	87,8	90,9	3,5	646	632	(2,1)	56,6	57,5	1,6
PI	233,2	241,6	3,6	302	344	13,9	70,3	83,0	18,1
CE	404,2	392,5	(2,9)	290	272	(6,2)	117,2	106,8	(8,9)
RN	35,8	47,4	32,4	347	341	(1,7)	12,4	16,2	30,6
PB	63,2	82,2	30,1	261	234	(10,3)	16,5	19,2	16,4
PE	96,4	147,9	53,4	143	281	95,9	13,8	41,5	200,7
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	173,9	(4,2)	507	584	15,1	92,1	101,6	10,3
CENTRO-OESTE	209,0	252,3	20,7	1.083	1.116	3,0	226,5	281,6	24,3
MT	208,7	236,4	13,3	1.083	1.104	1,9	226,0	260,9	15,4
DF	0,3	0,8	166,7	1.500	1.261	(15,9)	0,5	1,1	120,0
SUDESTE	14,2	13,8	(2,8)	522	542	3,6	7,4	7,5	1,4
MG	14,2	13,8	(2,8)	522	542	3,6	7,4	7,5	1,4
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.261,0	6,3	404	402	(0,5)	479,4	507,6	5,9
CENTRO-SUL	223,2	266,1	19,2	1.048	1.086	3,7	233,9	289,1	23,6
BRASIL	1.409,3	1.527,1	8,4	506	522	3,0	713,3	796,7	11,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, o relativo atraso da colheita da soja afetou o plantio das lavouras de girassol, cuja sementeira foi concluída no em março. As plantas se encontram nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo. A expectativa para safra a 2017/18 é de aumento de aproximadamente 85,8% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 31,8 mil hectares para 59,1 mil hectares, devido aos bons preços praticados no mercado interno. Estima-se que até o momento 90% da produção já tenha sido vendida a preços médios de R\$ 64,00 a saca de 60 quilos.

Em Goiás, a cultura está em fase de plantio. Alguns produtores desistiram do plantio em razão dos pre-

ços oferecidos pela indústria e por ainda a cultura ser temerosa quanto ao clima e doenças. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção. Está situada no sul de Goiás e realiza contratos com os produtores. O preço oferecido no mercado futuro é em torno de R\$ 60,00 a saca de 60 quilos.

Em Minas Gerais, o plantio de girassol ainda se encontra lento, com poucas informações sobre o plantio efetivo. Caso se confirme a projeção inicial de plantio, a área deverá se manter em 9,2 mil hectares. Com uma produtividade média estimada em 1.326 kg/ha, e a produção poderá atingir 12,2 mil toneladas.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Produção de girassol

- [Grey square] Sem produção
- [Light yellow square] Até 5 mil toneladas
- [Yellow square] 5 - 10 mil toneladas
- [Darker yellow square] 10 - 20 mil toneladas
- [Orange square] Acima de 20 mil toneladas

Fonte: Conab.

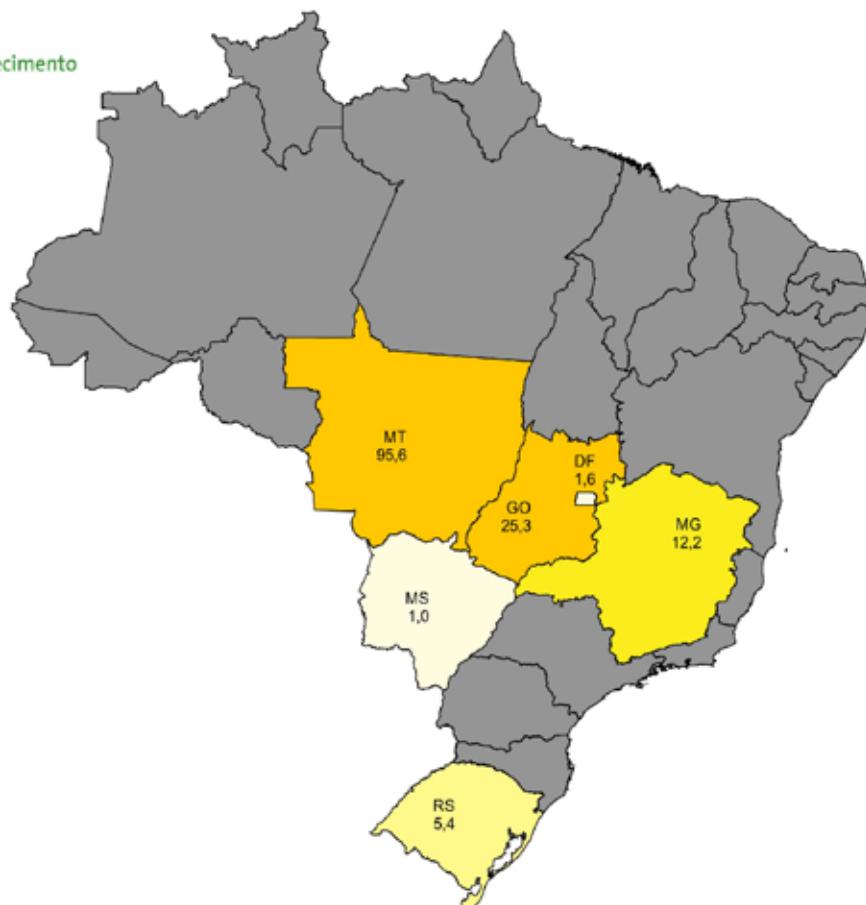


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	76,5	52,7	1.702	1.613	(5,2)	85,3	123,5	44,8
MT	31,8	59,1	85,8	1.670	1.617	(3,2)	53,1	95,6	80,0
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.400	(6,7)	1,5	1,0	(33,3)
GO	16,6	16,0	(3,6)	1.750	1.579	(9,8)	29,1	25,3	(13,1)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
MG	9,3	9,2	(1,1)	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,2	(6,2)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	89,0	41,9	1.653	1.584	(4,2)	103,7	141,1	36,1
BRASIL	62,7	89,0	41,9	1.653	1.584	(4,2)	103,7	141,1	36,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 34,5 mil hectares, que representa acréscimo de 23,2% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% da produção em relação à safra 2016/17. O principal fator motivador do aumento da área plantada, principalmente na microrregião de Irecê, pode ser atribuído ao clima favorável e ao preço aliado à liquidez do produto no mercado, visto que novembro e dezembro de 2017 foram mais chuvosos que o mesmo período da safra anterior, e as cotações do valor pago ao produtor segue tendência de crescimento nos últimos três anos, acentuando-se a partir de 2017, atingindo o patamar de R\$ 84,96 por saca de 60 quilos. A média do estado em fevereiro de 2018 é de R\$ 183,63.

A mamona é cultivada no centro-norte do estado, tendo como principal polo a microrregião de Irecê, além de Ourolândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canarana. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registros de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro.

Nesta safra a produtividade deverá ser melhor que as anteriores, pois as condições climáticas para a cultura da mamona são favoráveis devido ao volume de chuvas dos últimos meses e a sua alta tolerância às estiagens. É possível observar plantio de novas áreas de mamona ocorrido em fevereiro, uma vez que as chuvas continuaram ocorrendo na região.

Figura 22 - Mamona recém-plantada – Cafarnaum/BA. Março 2018



Fonte: Conab.

A mamona apresenta boa resistência ao deficit hídrico da região e, o que alegra os produtores, é que pode ser colhida ao longo do ano. As condições climáticas relativamente favoráveis, durante o estágio reprodutivo, beneficiaram o crescimento das plantas, que apresentam bom porte e desenvolvimento.

Figura 23 - Mamoneira. Irecê/BA. Mar/2018



Fonte: Conab.



**Figura 24 - Lavoura de mamona. Irecê/BA.
Mar/2018**



Fonte: Conab.

Segundo os corretores da região, o principal destino da mamona baiana é o mercado paulista. A evolução da estimativa da produtividade da cultura da mamona no estado, no estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017, primeiro levantamento, apontaram uma perspectiva inicial de 563 kg/ha (8,3 scs/ha). Com plantio ocorrendo no fim de outubro, novembro

e dezembro e com a regularidade das chuvas, estima-se a produtividade de 562 kg/ha (9,4 scs/ha), que se manteve estável sem grandes alterações ao longo das previsões dos levantamentos seguintes, reduzindo para 549 kg/ha (9,2 scs/ha) em janeiro de 2018 (quinto levantamento). Já para esse levantamento estima-se rendimento de 631 Kg/ha (10,51 scs/ha). A colheita deve ser iniciada em meados de abril.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado na presente safra não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, pulverizada na região norte do estado, apresenta produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim com comercialização muito incerta. O plantio foi realizado entre novembro e dezembro. A colheita ocorre de março a junho.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Produção de girassol

- Sem produção
- Até 5 mil toneladas
- 5 - 10 mil toneladas
- 10 - 20 mil toneladas
- Acima de 20 mil toneladas

Fonte: Conab.

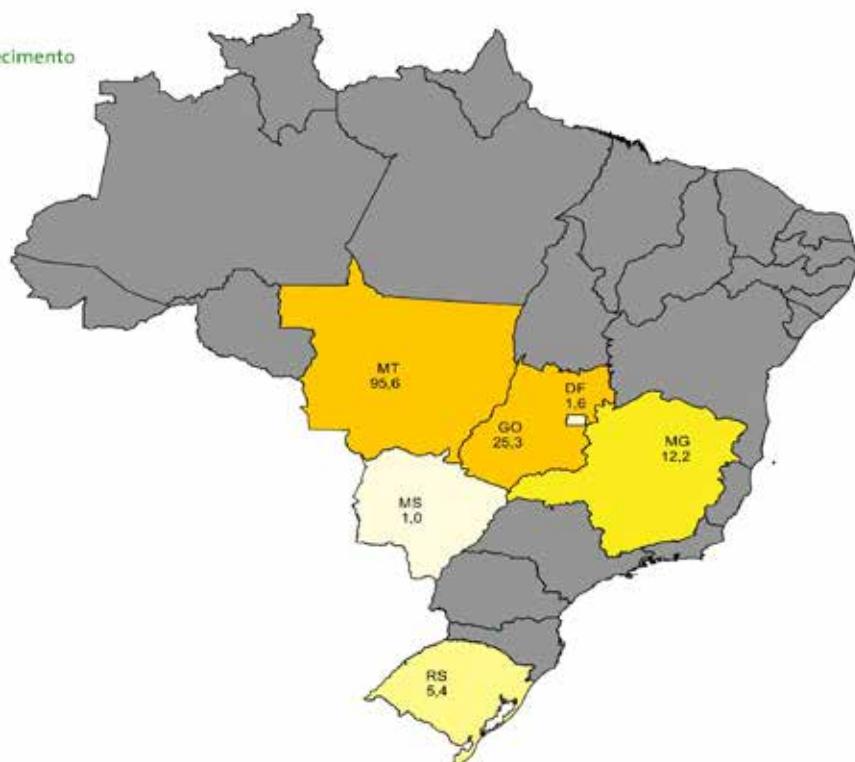


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	32,8	25,2	444	558	25,8	11,6	18,3	57,8
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	5,8	18,3	224	217	(3,1)	1,1	1,3	18,2
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	32,8	25,2	444	558	25,8	11,6	18,3	57,8
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	34,5	23,2	470	575	22,4	13,1	19,8	51,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O sétimo levantamento da primeira safra de milho deste ano, indica redução na área plantada de 7,7% em relação à safra de 2016/17.

Na Região Norte, estima-se redução de 4,3% na área plantada em relação ao ano passado.

Em Rondônia, foi registrada a maior redução percentual na área cultivada da região, 22,1%, em relação ao plantio passado, justificado pelos baixos preços praticados no mercado local, em virtude da concorrência de produtos oriundos de outros estados, especialmente do Mato Grosso.

No Acre, a colheita já foi encerrada, com a ocorrência de alguns atrasos na operação, em função da coincidência com as fortes chuvas no estado. A área plantada apresentou redução de 2% em relação ao exercício anterior.

No Pará, maior produtor regional, o milho teve um recesso na área em relação ao plantio anterior, de 5,7%, saindo de 176,9 mil hectares, para os atuais 166,8 mil hectares.

Em Tocantins, a cultura apresentou um aumento de 15,2% na área em relação à safra passada. O aumento derivou em parte de produtores com dificuldades financeiras que não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar soja na janela ideal de plantio, e que assim, optaram pelo plantio do milho.

Figura 26 - Lavoura de milho em Silvanópolis - TO



Fonte: Conab.

A Região Nordeste apresenta a maior área cultivada com milho primeira safra do país. O acréscimo nessa safra deverá atingir 6,7% em relação ao ano passado.

No Maranhão, houve forte incremento de área atingindo 315,6 mil hectares, 7,8% em relação ao período anterior. Esse aumento foi provocado pela migração do plantio da agricultura familiar, para a agricultura mecanizada. Particularmente na região de Tocantina, em locais de grande exploração da pecuária, foram bem significativos os aumentos na área do cereal, para uso em silagem ou dos grãos, para suplementação energética de bovinos nos períodos de seca. Apesar da supremacia evidenciada da intenção de cultivo de soja, alguns produtores e entrevistados se manifestaram pela continuidade do plantio da primeira safra em grandes áreas.



Figura 27 - Lavoura de milho em floração/frutificação - Maranhão



Fonte: Conab.

No Piauí, ocorreu aumento na área de milho da ordem de 0,7% em relação à safra passada, totalizando 421,1 mil hectares. A previsão é de que a colheita inicie no final de abril. As lavouras, com exceção das áreas do semiárido, encontram-se em sua maioria em boas condições. De forma geral, principalmente no cerrado, o clima tem sido benéfico, com as chuvas bem distribuídas, e a incidência tanto de pragas quanto de doenças tem sido baixas, não apresentando dificuldades de combate.

Na Bahia, as lavouras de milho ocupam 380,3 mil hectares, situação praticamente idêntica à da safra passada. O regime de chuvas dos últimos anos foi desfavorável para o cultivo do milho. Os ataques de cigarrinhas, principalmente nos cultivos irrigados, também impactaram negativamente na produtividade do milho nas últimas safras. Neste ano, as lavouras de sequeiro estão apresentando bom desenvolvimento e atualmente encontram-se no estágio de maturação, com colheita prevista para maio.

Na Região Centro-Oeste, ocorreu forte redução no plantio, apresentando uma área 17,2% menor do que à safra passada.

Figura 28 - Lavoura de milho (sequeiro), em maturação - Correntina/BA



Fonte: Conab.

Figura 29 - Lavoura de milho (irrigado) – Irecê/BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, a área de milho primeira safra, sofreu forte ajuste nas suas estimativas, ao incorporar o plantio em municípios não captados nos levantamentos anteriores, atingindo agora 32,4 mil hectares, praticamente igualando-se ao plantio do ano passado. As lavouras encontram-se nos estágios de frutificação e maturação e a colheita das primeiras áreas deverá ocorrer a partir de abril. Em relação ao rendimento, as expectativas são boas. As chuvas regulares permitem projetar média equivalente ao ciclo passado.

Em Mato Grosso do Sul, aproximadamente 45% das lavouras estão em fase de maturação e 55% colhidas. As condições climáticas causaram alguns problemas no desenvolvimento das lavouras, a exemplo do que ocorreu com a soja. Na região sul e sudeste do estado, onde as lavouras são plantadas mais precocemente, a colheita já ocorreu, enquanto no norte e nordeste, onde há a maior área de plantio, a cultura está em plena colheita, apesar dos problemas com as chuvas frequentes. Estima-se que a produtividade será similar à da safra anterior, pois as condições climáticas, somadas ao pacote tecnológico, foram favoráveis ao cultivo do cereal. A colheita de milho primeira safra ocorre após a da soja, pois a cultura tem maior tolerância e resistência no campo.

Em Goiás, nas regiões sul e sudoeste, a cultura encontra-se em fase de maturação. Produtores que cultivaram o milho verão estão satisfeitos com as condições das lavouras e também com os preços no mercado. A colheita ocorrerá a partir de abril na região sul. Na região leste do estado, o milho primeira safra encontra-se em fase de maturação, sem maiores problemas com pragas e doenças, e os produtores aguardam o fim da colheita da soja para iniciar a colheita do cereal.

Na Região Sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 9,9% em relação à safra anterior.



Em Minas Gerais, o plantio de milho apresentou uma redução de 11,5% em relação à safra anterior, passando de 909,4 mil para 804,8 mil hectares. As lavouras encontram-se em fase de maturação e colheita, apresentando excelentes condições e projeções de rendimentos acima do esperado. Desta forma, estima-se produtividade média de 6.350 kg/ha, passível de ajuste positivo com a evolução da colheita, que tem sua demora explicada em decorrência do atraso do plantio em função da ausência das chuvas e da priorização atual na colheita da soja.

Em São Paulo a área de milho ficou definida em 351,8 mil hectares e a produtividade aponta para 6.435 kg/há, praticamente idêntica à do ano passado. A lavoura encontra-se com aproximadamente 90% da área colhido, devendo ser encerrada na primeira semana de abril.

Na Região Sul, maior produtora de milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução percentual na área plantada, estimada agora em 1.372,7 mil hectares, ante os 1.712,9 mil hectares da safra passada.

No Paraná, a colheita atingiu aproximadamente 80% da área e a produtividade esperada é de 8.626 Kg/ha, inferior em 6,7% à da safra passada. O investimento nessas lavouras foi alto, por serem áreas tradicionais na produção de milho no verão. As irregularidades nas precipitações parecem não ter afetado significativamente as lavouras. Alguns informantes relatam que as produtividades seriam maiores em condições pluviométricas mais regulares. O verão com temperaturas amenas possibilitou várias horas de frio durante as noites, fator bastante favorável para o bom

desenvolvimento do milho, o que justifica a alta produtividade esperada.

Em Santa Catarina, confirmou-se a diminuição na produção de milho em relação à safra anterior em aproximadamente 23,3%, fruto de forte redução na área plantada, 21,1% e de uma retração da produtividade em torno de 2,8%. Os principais fatores responsáveis pela queda na área foram a perspectiva de preços baixos no momento da semeadura e dois veranicos observados durante a germinação e o florescimento das lavouras. A área perdida pelo milho foi, em sua maioria, migrada para a soja. No geral, a lavoura vem se desenvolvendo sem grandes problemas em relação ao ataque de pragas ou doenças e já foram colhidos aproximadamente 47,3 % da área semeada.

No Rio Grande do Sul, com início da colheita da soja, a maioria das unidades de recebimento preparou-se para o recebimento da oleaginosa, cessando temporariamente as operações com milho. Nas regiões das Missões, Alto Uruguai e Celeiro, a colheita encontra-se 95% encerrada. No Planalto a colheita atingiu 85%, 60% no Norte e 20% nos Campos de Cima da Serra, sendo que o restante está em maturação. Exceção são as áreas de milho plantadas nas áreas de fumo, na região de Soledade e Lajeado, que estão em desenvolvimento vegetativo, floração ou enchimento de grãos, representando cerca de 2,5% do total do estado. Por fim, a região de Pelotas apresenta apenas 15% colhida, estando a maior parte das lavouras em enchimento de grãos (50%) e maturação (30%). A produtividade média para esta safra foi mantida em 6.508 kg/ha, redução de 13,2% em relação à safra passada. Apesar da redução, o rendimento desta safra ainda está entre os melhores já verificados no Rio Grande do Sul.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

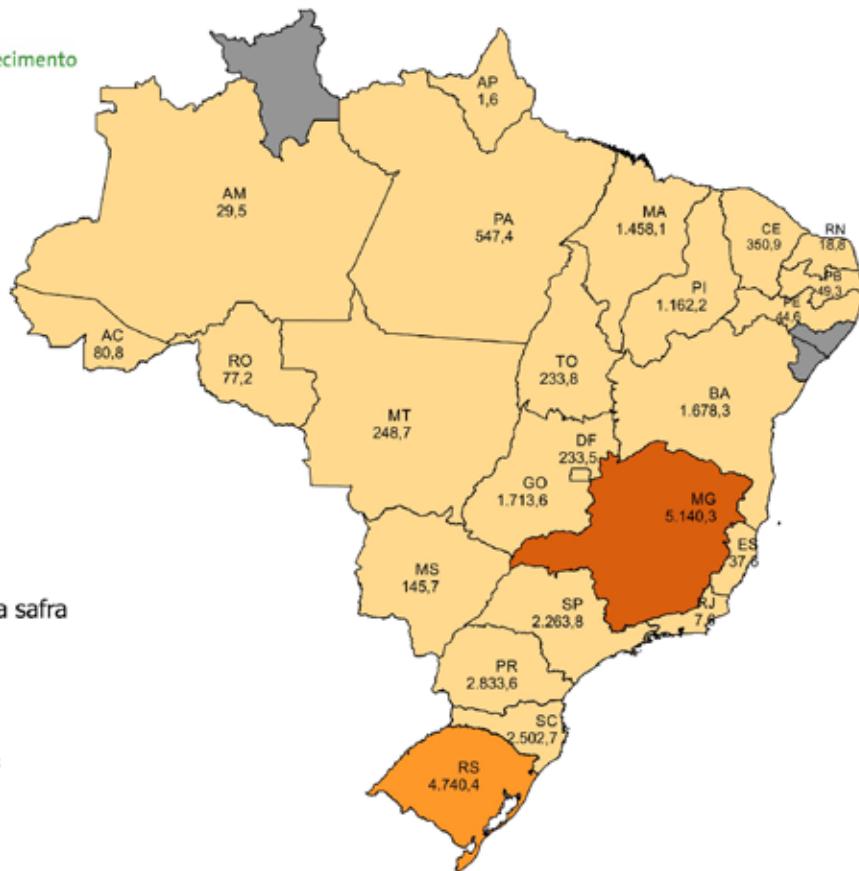


Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de milho primeira safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C				
	Sul Maranhense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C					
PI	Norte Piauense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C			
	Sudoeste Piauense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Noroeste Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
CE	Sertões Cearenses					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Jaguaribe					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Cearense					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
RN	Oeste Potiguar					P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano					PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
BA	Vale São-Franciscano da Bahia		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Norte Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Sul Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal	PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legenda:

 Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	311,8	298,3	(4,3)	3.194	3.253	1,8	996,0	970,3	(2,6)
RO	40,2	31,3	(22,1)	2.661	2.465	(7,4)	107,0	77,2	(27,9)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,3)	962	1.009	4,9	1,6	1,6	-
PA	176,9	166,8	(5,7)	3.142	3.282	4,5	555,8	547,4	(1,5)
TO	45,9	52,9	15,2	4.766	4.419	(7,3)	218,8	233,8	6,9
NORDESTE	1.806,6	1.927,7	6,7	2.469	2.470	0,1	4.460,8	4.762,2	6,8
MA	292,8	315,6	7,8	4.240	4.620	9,0	1.241,5	1.458,1	17,4
PI	418,2	421,1	0,7	3.037	2.760	(9,1)	1.270,1	1.162,2	(8,5)
CE	514,0	526,9	2,5	815	666	(18,3)	418,9	350,9	(16,2)
RN	29,2	41,4	41,7	348	453	30,2	10,2	18,8	84,3
PB	86,5	106,4	23,0	446	463	3,8	38,6	49,3	27,7
PE	84,1	136,0	61,7	74	328	343,2	6,2	44,6	619,4
BA	381,8	380,3	(0,4)	3.864	4.413	14,2	1.475,3	1.678,3	13,8
CENTRO-OESTE	350,0	289,9	(17,2)	8.060	8.077	0,2	2.821,0	2.341,5	(17,0)
MT	33,4	32,4	(3,0)	7.676	7.676	-	256,4	248,7	(3,0)
MS	28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.400	0,6	261,5	145,7	(44,3)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.400	7,7	223,1	233,5	4,7
SUDESTE	1.301,2	1.172,9	(9,9)	6.295	6.351	0,9	8.191,5	7.449,3	(9,1)
MG	909,4	804,8	(11,5)	6.374	6.387	0,2	5.796,5	5.140,3	(11,3)
ES	13,2	13,0	(1,3)	2.832	2.896	2,3	37,4	37,6	0,5
RJ	2,7	3,3	21,0	2.332	2.318	(0,6)	6,3	7,6	20,6
SP	375,9	351,8	(6,4)	6.255	6.435	2,9	2.351,3	2.263,8	(3,7)
SUL	1.712,9	1.372,7	(19,9)	8.169	7.341	(10,1)	13.992,7	10.076,7	(28,0)
PR	507,7	328,5	(35,3)	9.243	8.626	(6,7)	4.692,7	2.833,6	(39,6)
SC	400,3	315,8	(21,1)	8.152	7.925	(2,8)	3.263,2	2.502,7	(23,3)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	2.118,4	2.226,0	5,1	2.576	2.575	-	5.456,8	5.732,5	5,1
CENTRO-SUL	3.364,1	2.835,5	(15,7)	7.433	7.007	(5,7)	25.005,2	19.867,5	(20,5)
BRASIL	5.482,5	5.061,5	(7,7)	5.556	5.058	(9,0)	30.462,0	25.600,0	(16,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura vem seguindo o ritmo da colheita da soja, que experimentou no transcorrer do seu desenvolvimento, atrasos em cadeia, tanto por ocasião do plantio como recentemente na colheita, afetando particularmente as variedades precoces. Estima-se uma redução de aproximadamente 4,6% na área plantada com o milho, em comparação com o que ocorreu no exercício passado.

Em Mato Grosso, a semeadura da segunda safra de milho foi finalizada na segunda quinzena de março, estimando-se em cerca de 20%, o cultivo fora da janela ideal, devido ao atraso na colheita da soja. A va-

lorização recente na cotação do cereal, levou vários produtores a alongarem o período de plantio sendo registrado no levantamento, 4.471,2 mil hectares, área próxima aos níveis da safra anterior. As lavouras encontram-se em diferentes estádios de desenvolvimento, com algumas em fase de frutificação que deverão ser colhidas na segunda quinzena de maio. Entretanto, a maior parte está em desenvolvimento vegetativo e floração e tende a ser colhido entre junho e julho. O menor investimento em sementes e fertilizantes podem limitar o potencial produtivo da cultura, contudo as projeções climáticas indicam regularidade de chuvas nas próximas semanas, especialmente durante abril.



Em Mato Grosso do Sul, as principais regiões produtoras intensificaram o plantio do milho segunda safra, em função do avanço na colheita da soja. A média estimada para o plantio da cultura no final de março é de aproximadamente 80% e por ocasião do levantamento ele estava bastante atrasado. Aproximadamente 5% das lavouras estão em fase de germinação, 80% em desenvolvimento vegetativo e 15% em floração.

Em Goiás, nas regiões sul e sudoeste do estado o plantio da segunda safra de milho se apresentava na semana do levantamento, na reta final. Com dias ensolarados, mesclados com pancadas de chuvas, os produtores estão emprenhados em terminar o plantio do milho. Na região leste do estado o plantio está praticamente encerrado, existindo áreas, onde o milho ainda nem emergiu. Produtores se arriscam a plantar após o prazo da janela ideal, devido a compra dos insumos e sementes realizadas no início da safra, e que não contavam com o atraso na primeira safra. As apostas para o milho plantado tardiamente é para que ocorram chuvas até maio. De modo geral na região leste, o milho segunda safra, encontra-se nos mais variados estágios de desenvolvimento, desde plantas que ainda não emergiram até as que já pendoaram. Os técnicos afirmam que haverá redução de tecnologia aplicada e resumo nos pacotes tecnológicos, com utilização de variedades ou híbridos mais baratos comercialmente. O que faz o produtor arriscar um pouco mais, avançando no calendário de plantio é o fato dos preços do milho estarem atrativos no momento.

Na Região Norte, a perspectiva é de diminuição de 6,6% na área plantada, comparado à safra passada.

Em Rondônia, a implantação da cultura ocorre a todo vapor e muitas lavouras já estão bem adiantadas, com a realização dos controles de daninhas e adubação nitrogenada em cobertura. O perfil desse produtor é de médio a grande, com elevado nível tecnológico e ampla utilização de corretivos, fertilizantes e defensivos, além do uso de mecanização agrícola, que garantem elevados níveis de produtividades.

Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho na segunda safra, devido ao atraso no plantio da soja. Porém, com as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e março, coincidindo com a elevação das cotações, houve uma intensificação do plantio, com os produtores esperançosos de que as favoráveis condições do clima, perdurem até a fase de enchimento de grãos. Dessa forma, o plantio está sendo realizado fora da janela ideal, em praticamente todo o estado. Como a situação envolve risco acentuado, está previsto haver menor investimento no emprego de insumos e aumento no registro de utilização de sementes salvas.

A previsão é de que a área cultivada se aproxime da safra anterior.

A Região Nordeste deverá nesse levantamento, registrar redução na área plantada, estimando-se em 6,7%, quando comparado à safra passada.

No Maranhão, as incertezas relacionadas ao plantio da lavoura, em consequência das chuvas intensas coincidindo com a colheita da soja, colocam, na medida em que a janela climática vai se encurtando, dúvidas sobre o planejamento do milho safrinha, colocando em aberto os números da safra neste levantamento.

No Piauí, existe a perspectiva de aumento de área da ordem de 15,3% em relação à safra passada, totalizando 56,7 mil hectares. Conforme previsto, o plantio iniciou-se a partir de 15 de fevereiro, nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro, e mais no final de fevereiro e início de março nos demais municípios. Até o momento do levantamento, 95% da área prevista já havia sido plantada. As lavouras apresentaram boa germinação, e estão predominantemente na fase vegetativa, com grande expectativa de boas produtividades, levando em consideração as condições climáticas do momento, e as previsões favoráveis para abril e maio.

Na Região Sudeste, a cultura deverá apresentar crescimento de 3,2% em relação a área plantada da última safra.

Em Minas Gerais, a área de milho safrinha está estimada em 341,2 mil hectares, inferior em 4,6% a safra anterior, em razão dos altos custos de produção e principalmente, pelo atraso da colheita de milho primeira safra e da soja, imaginando-se que a elevação recente nos preços do produto e as condições climáticas favoráveis, poderão motivar algum incremento na área de cultivo. O plantio encontrava-se em andamento na semana do levantamento e sua velocidade está a depender do ritmo pelo qual as lavouras de soja vão sendo colhidas.

Em São Paulo, é grande a adesão dos produtores ao plantio do milho segunda safra, avançando inclusive nas áreas de trigo. Os motivos da opção pelo cereal estão relacionados a quebra na safra argentina e os seus reflexos nas cotações. Outro fator relacionado ao estímulo para o plantio, se deve a ação ocorrida na região sudoeste, importante produtora do estado, onde as empresas produtoras de sementes compraram antecipadamente boa parte da produção.

Na Região Sul, a safra no estado do Paraná deverá apresentar uma redução de área estimada em 10,5% quando comparado à safra. Outro fator responsável pela redução foi o atraso na colheita de soja. Mesmo



com o prolongamento do zoneamento concedido pelo Mapa, alguns produtores não tiveram tempo hábil para semear. Outros desistiram da cultura temendo a chegada de inverno rigoroso em junho, quando o milho ainda estará numa fase bastante sensível. Apesar de certo atraso no plantio a expectativa de produtividade é boa, em torno de 5.421 Kg/ha produtividade é boa, em torno de 5.421 Kg/ha, haja vista que

as condições climáticas são consideradas atualmente favorável à cultura.

Dessa forma, prevê-se para o exercício 2017/18, a produção nacional de milho atingindo 88.617,6 milhões de toneladas, representando uma redução de 9,4% em relação a oferta observada no exercício passado.

Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Sul Maranhense - MA					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de milho segunda safra

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.

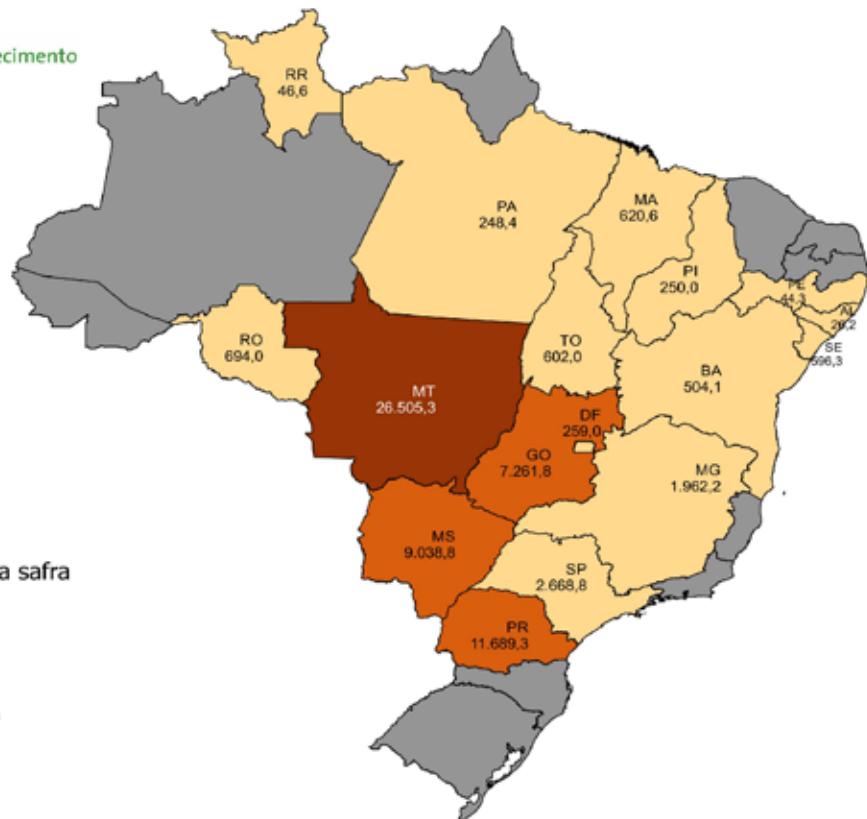


Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	374,7	(6,6)	4.253	4.246	(0,2)	1.706,1	1.591,0	(6,7)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	151,4	(3,5)	4.385	4.584	4,5	688,0	694,0	0,9
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.600	1,4	288,9	248,4	(14,0)
TO	155,3	144,7	(6,8)	4.402	4.160	(5,5)	683,6	602,0	(11,9)
NORDESTE	796,3	743,1	(6,7)	2.789	2.747	(1,5)	2.220,7	2.041,5	(8,1)
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	3.600	0,8	710,5	620,6	(12,7)
PI	49,2	56,7	15,3	2.363	4.409	86,6	116,3	250,0	115,0
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	2.183	13,8	508,5	504,1	(0,9)
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.408,0	(3,3)	6.008	5.813	(3,2)	46.052,7	43.064,9	(6,5)
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.928	(4,6)	28.610,6	26.505,3	(7,4)
MS	1.759,9	1.689,5	(4,0)	5.460	5.350	(2,0)	9.609,1	9.038,8	(5,9)
GO	1.260,7	1.210,3	(4,0)	6.000	6.000	-	7.564,2	7.261,8	(4,0)
DF	38,4	37,0	(3,6)	7.000	7.000	-	268,8	259,0	(3,6)
SUDESTE	837,7	864,5	3,2	5.081	5.357	5,4	4.256,3	4.631,0	8,8
MG	357,6	341,2	(4,6)	4.822	5.751	19,3	1.724,3	1.962,2	13,8
SP	480,1	523,3	9,0	5.274	5.100	(3,3)	2.532,0	2.668,8	5,4
SUL	2.409,3	2.156,3	(10,5)	5.456	5.421	(0,6)	13.145,1	11.689,3	(11,1)
PR	2.409,3	2.156,3	(10,5)	5.456	5.421	(0,6)	13.145,1	11.689,3	(11,1)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.117,8	(6,7)	3.279	3.250	(0,9)	3.926,8	3.632,6	(7,5)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.428,8	(4,4)	5.815	5.694	(2,1)	63.454,1	59.385,3	(6,4)
BRASIL	12.109,2	11.546,6	(4,6)	5.564	5.458	(1,9)	67.380,9	63.017,8	(6,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento

Produção total de milho

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.

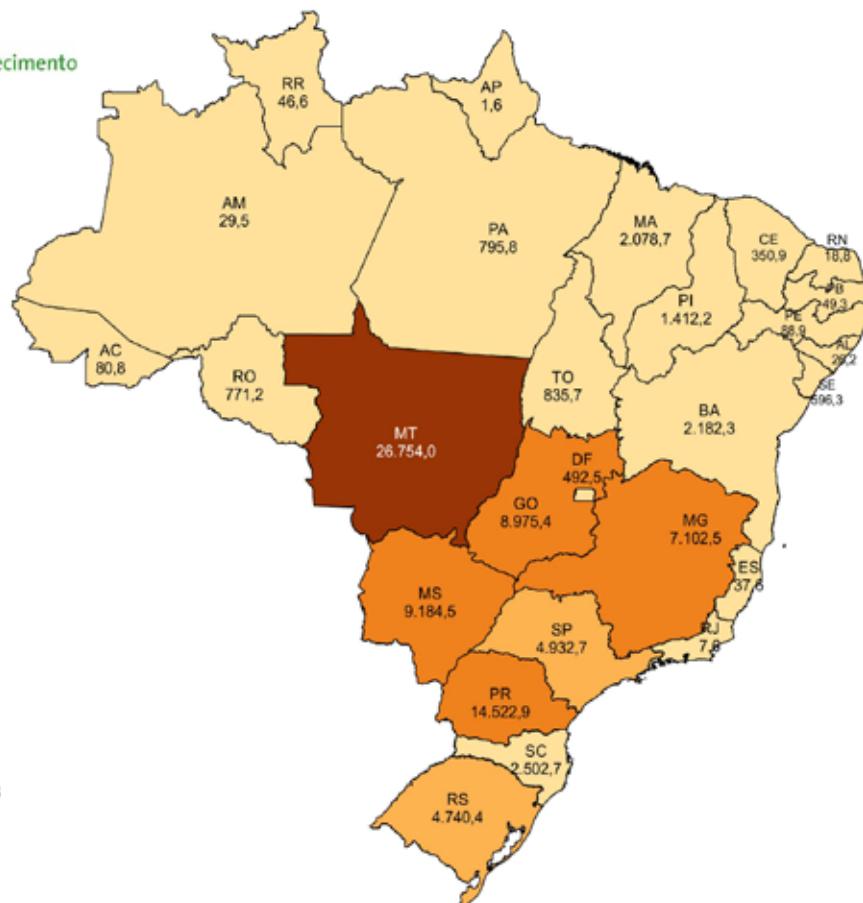


Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	673,0	(5,6)	3.790	3.806	0,4	2.702,1	2.561,2	(5,2)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	182,7	(7,3)	4.033	4.221	4,7	795,0	771,2	(3,0)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	11,5	(5,7)	2.526	2.563	1,5	30,8	29,5	(4,2)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	1.009	4,9	1,6	1,6	-
PA	258,3	235,8	(8,7)	3.270	3.375	3,2	844,7	795,8	(5,8)
TO	201,2	197,6	(1,8)	4.485	4.229	(5,7)	902,4	835,7	(7,4)
NORDESTE	2.602,9	2.670,8	2,6	2.567	2.547	(0,8)	6.681,3	6.803,6	1,8
MA	491,7	488,0	(0,8)	3.970	4.260	7,3	1.951,9	2.078,7	6,5
PI	467,4	477,8	2,2	2.966	2.956	(0,3)	1.386,3	1.412,2	1,9
CE	514,0	526,9	2,5	815	666	(18,3)	418,9	350,9	(16,2)
RN	29,2	41,4	41,8	348	453	30,2	10,2	18,8	84,3
PB	86,5	106,4	23,0	446	463	3,8	38,6	49,3	27,7
PE	158,0	209,9	32,8	345	424	22,7	54,6	88,9	62,8
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	3.571	16,4	1.983,7	2.182,3	10,0
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.697,9	(4,0)	6.098	5.899	(3,3)	48.873,7	45.406,4	(7,1)
MT	4.639,1	4.503,6	(2,9)	6.223	5.941	(4,5)	28.867,0	26.754,0	(7,3)
MS	1.787,9	1.705,0	(4,6)	5.521	5.387	(2,4)	9.870,6	9.184,5	(7,0)
GO	1.520,7	1.424,5	(6,3)	6.342	6.301	(0,6)	9.644,2	8.975,4	(6,9)
DF	67,0	64,8	(3,3)	7.341	7.601	3,5	491,9	492,5	0,1
SUDESTE	2.138,9	2.037,4	(4,7)	5.820	5.929	1,9	12.447,9	12.080,4	(3,0)
MG	1.267,0	1.146,0	(9,6)	5.936	6.198	4,4	7.520,9	7.102,5	(5,6)
ES	13,2	13,0	(1,5)	2.832	2.896	2,3	37,4	37,6	0,5
RJ	2,7	3,3	22,2	2.332	2.318	(0,6)	6,3	7,6	20,6
SP	856,0	875,1	2,2	5.705	5.637	(1,2)	4.883,3	4.932,7	1,0
SUL	4.122,2	3.529,0	(14,4)	6.583	6.168	(6,3)	27.137,8	21.766,0	(19,8)
PR	2.917,0	2.484,8	(14,8)	6.115	5.845	(4,4)	17.837,8	14.522,9	(18,6)
SC	400,3	315,8	(21,1)	8.152	7.925	(2,8)	3.263,2	2.502,7	(23,3)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.508	(13,2)	6.036,8	4.740,4	(21,5)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.343,8	0,8	2.830	2.801	(1,0)	9.383,4	9.364,8	(0,2)
CENTRO-SUL	14.275,8	13.264,3	(7,1)	6.196	5.975	(3,6)	88.459,4	79.252,8	(10,4)
BRASIL	17.591,7	16.608,1	(5,6)	5.562	5.336	(4,1)	97.842,8	88.617,6	(9,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.8. Soja

O plantio nacional de soja apresentou, no sétimo levantamento, aumento na área de 3,5%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.089,8 mil hectares, na atual. Em função do comportamento do clima durante as fases da lavoura em praticamente todas regiões produtoras, intercalando atraso no plantio com chuvas no período da colheita. Estima-se que a produção deverá atingir 114.962 mil toneladas, contra 114.075,3 mil observado na safra passada, representando um aumento de 0,8%. Em Mato Grosso, a colheita está praticamente finalizada. No Paraná e no Rio Grande do Sul, cerca de 20% já foi colhido.

Na região Norte/Nordeste, o plantio ocorreu a partir de outubro, com a consolidação do período chuvoso. Esse quadro estimulou o produtor local a ampliar sua área plantada em 5,3% em relação à safra passada.

Em Rondônia, a área cultivada deverá ser de 311,7 mil hectares, incremento de 5,3% em relação à safra passada.

O pacote tecnológico adotado pelos produtores é de alta tecnologia, garantindo produtividades em alguns talhões que podem alcançar mais de 82 scs/ha. Essas



boas produtividades se devem ao tamanho dos talhões nas propriedades, que não são tão grandes e faz com que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso, ademais as lavouras em sua maior parte são circundadas por florestas ou outro tipo de vegetação nativa que abriga uma diversidade de inimigos naturais, promovendo melhor sanidade das lavouras. Na média, a produtividade esperada é de 3.240 kg/ha. O aumento na produtividade, em relação à safra passada, se deve à melhor distribuição das chuvas nessa safra.

Atualmente 80% da soja já foi colhida e 20% se encontra em estádio de maturação.

O produtor tem recebido em torno de R\$ 62,00 a 68,00 por saca de 60 quilos, já descontado secagem, frete e Funrural. Há produtores que firmaram contratos futuros e receberão R\$ 80,00 por saca de 60 quilos. No Acre, a área de soja deverá ser de 0,6 mil hectares, com rendimento médio de 2.055 kg/ha. O preço médio anual é de R\$ 1.351 toneladas. A cultura se adapta bem às condições climáticas locais e tem potencial para suprir as necessidades do mercado local. O plantio foi realizado em outubro e novembro e as áreas plantadas em outubro já foram colhidas. No município de Capixaba, dos 300 hectares plantados, 150 já foram colhidos e toda a produção já foi comercializada no valor de R\$ 70,00 a saca de 60 quilos. As demais áreas serão colhidas em abril. Em Rio Branco, há aproximadamente 180 hectares colhidos e a produção é utilizada na formulação de ração.

No Amazonas, após um longo período de moratória da soja, que teve início em 2006 apresentou no final do ano passado um plantio inicial de soja em Humaitá, em uma área de aproximadamente 700 hectares. O plantio nessa área foi iniciado em setembro e a colheita finalizada em fevereiro. Foram utilizadas quatro variedades de sementes, a fim de verificar a que melhor se adapta às condições edafoclimáticas da região. A produtividade média dessa área piloto ficou em 2.250 Kg/ha.

No momento da colheita da safra já aconteceu o plantio da safrinha de soja em 200 hectares. A colheita dessa área deve acontecer até o fim de abril.

Figura 33 - Lavoura de soja em Humaitá - AM



Fonte: Conab.

No Pará, a soja deverá ter um acréscimo de 9% na área plantada. A colheita já iniciou e o regime de chuvas está sendo bom para o período. A produtividade média esperada é de 2.987 kg/ha.

Em Tocantins, a cultura teve um incremento mais modesto na área cultivada em relação a anos anteriores. Isso é explicado pela grande frustração da safra 2015/16 e também para algumas regiões, na safra 2016/17, o que levou vários produtores a um elevado comprometimento financeiro e, consequentemente, a uma certa restrição de acesso ao crédito.

As chuvas foram bastante regulares para praticamente todo o estado. No entanto, elas têm dificultado um pouco a colheita, resultando em maior percentual de grãos avariados.

As condições das lavouras registradas, no geral, foram muito boas tanto em sanidade quanto em produção. Do mesmo modo também está a produtividade, 3,9% acima da obtida na última safra.

Figura 34 - Soja em Dianópolis – TO



Fonte: Conab.



No Maranhão, o excesso de chuvas na região sul do estado tem mantido os produtores em alerta em razão da impossibilidade na finalização da colheita da soja. Durante março foram evidenciados diversos dias em que não foi possível realizar a colheita, contudo, sem representar perdas.

Ficam mantidos os prognósticos positivos de avanço na área plantada com soja, devendo atingir a marca expressiva de 942,5 mil hectares, o que representa um aumento de 14,7% em relação à safra anterior.

No Piauí, a estimativa é de aumento de área em 2,4% devido ao retorno das áreas ocupadas por milho na safra passada. Dessa forma, a área total plantada será de 710,5 mil hectares. Da área total, 20% se encontra em frutificação (enchimento de grãos) e 40% em maturação, os outros 40% já foram colhidos. No geral, as lavouras estão em boas condições e apresentam desenvolvimento dentro do esperado. As lavouras existentes se encontram predominantemente na fase de maturação e, até o momento, o regime climático tem sido favorável, com chuvas bem distribuídas. Apesar de ter ocorrido uma diminuição do acumulado de chuva em março, isso não prejudicou o desenvolvimento das lavouras. Durante todo o período de desenvolvimento das lavouras houve baixíssima incidência de pragas e doenças.

No período de levantamento dos dados continuava chovendo em toda a região produtora de soja, contribuído, dessa forma, para o atingimento das expectativas de produtividades das áreas que ainda não atingiram a fase de maturação. A expectativa de produtividade é de 3.086 Kg/ha, o que representa um incremento de 4,5% em relação à produtividade alcançada na safra anterior. Tal expectativa sinaliza um recorde na produtividade do Piauí, reflexo de uma safra sem grandes problemas climáticos ou fitossanitários.

Figura 35 - Soja iniciando o processo de maturação, em Uruçuí – PI



Fonte: Conab.

Na Bahia, os plantios de sequeiro foram iniciados em novembro e finalizados em dezembro. A colheita foi iniciada em março. Nos cultivos irrigados a colheita já foi finalizada. Em campo é possível encontrar lavouras em fase de colheita e maturação.

Estima-se que a área de cultivo de soja seja de 1.602,4 mil hectares, representando um aumento de 1,4% em relação à área cultivada na safra anterior e a produtividade seja de 3.241 kg/ha.

As lavouras de soja apresentam boa sanidade e bom desenvolvimento vegetativo, não havendo relatos de perdas de produtividade por ataques de pragas e doenças. Há registros de focos de ferrugem asiática em alguns municípios, no entanto, esses focos foram controlados, onerando o custo de produção com a aplicação de defensivos em intervalos de até dez dias.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 2,9% em relação ao exercício anterior, e a produção deve ser 4,1% maior que na safra passada, impulsionada pelo desempenho de Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa.

Em Mato Grosso, no fechamento de março, a colheita atingiu 95%. A produtividade média é estimada em 3.309 kg/ha, registrando um aumento de 1,1% em relação à safra anterior, que foi de 3.273 kg/ha. O clima favorável, novas variedades de sementes e o melhor calendário agrícola, devido ao relativo atraso no plantio, permitiram o pleno desenvolvimento do potencial produtivo da lavoura. Portanto, o incremento de área na ordem de 2,1%, combinado com a maior produtividade da oleaginosa, resulta na produção de 31.497 mil toneladas de soja na safra 2017/18, volume 3,2% superior aos 30.513,5 mil toneladas produzidas na safra 2016/17.

Em plena colheita, os preços subiram de forma significativa no estado, impulsionados pela alta do dólar e, principalmente, pela elevação da cotação internacional da commodity. Assim, o cenário na primeira quinzena de março foi de alto volume de negócios no estado, com pico de cotação da oleaginosa entre R\$ 62,00 e R\$ 67,00 a saca de 60 quilos, dependendo da região. Assim, as negociações da safra 2017/18 evoluíram significativamente no período, atingindo 55% da produção esperada. Contudo, na segunda quinzena, as cotações retraíram, reduzindo o ímpeto das vendas.



Figura 36 - Lavoura de soja pronta para a colheita, em Santa Rita do Trivelato – MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade está estimada em aproximadamente 3.485 kg/ha. Apesar de todas as adversidades climáticas ocasionadas pelo excesso de chuvas e dias nublados, os quais afetaram a fisiologia das plantas, abortando vagens e atrasando em mais de 20 dias em média o término da operação de colheita. Esses problemas não causaram os danos esperados, dado ao investimento em tecnologias de produção, à estabilização do clima a partir de março e ao manejo adequado das lavouras no decorrer do ciclo da cultura.

As condições climáticas para a atual safra oscilaram bastante, com períodos de estiagem em setembro e outubro e chuvas excessivas em dezembro, janeiro e fevereiro. Com a proximidade e o início da estação climática do outono, o clima ficou mais regular. Havia uma preocupação generalizada com os problemas de umidade, causando grãos danificados, mas até o momento os grãos estão com uma boa qualidade.

Com relação ao ataque de pragas e doenças, as lavouras têm apresentado um índice de infestação dentro da normalidade, pois o controle químico e o manejo cultural foram eficientes. Os produtores têm acompanhado o surgimento do percevejo-barriga-verde que, nesse ano, surgiu mais rápido do que o esperado, quando comparado com a safra anterior, tal evento está sendo considerado atípico. As doenças mais importantes relatadas pelos produtores foram a ferrugem e a antracose que começaram a surgir em praticamente todas as regiões produtoras, mas não causaram níveis de dano econômico, apesar de impactar a produtividade esperada.

Pela média ponderada do estado, aproximadamente 86% da cultura já foi colhida, enquanto 14% se encontra nos estádios de maturidade fisiológica e maturação em ponto de colheita. Na última semana de março, para a região sul do estado, a colheita da cultura estava mais adiantada, com um percentual de apro-

ximadamente 98% colhido. Na região oeste, aproximadamente 75% da cultura já tinha sido colhida e no norte, em torno de 90%. O ritmo de colheita durante os dias de estiagem está muito intenso, apesar do atraso em comparação com a média histórica no estado, a qual no final de março é de 97%.

Em Goiás, a avaliação é de uma área plantada de 3.386,7 mil hectares, com produtividade média de 3.300 kg/ha.

A colheita na região sudoeste do estado está praticamente encerrada. As áreas de solo de menor fertilidade e textura mais arenosa estão sendo colhidas neste momento. As produtividades das grandes propriedades superam 3.900 kg/ha, mas com a colheita das áreas marginais essas médias devem abaixar. Estima-se que 65% da soja no sul e sudoeste goiano já foram comercializadas e escoadas para os portos.

Na região leste do estado há um pequeno atraso na colheita da soja, cerca de 60% da área na região foi colhida e os produtores estão preocupados com a chuva que segue precipitando sob a soja no ponto de colheita. Até o momento não há relatos de perdas devido a chuvas, porém é um possível problema para logo mais. Como há muita soja no ponto de colheita os produtores estão evitando dessecar lavouras em estádio de senescência, para evitarem maiores prejuízos.

Figura 37 - Soja em ponto de colheita, em Cristalina – GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, a área plantada deverá ser de 71,5 mil hectares, ante aos 70 mil hectares cultivados na safra passada. Os sinais de demanda firme nos mercados interno e externo, aliados à alta do dólar no início do plantio, justificaram tal incremento.



A colheita já ultrapassa a casa dos 75%, o restante se encontra em elevado estádio de maturação. A produtividade estimada está em 3.450 kg/ha.

Os preços de referência para a oleaginosa reagiram e começam a remunerar os produtores locais. Atualmente as cotações internas para soja giram em torno de R\$ 68,00 a saca de 60 quilos.

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 4,2%, comparada com o exercício anterior. Apesar da produtividade média ser menor, a produção deve ser 3,9% superior à registrada na última safra.

Em Minas Gerais, a área de soja está estimada em 1.489,6 mil hectares, 2,3% superior à safra passada, mantendo a tendência das últimas safras. A cotação do produto no mercado ainda se encontra atrativa, entre R\$ 64,50 e 68,00 a saca de 60 quilos. A colheita foi intensificada em março e as lavouras continuam se apresentando em bom estado, com produtividade média estimada em 3.450 kg/ha.

Em São Paulo, a estimativa de área de soja apresenta um crescimento de 7,4% em relação à safra passada e a produtividade deverá ser de 3.460 kg/ha, aumento de 0,4% em relação ao último período.

As maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrando condições propícias para o seu desenvolvimento, contrário daquelas regiões mais ao norte/noroeste do estado, onde a produção de grãos diminuiu sensivelmente nos últimos anos, em face do aumento do cultivo de cana-de-açúcar.

No período dessa avaliação, cerca de 95% da área já tinha sido colhida. A soja, durante todo o seu desenvolvimento, se manteve em ótimas condições e o clima foi satisfatório. Apesar de ocorrer dias com pouca luz, a produtividade não foi comprometida. Em algumas localidades, como no Vale do Paranapanema e Alta Paulista, houve pequena taxa de abortamento de grãos em lavouras que tiveram adiantamento no plantio e sofreram com o veranico no início do ciclo, mas sem maiores danos.

Na região sul, apesar da área plantada maior, a produção deve ser 6,1% inferior à safra passada, reflexo, sobretudo, das condições climáticas enfrentados pela região.

No Paraná, a colheita já supera 80% da área cultivada, cuja operação deverá encerrar-se no mês de abril. A produtividade média atualmente esperada é de 3.506

Kg/ha, 6% inferior à da safra passada cultivada em condições climáticas excepcionais, e 3,2% superior à do último levantamento, em razão da melhoria do clima para a cultura. A pressão de ferrugem foi mais forte nesta temporada. Com a atmosfera excessivamente úmida, as condições favoreceram o desenvolvimento de todo tipo de doença fúngica. Os produtores que tiveram sorte de o tempo abrir no intervalo certo para aplicação dos defensivos tiveram boas ou ótimas produtividades. Alguns, entretanto, que não conseguiram aplicar fungicida com a frequência adequada, amargaram quebras. Outros nem mesmo realizaram todas as aplicações previstas resultando em baxíssimo rendimento e até acionamento seguro. As fortes tempestades também causaram erosões e lixiviação de fertilizantes, comprometendo a nutrição das plantas.

Em Santa Catarina, a safra de soja apresenta um aumento de área semeada de 5,9% em relação à safra 2016/17. Esse acréscimo, em sua grande maioria, é derivado da retomada de área perdida para cultivo de milho, além de abertura de novas áreas sobre pastagens e reflorestamento. Em termos de produtividade, observamos uma queda de 4,4% se comparada à safra anterior. Os principais fatores responsáveis pela redução foram a presença da doença conhecida como "Mofo-Branco" e por condições climáticas não ideais – veranico em setembro e dezembro - excesso de chuva e baixa luminosidade em janeiro. No geral, observa-se boas condições da lavoura em 80,8% das áreas 17,9% em condições regulares e apenas 1,4% em condições ruins. No conjunto, estima-se um aumento de produção de apenas 1,2%, haja vista que algumas lavouras apresentaram melhorias nas últimas semanas. A colheita já atinge em torno de 31,2% da área semeada, visto que do restante, 64,7% se encontram em fase final de maturação e 4,1% em desen-

Figura 38 - Soja em colheita, em Xanxerê - SC



Fonte: Conab.



volvimento vegetativo. O preço pago ao produtor tem reagido nos últimos dias, alcançando em torno de R\$ 70,12 a saca de 60 quilos.

Figura 39 - Lavoura soja em São José do Cerrito - SC



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul, a colheita foi iniciada em praticamente todo o estado. Até o momento, cerca de 20%, dos 5.692,1 mil hectares de área, já foram colhidos. Maiores percentuais são verificados na metade norte do estado (Planalto e Produção mais de 30%; Missões, Alto Uruguai e Campos de Cima da Serra, de 20 a 30%) e a expectativa é que, caso não haja excesso de dias chuvosos, em aproximadamente 20 dias a colheita seja encerrada, já que outros 60% da área já estão no processo final de amadurecimento. A produtividade média para o estado é estimada em 2.923 kg/ha.

As primeiras lavouras de soja superprecoce têm apresentado rendimento intermediário, enquanto as posteriores (precoce e médias) apresentam bom rendimento. No entanto, as lavouras mais tardias ou mesmo precoce e médias, mas semeadas no final do período recomendado, devem apresentar rendimento abaixo da expectativa.

A influência do fenômeno La Niña, nessa safra, fez com que as precipitações fossem muito irregulares

e abaixo da média no estado, em especial na metade sul, onde foram verificados praticamente quatro meses de deficiência hídrica. Desde novembro de 2017 houve uma redução de, por exemplo, 40% na precipitação média em Canguçu, com panorama semelhante em Pelotas, Bagé e demais cidades da região sul do estado. As regiões Central, Campanha, Fronteira Oeste e parte das Missões também sofreram com a deficiência hídrica durante o desenvolvimento da soja, embora em menor escala que no Sul. Por outro lado, mais ao norte do estado, foram verificados apenas alguns períodos de redução na disponibilidade de água, que acarretaram apenas uma leve redução na expectativa de rendimento da cultura, ficando semelhante ou levemente abaixo do verificado na safra anterior.

Partindo de uma linha diagonal imaginária no sentido Sudeste-Noroeste, partindo de Tupanciretã, passando por Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo até Santa Rosa, à direita estão as lavouras com bom desenvolvimento e expectativa de produtividade no mínimo semelhante à safra anterior. Na maioria desses locais, estima-se produtividade semelhante à safra anterior e que frequentemente ultrapassa os 3.600 kg/ha.

Para a esquerda da linha imaginária, no entanto, encontram-se os problemas, que quanto mais ao sul, maiores. A partir de São Luiz Gonzaga, em direção à Fronteira Oeste, região Central, Campanha e Zona Sul do estado, as perdas nas lavouras vão se acentuando, desde 10% em São Luiz Gonzaga, 25% na fronteira Oeste e Depressão Central, mais de 30% na Região da Campanha e 40% na proximidade da fronteira com o Uruguai. Essas regiões em que se verifica redução significativa da produtividade, em virtude da estiagem, ultrapassam os 2 milhões de hectares semeados. Assim, apura-se, até o momento, uma redução de 13% em relação à safra anterior, ou seja, produtividade média de 2.923 kg/ha. Nos locais críticos se verifica que as lavouras apresentam porte baixo, desuniformidade, pouca carga de vagens e baixo peso de grãos, ou seja, redução em todos os componentes do rendimento da cultura. Embora tenha voltado a chover, na maioria dos locais não será mais possível a recuperação das lavouras.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Soja

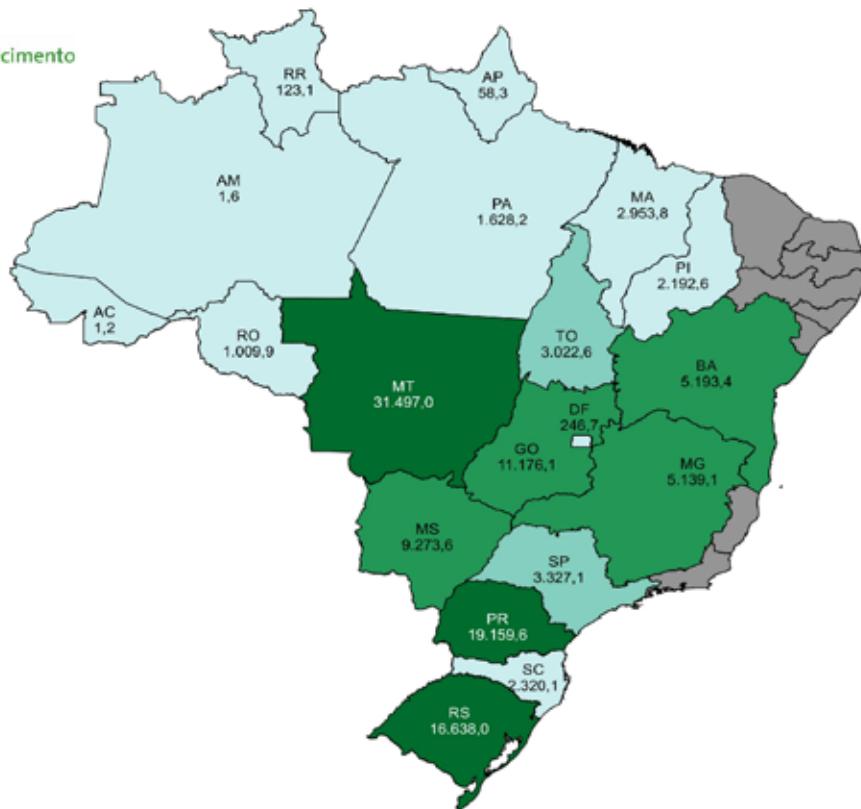


Companhia Nacional de Abastecimento

Produção de soja

- Sem produção
- Até 3.000 mil toneladas
- 3.000 - 5.000 mil toneladas
- 5.000 - 15.000 mil toneladas
- Acima de 15.000 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/ DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	PP	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.910,3	5,6	3.061	3.060	-	5.536,4	5.844,9	5,6
RR	30,0	40,0	33,3	3.000	3.077	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	311,7	5,3	3.143	3.240	3,1	930,3	1.009,9	8,6
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	0,7	-	-	2.250	-	-	1,6	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.628,2	(0,4)
TO	964,0	992,0	2,9	2.932	3.047	3,9	2.826,4	3.022,6	6,9
NORDESTE	3.095,8	3.255,4	5,2	3.115	3.176	2,0	9.644,7	10.339,8	7,2
MA	821,7	942,5	14,7	3.010	3.134	4,1	2.473,3	2.953,8	19,4
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.086	4,5	2.048,1	2.192,6	7,1
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.241	-	5.123,3	5.193,4	1,4
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.637,8	2,9	3.301	3.338	1,1	50.149,9	52.193,4	4,1
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.309	1,1	30.513,5	31.497,0	3,2
MS	2.522,3	2.661,0	5,5	3.400	3.485	2,5	8.575,8	9.273,6	8,1
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.300	-	10.819,1	11.176,1	3,3
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.450	-	241,5	246,7	2,2
SUDESTE	2.351,4	2.451,2	4,2	3.467	3.454	(0,4)	8.151,5	8.466,2	3,9
MG	1.456,1	1.489,6	2,3	3.480	3.450	(0,9)	5.067,2	5.139,1	1,4
SP	895,3	961,6	7,4	3.445	3.460	0,4	3.084,3	3.327,1	7,9
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542	3.221	(9,1)	40.592,8	38.117,7	(6,1)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.506	(6,0)	19.586,3	19.159,6	(2,2)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.421	(4,4)	2.292,6	2.320,1	1,2
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	2.923	(13,0)	18.713,9	16.638,0	(11,1)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.165,7	5,3	3.095	3.133	1,2	15.181,1	16.184,7	6,6
CENTRO-SUL	29.004,6	29.924,1	3,2	3.410	3.301	(3,2)	98.894,2	98.777,3	(0,1)
BRASIL	33.909,4	35.089,8	3,5	3.364	3.276	(2,6)	114.075,3	114.962,0	0,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.1.19. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 655,1 mil hectares e uma produtividade de 2.875 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Na Bahia, o sorgo no oeste tem sido usado como substituto do milho na fabricação de ração, em especial, nos períodos em que o milho apresenta valores elevados (AIBA). As lavouras de sorgo serão cultivadas em 100,1 mil hectares, com previsão de produtividade de 946 kg/ha (13,7 scs/ha) e produção 94,7 mil toneladas. O culti-

vo do sorgo é realizado pela agricultura familiar, destinado para alimentação animal, sendo semeado em novembro e dezembro. Já a agricultura empresarial cultiva após a colheita da soja, em meados de fevereiro e março. No extremo oeste se espera a produtividade de 1.080 kg/ha (18 scs/ha) em 39,1 mil hectares devido às boas condições climáticas indicar tendência de aumento desse rendimento. Os plantios devem ocorrem a partir de março.

No centro norte as plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. O território de Irecê é o único produtor de sorgo nessa mesorregião.



Figura 41 - Lavoura de sorgo granífero. Irecê/BA. Mar/2018



Fonte: Conab.

O sorgo possui exigência hídrica menor em relação ao milho e feijão e, por isso, torna-se uma boa alternativa para a região de Irecê que possui baixa pluviosidade. Há evolução da estimativa da produtividade da cultura do sorgo na Bahia. No estudo da safra atual, iniciado em setembro de 2017 (primeiro levantamento), as estimativas estatísticas apontaram uma perspectiva inicial de 1.144 kg/ha (19 scs/ha). Com plantio em novembro e dezembro e com a regularidade das chuvas a estimativa se manteve estável até em dezembro de 2017 (quarto levantamento.) Em janeiro de 2018 (quinto levantamento) houve estimativa de redução de 28%, 820 kg/ha (13,7 scs/ha), motivada pela diminuição da expectativa produtiva no centro norte e no Vale do São Francisco devido ao veranico. A estimativa a partir do quinto até o sétimo levantamento são bastantes semelhantes, variando entre 820 a 825 Kg/ha (13,7scs/ha). Em Mato Grosso, a cultura tem a semeadura encerrada em abril. A estimativa inicial, para a safra 2017/18, é de manutenção de área dos 38,5 mil hectares. A cultura, que é mais resistente ao clima seco, é utilizada pelos produtores rurais como cobertura vegetal, além de ser um substituto próximo ao milho, no processo de fabricação de ração animal.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura está em fase de plantio e há uma tendência de redução de área de cultivo no estado. Muitos produtores plantam o cereal após a colheita da soja e plantio do milho segunda safra. Estimativas da área total e produtividade esperada serão melhores discutidas a partir de abril, quando toda a cultura estiver plantada, no estado.

Em Goiás, o produtor ainda está direcionado ao plantio do milho segunda safra. Plantios ocorrem de forma

tímida em Goiás. No início da safra havia uma expectativa de aumento significativo na área de sorgo no estado em relação à safra anterior, porém a realidade é um pouco diferente, até o momento a área de plantio deverá sofrer uma redução devido à portaria ministerial que estende a janela de plantio do milho segunda safra, além de fatores operacionais como a dificuldade de se encontrar sementes no mercado, isso faz com que os produtores sejam obrigados a plantarem somente o que já haviam comprado no início da safra. Algumas áreas já foram semeadas, com previsão de conclusão até o fim de março.

Em Minas Gerais, as estimativas de produção de sorgo no estado se pautam principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha, e há ainda muita indefinição devido aos atrasos na colheita da safra de verão.

A área de sorgo segunda safra no estado está estimada em 190,1 mil hectares, 3,8% superior à safra passada, mas, como já ponderado, as informações ainda são pouco consistentes e podem sofrer alterações. Com uma produtividade média de 3.363 kg/ha, a produção poderá alcançar 639,4 mil toneladas.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Apresenta menor custo de produção, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio, para as culturas sucessivas. Nessa safra 2017/18, em razão dos bons preços que o mercado vem sinalizando para o milho safrinha, o produtor está migrando para aquela cultura, na expectativa de maiores ganhos. Sinaliza com redução de preços praticados em torno R\$ 31,00 a R\$32,00 saca de 60 quilos. Poucos negócios.

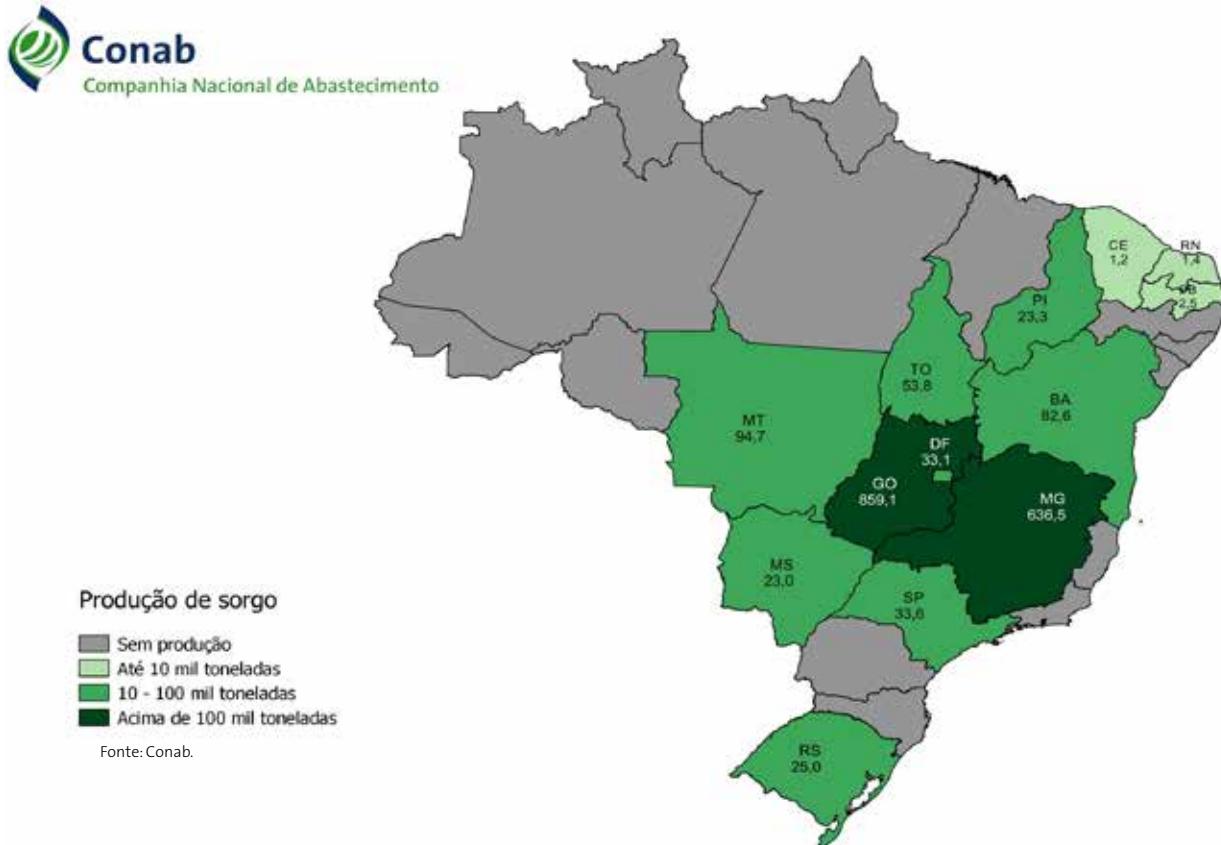
Figura 42 - Sorgo - Franca/SP – 07/03/18



Fonte: Conab.



Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- [Laranja] Baixa restrição - falta de chuvas
- [Verde] Favorável
- [Ouro] Média restrição - falta de chuva
- [Azul] Baixa restrição - excesso de chuva
- [Azul escuro] Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	29,9	1,7	1.889	1.801	(4,7)	55,5	53,8	(3,1)
TO	29,4	29,9	1,7	1.889	1.801	(4,7)	55,5	53,8	(3,1)
NORDESTE	113,2	115,2	1,8	1.180	963	(18,3)	133,5	111,0	(16,9)
PI	11,4	11,4	-	2.044	2.043	-	23,3	23,3	-
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,6	25,5	1.244	849	(31,8)	1,6	1,4	(12,5)
PB	1,3	1,4	11,4	1.600	1.800	12,5	2,1	2,5	19,0
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	825	(22,8)	105,2	82,6	(21,5)
CENTRO-OESTE	283,3	300,7	6,1	3.373	3.358	(0,4)	955,6	1.009,9	5,7
MT	38,5	38,5	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	4,5
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.285	(10,0)	28,1	23,0	(18,1)
GO	230,1	248,0	7,8	3.500	3.464	(1,0)	805,4	859,1	6,7
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.594	2,1	31,5	33,1	5,1
SUDESTE	193,6	199,8	3,2	3.581	3.354	(6,3)	693,2	670,1	(3,3)
MG	183,1	190,1	3,8	3.588	3.348	(6,7)	657,0	636,5	(3,1)
SP	10,5	9,7	(7,8)	3.452	3.463	0,3	36,2	33,6	(7,2)
SUL	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	145,1	1,8	1.326	1.136	(14,3)	189,0	164,8	(12,8)
CENTRO-SUL	485,9	509,5	4,9	3.449	3.346	(3,0)	1.675,8	1.705,0	1,7
BRASIL	628,5	654,6	4,2	2.967	2.856	(3,7)	1.864,8	1.869,8	0,3

Fonte: Conab.

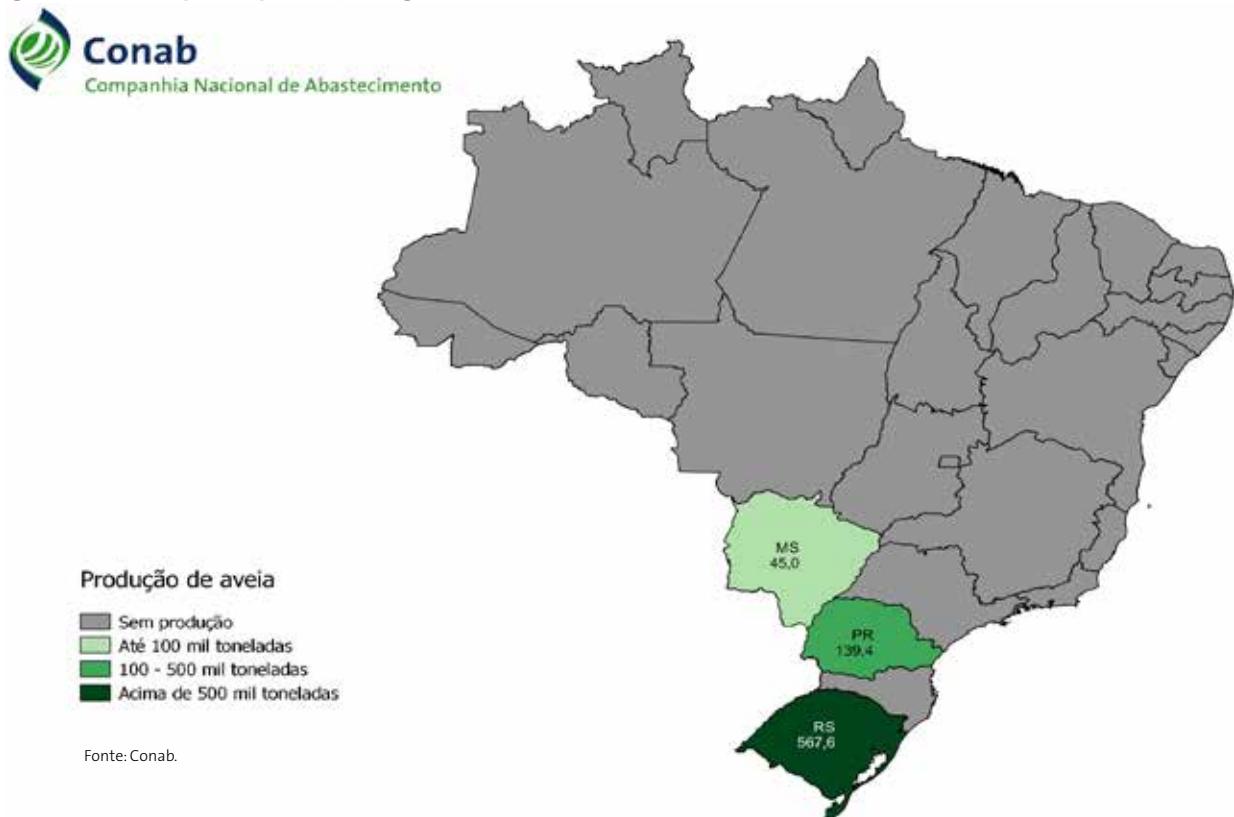
Nota: Estimativa em abril/2018.



8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

Figura 44 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

- | | | | | | | | |
|--|---------------------------------------|---|-----------|--|----------------------------------|---|------------------------------------|
| | Baixa restrição - falta de chuvas | | Favorável | | Média restrição - falta de chuva | | Baixa restrição - excesso de chuva |
| | Restrição por falta de chuva e geadas | | | | | | |

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

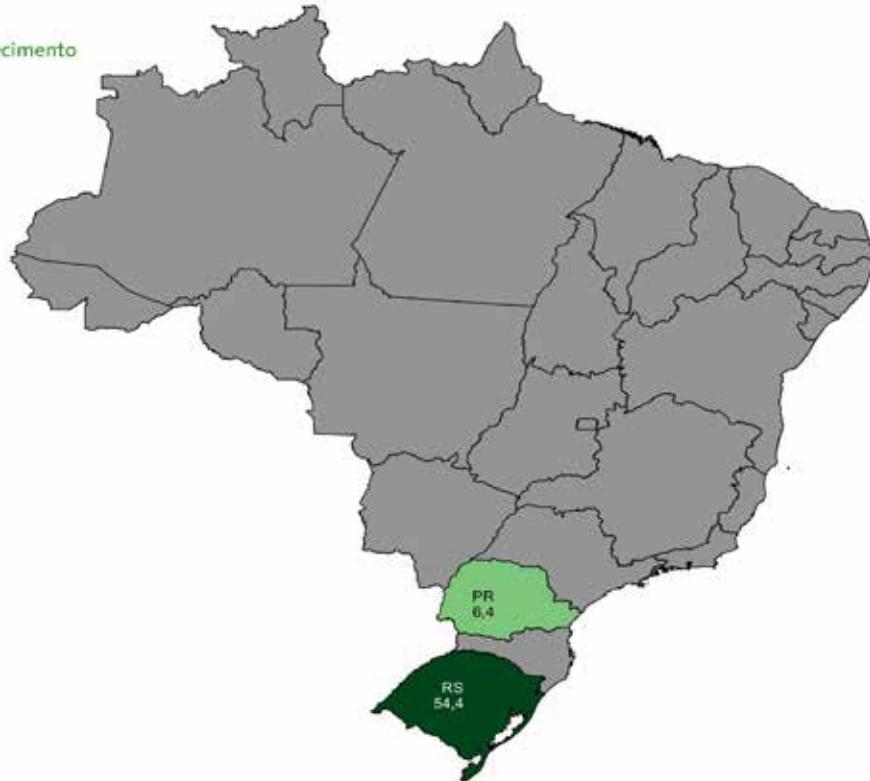
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	29,0	-	1.552	1.552	-	45,0	45,0	-
MS	29,0	29,0	-	1.550	1.550	-	45,0	45,0	-
SUL	311,3	311,3	-	1.891	2.271	20,1	588,8	707,0	20,1
PR	63,1	63,1	-	2.058	2.209	7,3	129,9	139,4	7,3
RS	248,2	248,2	-	1.849	2.287	23,7	458,9	567,6	23,7
CENTRO-SUL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6
BRASIL	340,3	340,3	-	1.862	2.210	18,7	633,8	752,0	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.2.2. CANOLA

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
PR	4,8	4,8	-	1.286	1.343	4,4	6,2	6,4	3,2
RS	43,3	43,3	-	799	1.257	57,3	34,6	54,4	57,2
CENTRO-SUL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0
BRASIL	48,1	48,1	-	848	1.264	49,1	40,8	60,8	49,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.2.3. CENTEIO

Figura 46 - Mapa da produção agrícola - Centeio

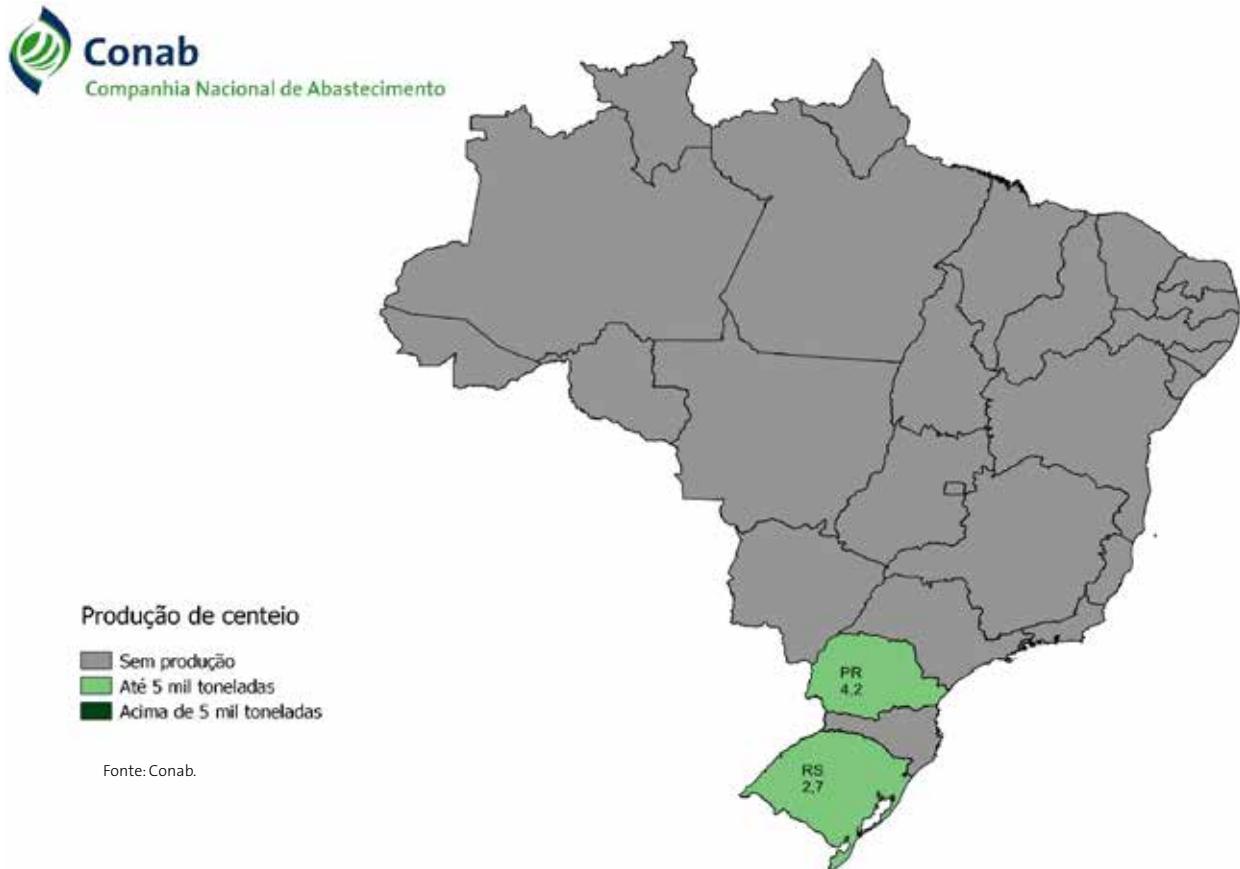


Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
PR	2,1	2,1	-	1.678	1.994	18,8	3,5	4,2	20,0
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3
BRASIL	3,6	3,6	-	1.722	1.917	11,3	6,2	6,9	11,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.2.4. CEVADA

Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Produção de cevada

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas

Fonte: Conab.

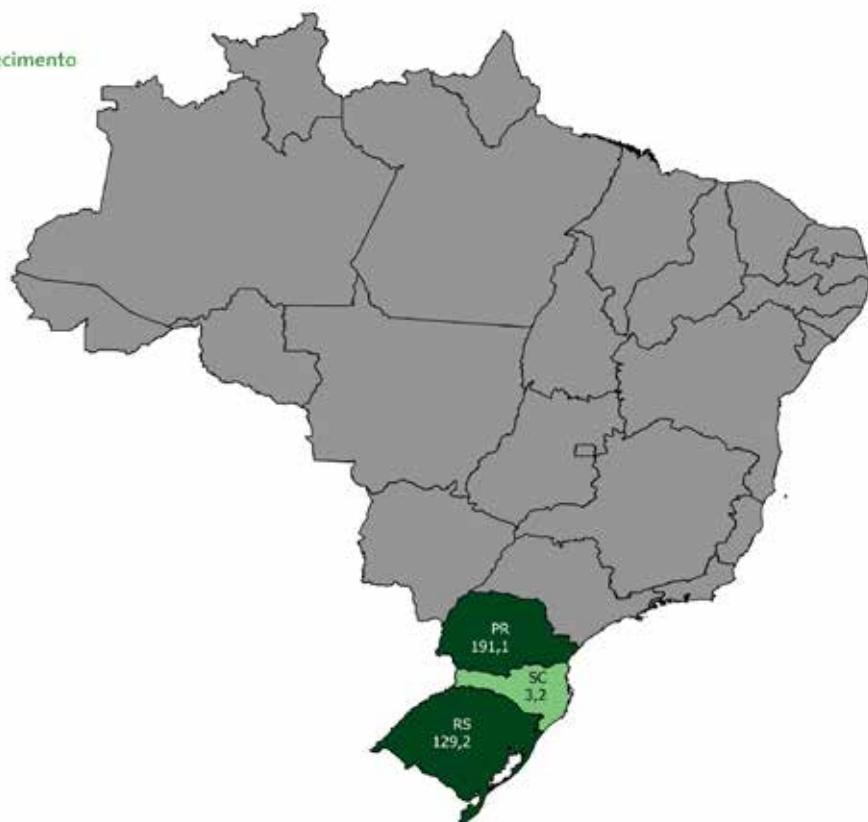


Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
PR	50,2	50,2	-	3.301	3.806	15,3	165,7	191,1	15,3
SC	1,2	1,2	-	1.700	2.628	54,6	2,0	3,2	60,0
RS	57,0	57,0	-	2.006	2.266	13,0	114,3	129,2	13,0
CENTRO-SUL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7
BRASIL	108,4	108,4	-	2.602	2.984	14,7	282,1	323,4	14,7

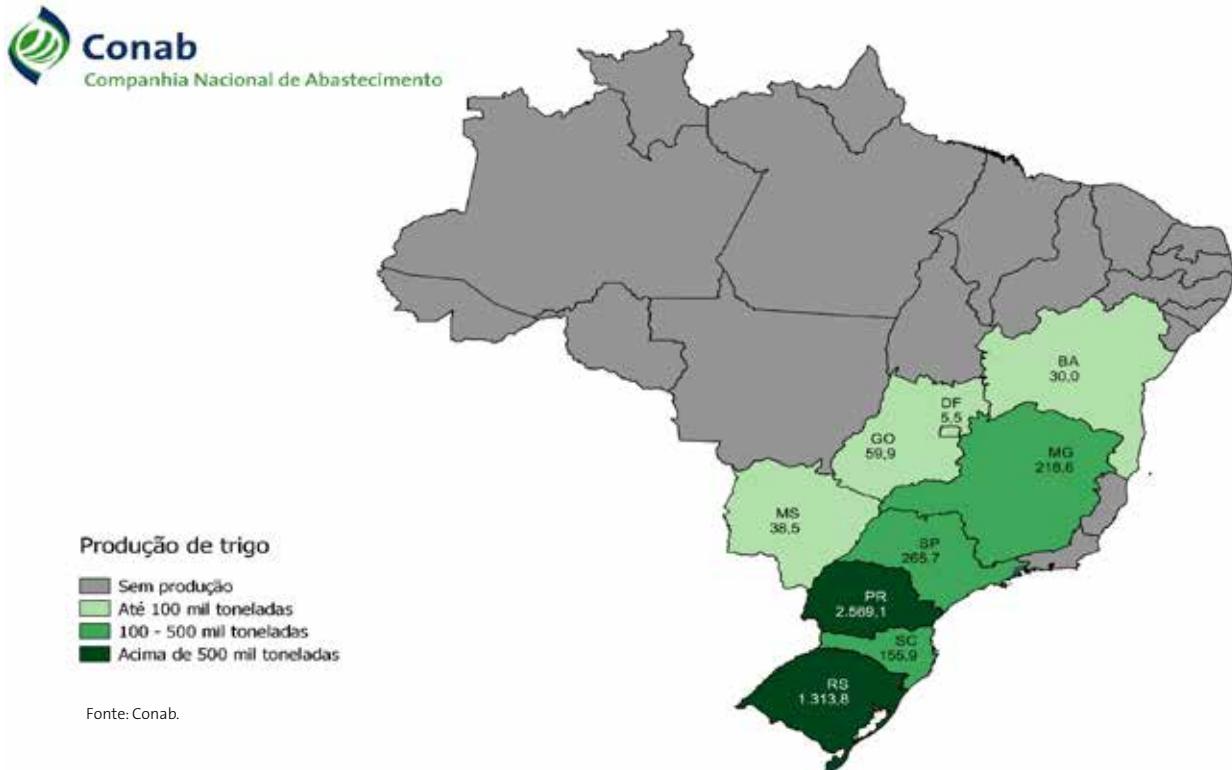
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.



8.2.5. TRIGO

Figura 48 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Oeste Catarinense				P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C			
	Norte Catarinense				P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C			
SC	Serrana				P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense				P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		

Legendas:

- [Yellow box] Baixa restrição - falta de chuvas
- [Green box] Favorável
- [Orange box] Média restrição - falta de chuva
- [Blue box] Baixa restrição - excesso de chuva

[Dark brown box] Restrição por falta de chuva e geadas

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

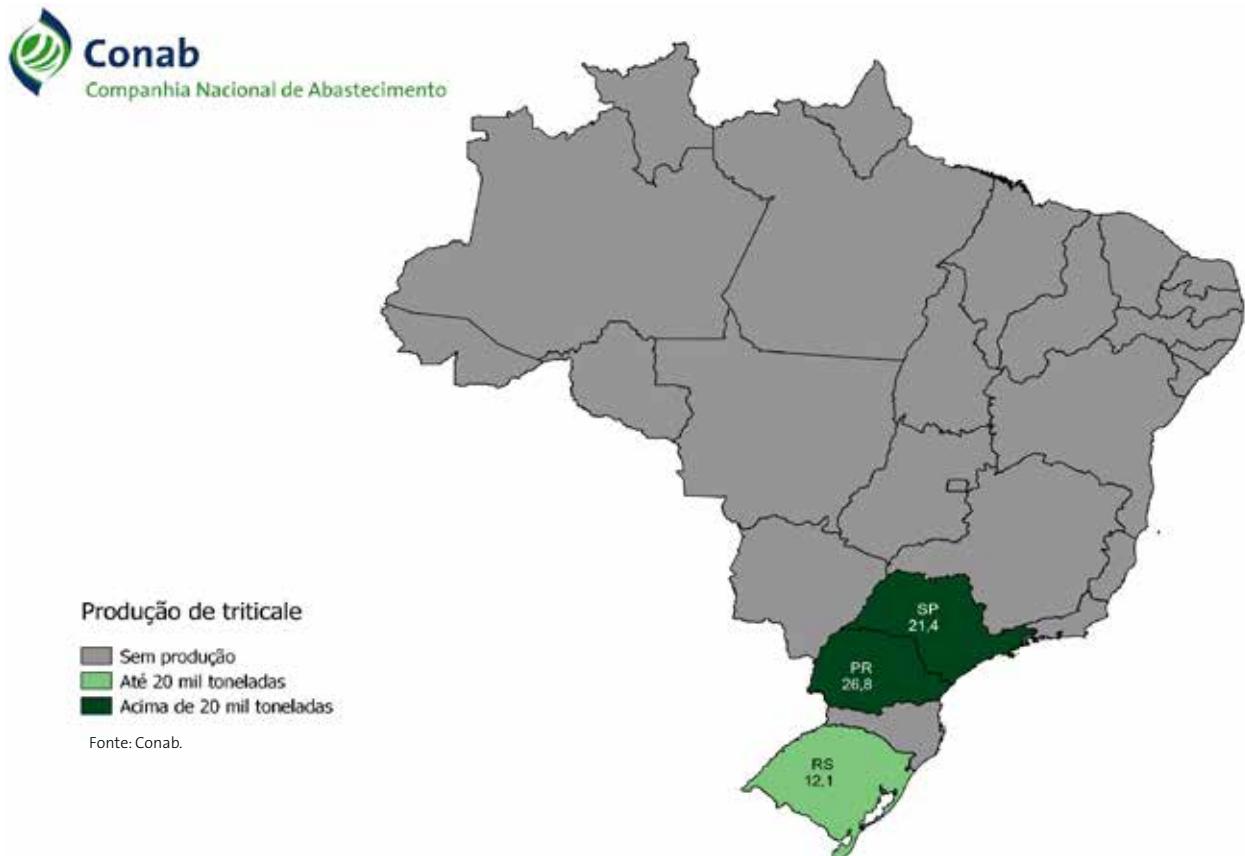
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	31,9	-	3.229	3.257	0,9	103,0	103,9	0,9
MS	20,0	20,0	-	1.950	1.927	(1,2)	39,0	38,5	(1,3)
GO	11,0	11,0	-	5.330	5.446	2,2	58,6	59,9	2,2
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.100	1,7	5,4	5,5	1,9
SUDESTE	164,5	164,5	-	2.996	2.944	(1,7)	492,9	484,3	(1,7)
MG	84,6	84,6	-	2.662	2.584	(2,9)	226,6	218,6	(3,5)
SP	79,9	79,9	-	3.333	3.325	(0,2)	266,3	265,7	(0,2)
SUL	1.714,6	1.714,6	-	2.122	2.356	11,0	3.637,6	4.038,8	11,0
PR	961,5	961,5	-	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.569,1	15,8
SC	53,9	53,9	-	2.630	2.893	10,0	141,8	155,9	9,9
RS	699,2	699,2	-	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.313,8	2,9
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	1.911,0	-	2.215	2.421	9,3	4.233,5	4.627,0	9,3
BRASIL	1.916,0	1.916,0	-	2.225	2.431	9,3	4.263,5	4.657,0	9,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.

8.2.6. TRITICALE

Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.773	2.853	2,9	20,8	21,4	2,9
SP	7,5	7,5	-	2.779	2.847	2,4	20,8	21,4	2,9
SUL	15,5	15,5	-	2.110	2.510	19,0	32,7	38,9	19,0
PR	9,8	9,8	-	2.277	2.733	20,0	22,3	26,8	20,2
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7
BRASIL	23,0	23,0	-	2.326	2.622	12,7	53,5	60,3	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2018.





9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, com dados de março de 2018, atinge o total de R\$ 190,08 bilhões de reais. Esse número é 4,8% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 181,35 bilhões. A mudança no comportamento, que passou de queda para incremento em relação aos anos em análise, como apresentado no último levantamento, é explicado pela contínua tendência de aumento na receita do algodão e, agora visível, incremento na receita para a soja.

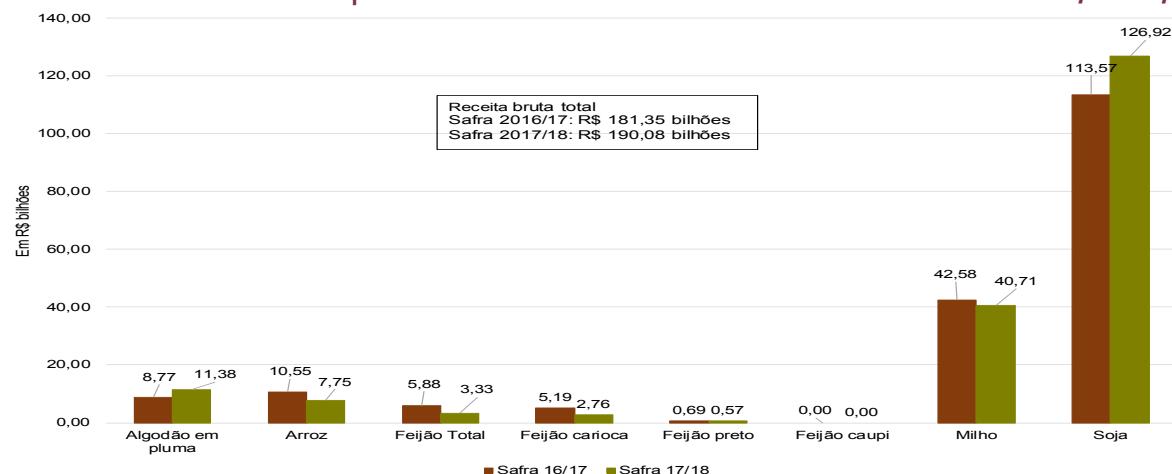
Tabela 1 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	01/2017	01/2018	Variação	01/2017	01/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,86	21,8%	15	85,98	91,60	6,5%	8,77	11,38	29,8%
Arroz	12,33	11,38	-7,7%	60	51,36	40,82	-20,5%	10,55	7,75	-26,6%
Feijão Total	3,22	3,15	-2,2%	60	109,76	63,54	-42,1%	5,88	3,33	-43,4%
Feijão carioca	2,18	2,08	-4,7%	60	142,90	79,91	-44,1%	5,19	2,76	-46,7%
Feijão preto	0,32	0,32	-1,1%	60	128,59	106,14	-17,5%	0,69	0,57	-18,3%
Feijão caupi	0,71	0,75	5,1%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	88,62	-9,4%	60	26,11	27,56	5,6%	42,58	40,71	-4,4%
Soja	114,08	114,96	0,8%	60	59,74	66,24	10,9%	113,57	126,92	11,8%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	181,35	190,08	4,8%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em abril/2018 e preços de março de 2017 e 2018; devido à inexistência dos preços em março/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



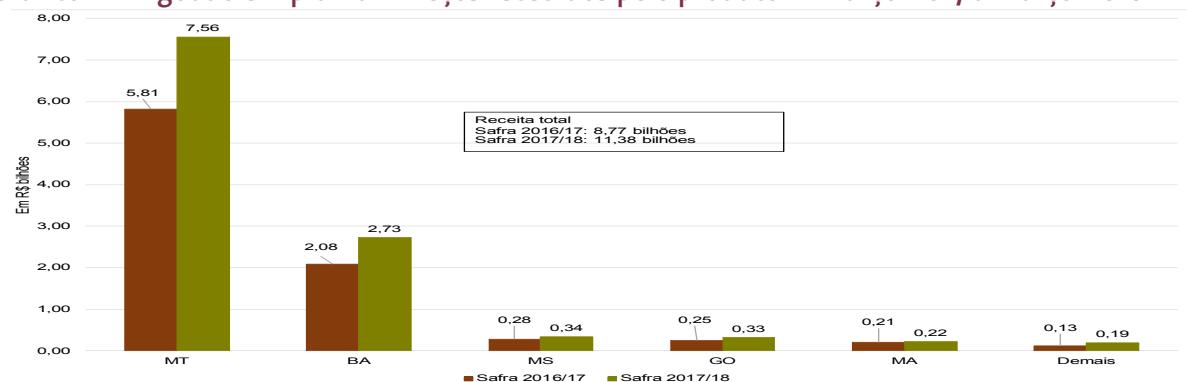
Fonte: Conab.

9.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 21,8% no escopo nacional. Por outro lado, o preço médio nacional para a fibra apresenta aumento de 6,5%. Essas duas grandezas culminaram no valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$

11,38 bilhões para a safra em questão, um aumento de 29,8% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

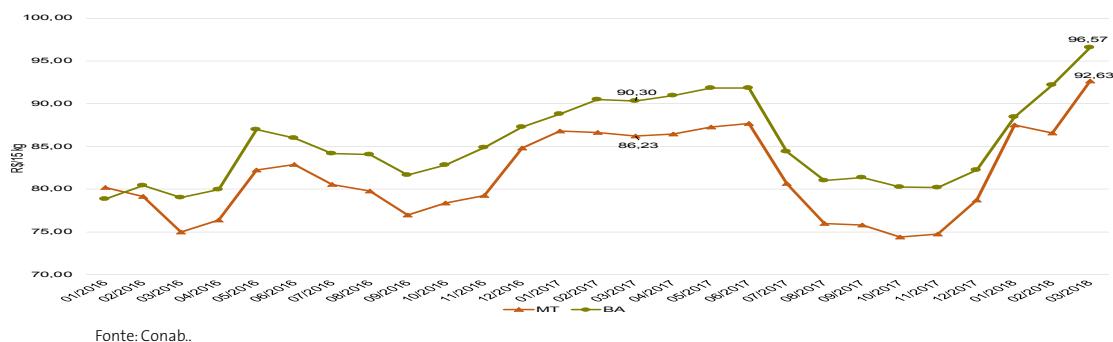
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Março/2017 a março/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia, com 67% e 21%, respectivamente. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 7,56 bilhões e para a Bahia o valor foi de R\$ 2,73 bilhões.

É importante ressaltar os grandes avanços na produção da Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 424 mil, e em Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.224 mil, aumentos de 22,5% e 21,1%, respectivamente.

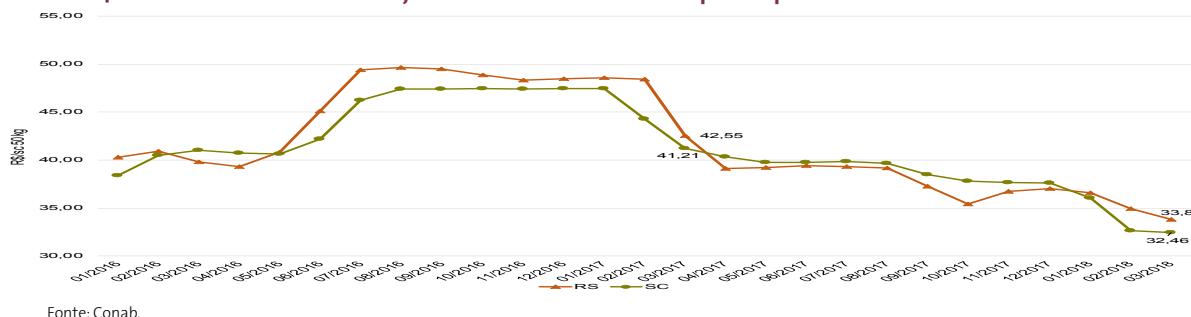
9.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Nas referidas unidades da federação supracitadas, observam-se

diminuições nas produções de 5,6%, em média.

Além disso, diminuições relevantes nos preços médios praticados também foram observadas, quando comparados os valores de março de 2017 a março de 2018.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

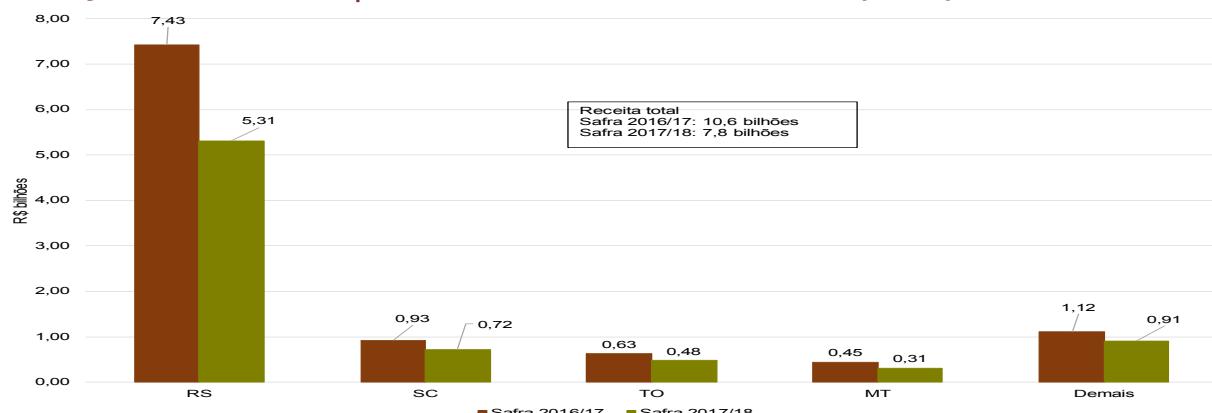


Fonte: Conab.

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz, quando comparada com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 26,6%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

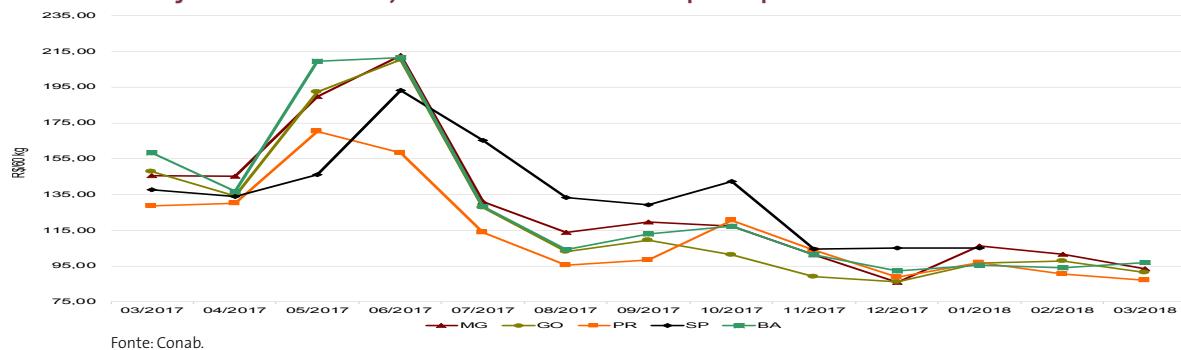


9.3. FEIJÃO-CARIOWA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos produtores, na safra em análise, inclusive para o estado do Paraná, com que-

da de 15,6%. O maior estado produtor – Minas Gerais – apresenta estabilidade, com decréscimo de 0,8%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de março de 2017 e março de 2018, conforme figura a seguir.

Gráfico 6 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

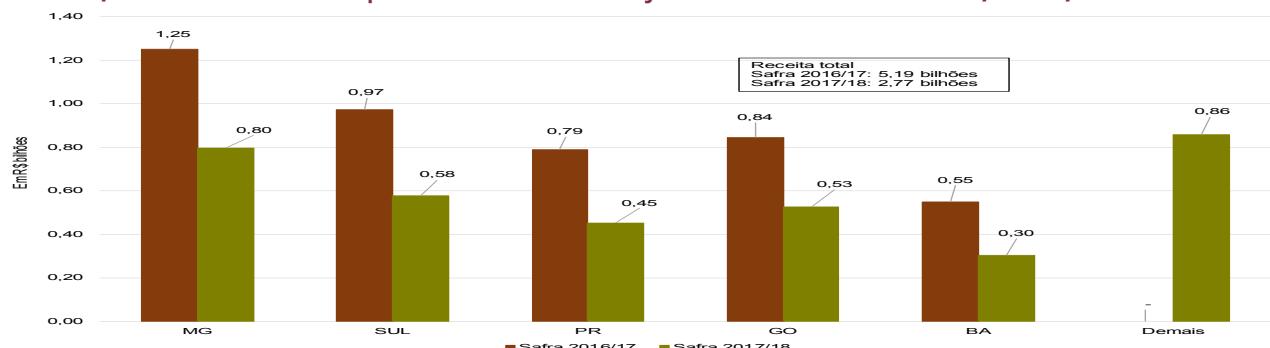


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 2,76 bilhões para 2017/2018;

46,7% menor do que o observado na safra anterior, de 5,19 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais – feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

9.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

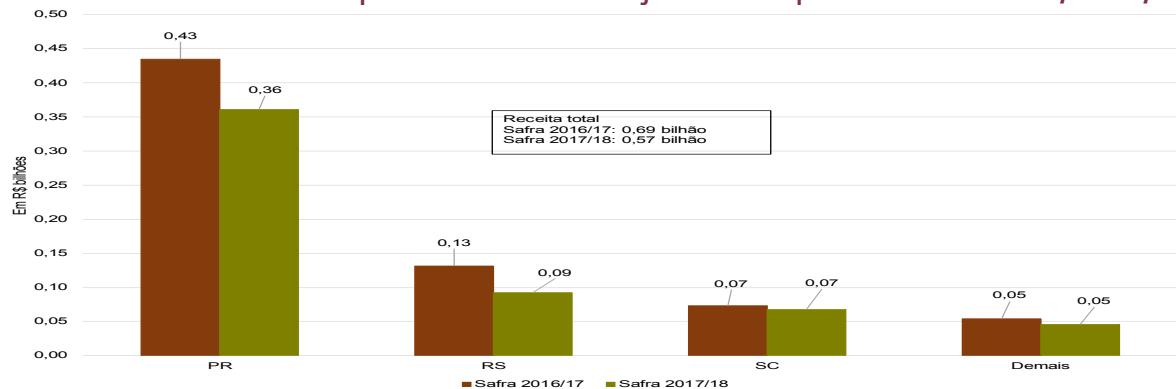
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina juntos, correspondem a 87% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta manutenção na produção e decréscimo de 17% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio Grande do Sul, observa-se

decréscimo na produção – 4,5% - e decréscimo médio no preço de 26,4%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,57 bilhão de reais, esse valor é 18,3% menor que o observado na safra 2016/17 de 0,69 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18

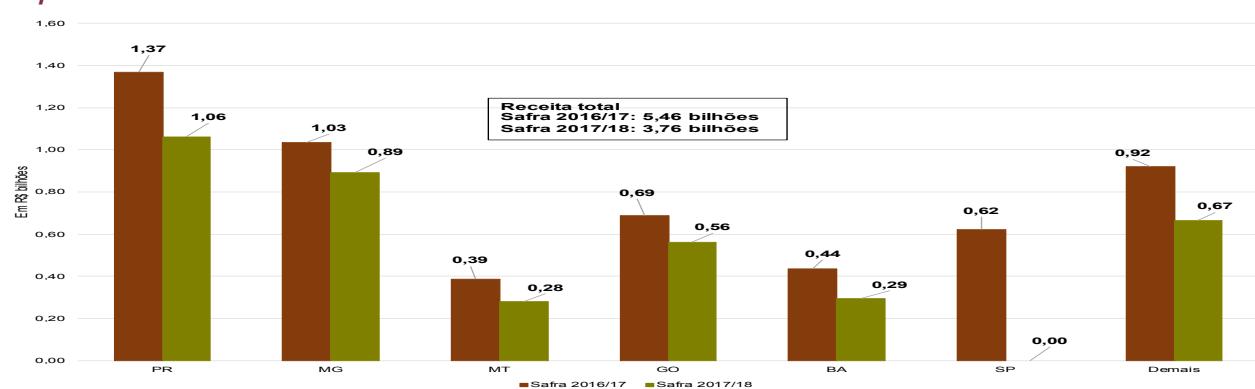


9.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca e do preto, obteve-se a receita bruta

ta do total de feijão de R\$ 5,88 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 3,33 bilhões em 2017/18.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais– feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2016/17 e 2017/18



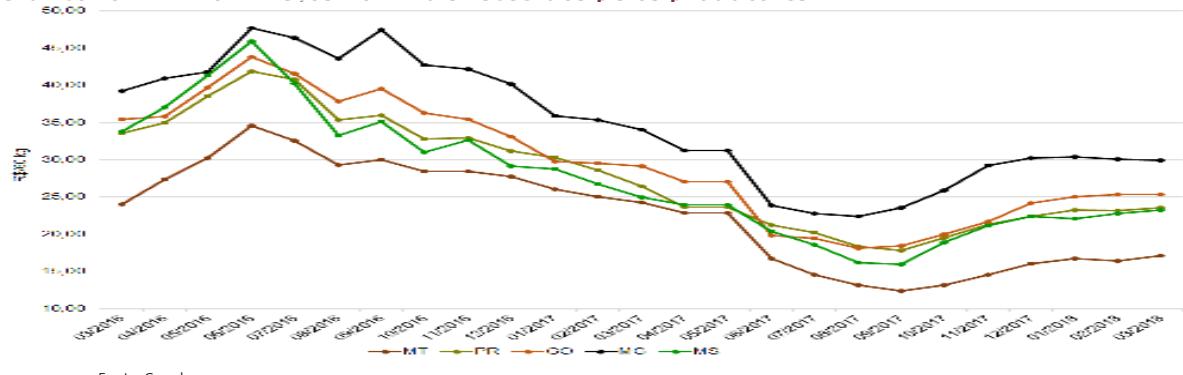
9.7. MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todos os Estados da Federação. Os dois maiores produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 30% e 16,5% da produção nacional, respectivamente.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação nos períodos recentes. Nesse sentido, na comparação de março de 2017 e março de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 5,6%.



Gráfico 10 – Milho – Precos nominais recebidos pelos produtores

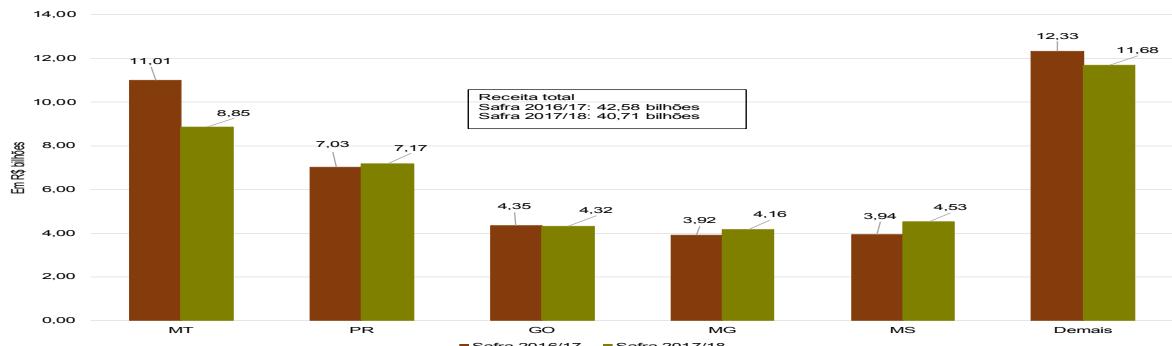


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional apresentou tendência de diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores, isto posto, a queda na produção foi mais impactante no cálculo da receita

bruta. A estimativa da receita bruta total para o milho foi de 40,71 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 se observa a estimativa de 42,58 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 4,4%.

Gráfico 11– Receita bruta dos produtores rurais – Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

9.8. Soja

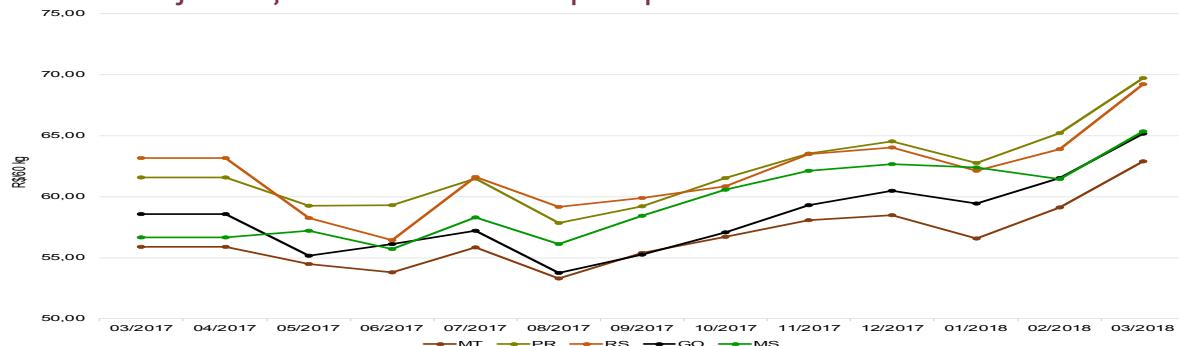
Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se na projeção para a safra 2017/18 aumento no quantitativo. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 114,97 milhões de toneladas, um incremento de 0,8%. Todavia, Unidades da Federação caracterizadas como grandes produtoras, como Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam

projeções de queda de 2,2% e 11,1%, respectivamente. Por outro lado, o maior estado produtor – Mato Grosso – apresenta estimativa de incremento de 3,2%.

Além disso, os preços da oleaginosa sofreram acréscimos em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 10,9% nos preços recebidos pelos produtores.



Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



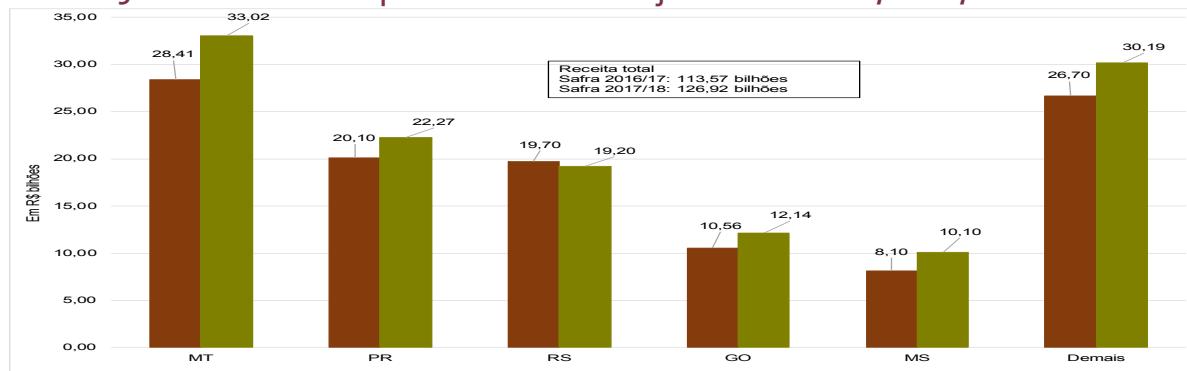
Fonte: Conab.

Isso posto, o movimento de aumento na produção em paralelo com a retomada nos preços recebidos pelo produtor culminou em incremento da estimativa da receita bruta total para a soja, na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 33 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 28,4 bilhões, com acréscimo relativo de 16,2%. É salutar detalhar que para as Unidades da Federação que formam o Matopiba, observa-se aumento na receita bruta esti-

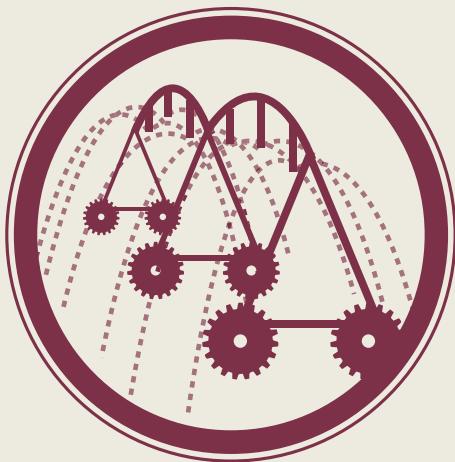
mada para o Maranhão, com valor de 3,4 bilhões de reais (28,4%); para o Tocantins, com valor de 3,33 bilhões de reais (14,4%); para o Piauí, com valor de 2,4 bilhões de reais (19,8%) e para a Bahia, observa-se o valor de 5,55 bilhões, incremento de 6%.

A estimativa total para a receita bruta da soja, na safra 2017/18, foi de 127 bilhões de reais, frente à estimativa de 113,58 bilhões da safra anterior, um aumento de 11,8%.

Gráfico 13– Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.



10. IRRIGAÇÃO

10.1. O ATLAS DA IRRIGAÇÃO E A PRODUÇÃO DE GRÃOS NO BRASIL

A Agência Nacional de Águas (ANA) publicou em outubro de 2017 o Atlas Irrigação: uso da água na agricultura irrigada, disponível em <http://atlasirrigacao.ana.gov.br>. Com dados inéditos – resultado de estudos próprios e de parcerias com a Conab e a Embrapa – o Atlas apresenta uma retrospectiva, um panorama atual e uma visão de futuro sobre a agricultura irrigada brasileira, incluindo alguns destaques relacionados à produção atual e potencial de grãos.

Responsável por produzir e atualizar informações sobre o balanço hídrico quantitativo nacional, ou seja, sobre a relação entre a disponibilidade de água e as demandas dos diferentes setores usuários, a ANA tem promovido estudos e parcerias para refinamento das informações sobre o uso da água. Em 2016, a agricultura irrigada foi responsável por 46% do volume de água retirado dos corpos hídricos do país (Figura 1).

Figura 1 - Demandas de uso da água no Brasil em 2016, por finalidade de uso.



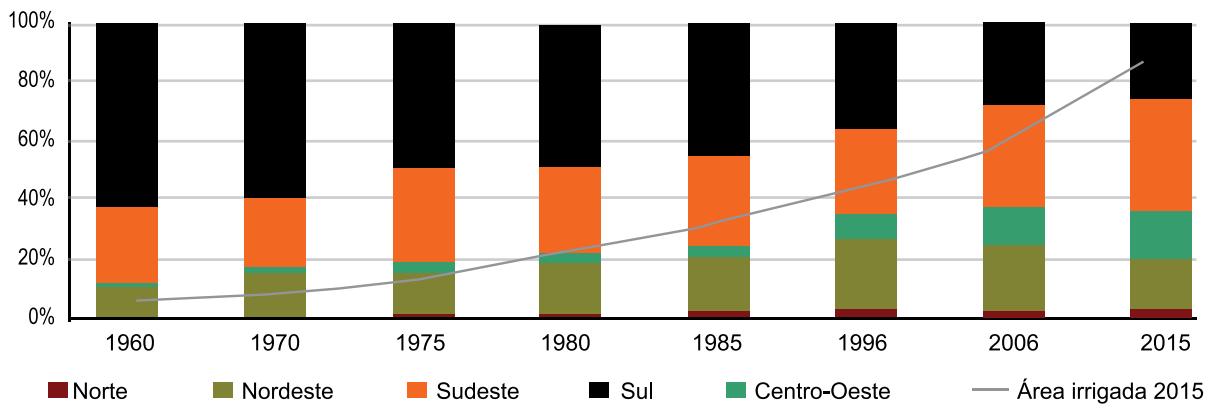
Fonte: Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil (ANA, 2017b).

Embora se reconheça diversos dos benefícios relacionados à prática da irrigação, ainda há dificuldades de dimensionar sua importância na quantidade atualmente produzida de grãos e o seu papel na segurança alimentar e nutricional da sociedade brasileira. Isso ocorre mesmo considerando o histórico crescente e persistente de crescimento da atividade (Gráfico 1), muitas vezes na contramão de períodos instáveis e negativos da economia brasileira.

A área irrigada tem crescido a taxas médias superiores a 4% ao ano desde a década de 1960 (Gráfico 1).

Partindo de 462 mil hectares em 1960, a marca de 1 milhão de hectares foi ultrapassada já na década de 1970. Na década de 1990 foram ultrapassados os 3 milhões de hectares equipados para irrigação. Em 2015, o Atlas estimou que o Brasil atingiu a marca de 6,95 milhões de hectares. Nos últimos 15 anos boa parte da expansão deu-se no bioma Cerrado, notadamente em Goiás, Minas Gerais e Bahia. Embora seja uma atividade distribuída pelo território, foi possível identificar os principais polos e características da produção (Figuras 2 e 3).

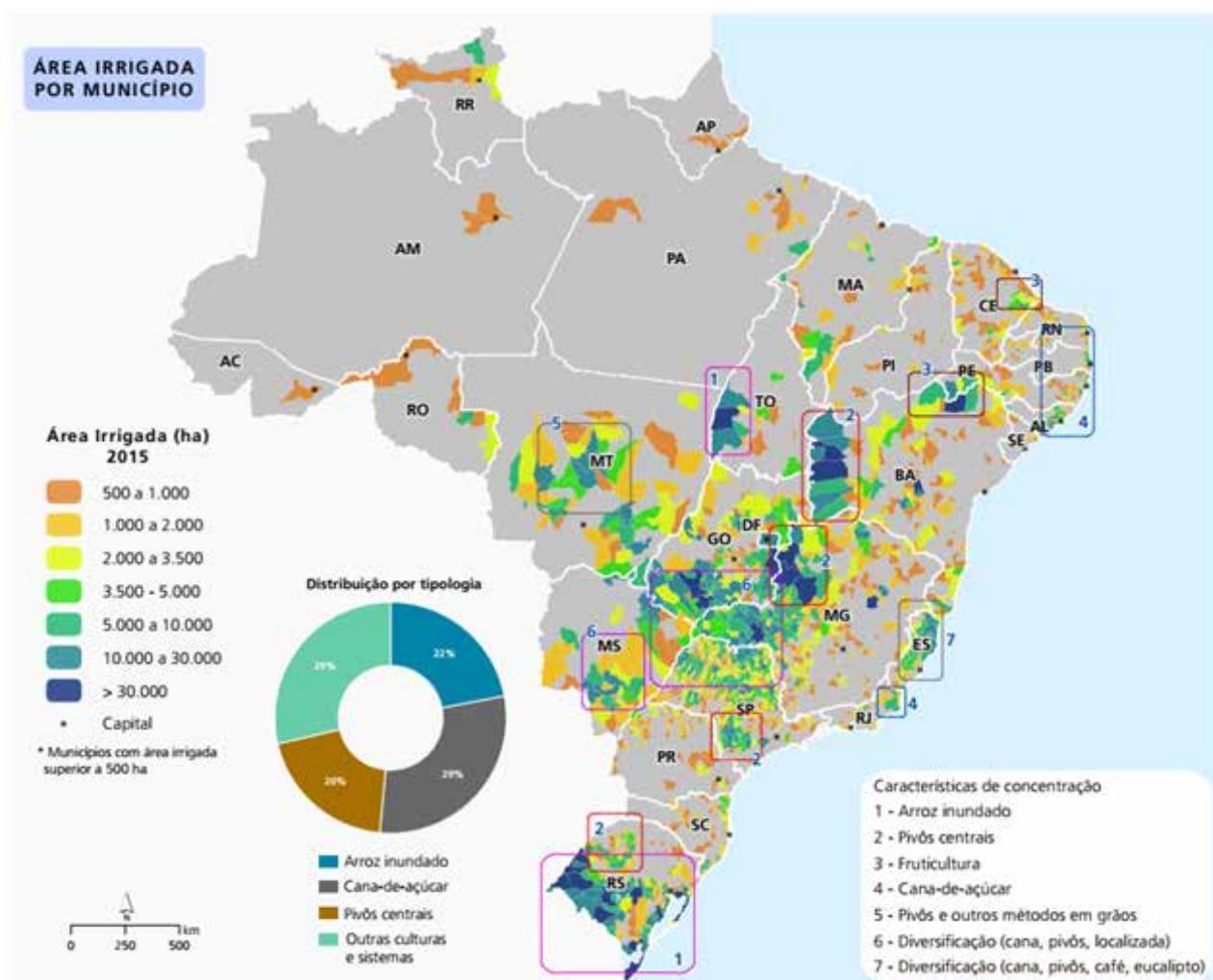
Gráfico 1. Área irrigada total e participação das regiões geográficas (1960-2015).



Fonte: Atlas Irrigação (ANA, 2017a).



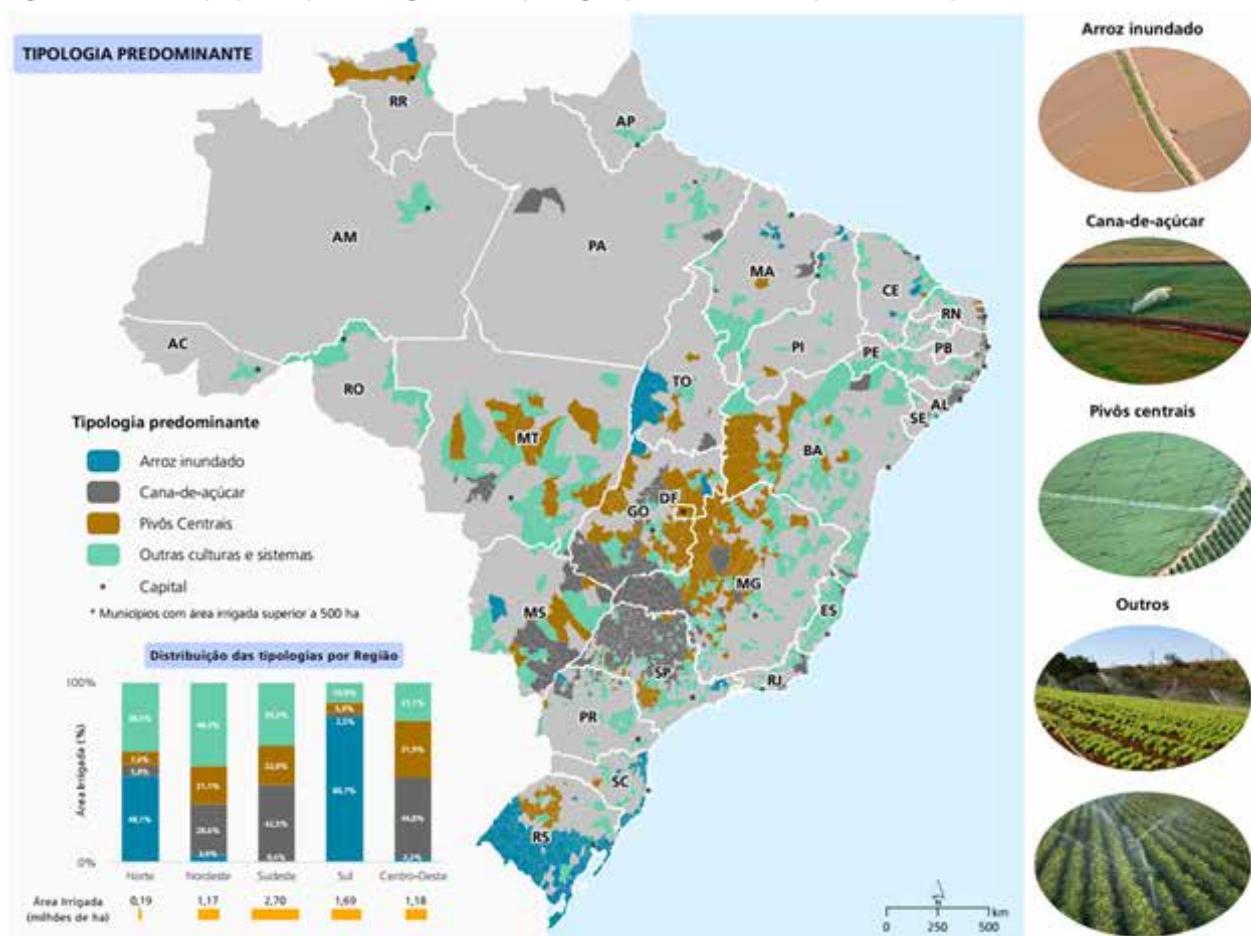
Figura 2. Área atual equipada para irrigação por município em 2015



Fonte: Atlas Irrigação (ANA, 2017a).



Figura 3. Área equipada para irrigação - tipologia predominante por município.



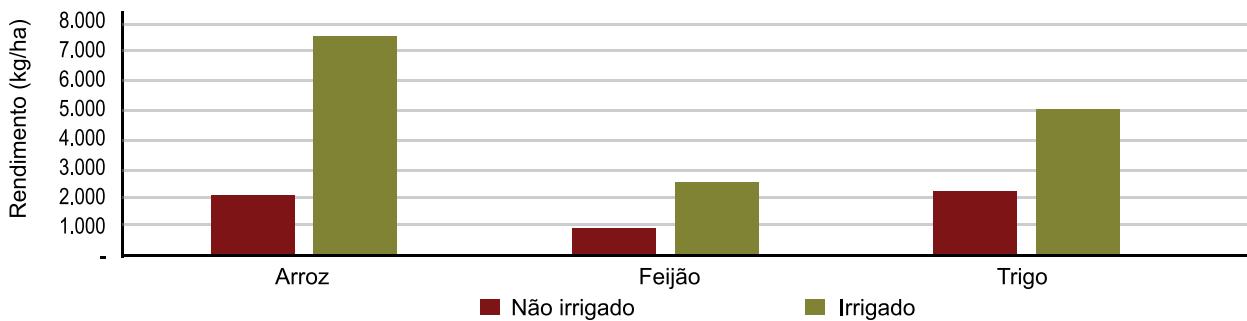
Fonte: ATLAS Irrigação (ANA, 2017a).

Na consolidação das principais informações primárias e secundárias realizada pelo Atlas Irrigação, destaca-se a importância da produção de grãos na modernização da agricultura. Vale lembrar que a irrigação, embora possa apresentar excelentes resultados de forma isolada é, em geral, implementada em conjunto ou após a adoção de outras melhorias tecnológicas pelo produtor, ou seja, tende a ser acompanhada ou antecedida por aperfeiçoamentos em outros insumos, serviços, máquinas e implementos.

Com relação à produtividade, observa-se que a produção irrigada apresenta rendimentos significativamente superiores aos da produção não irrigada (Gráfico 2) e com tendência de crescimento contínuo, realçando a importância de estímulos específicos para seu desenvolvimento sustentável. Arroz, feijão e trigo – importantes grãos presentes no hábito alimentar do brasileiro – apresentaram sob irrigação, respectivamente, rendimentos 3,6, 2,5 e 2,2 vezes superiores à produção de sequeiro em 2015 (média nacional).



Gráfico 2 - Indicadores de rendimento em condições predominantemente irrigadas e não irrigadas – arroz, feijão e trigo (2015)



Fonte: Atlas Irrigação (ANA, 2017a).

Com relação ao arroz, os levantamentos da Conab e do IBGE têm demonstrado a relativa estabilidade da área irrigada nas últimas décadas, acompanhada pela queda sistemática da área de sequeiro e, consequentemente, da área total. Atualmente, a área irrigada, de mais de 1,5 milhão de hectares, concentra-se no Rio Grande do Sul (78% da área), em Santa Catarina (10%) e em Tocantins (5%).

A relativa estabilidade da quantidade produzida de arroz tem sido sustentada pelo crescimento expressivo da produtividade das lavouras irrigadas – reflexo da melhoria no manejo e no pacote tecnológico do produtor, incluindo maior controle no uso da água. Isso significa que a eficiência do uso da água na produção irrigada também tem sido cada vez maior, ou seja, tem aumentado a quantidade produzida por volume de água (quilo de arroz por m³ de água).

Esse tipo de dado contrasta muitas vezes com a crítica ao sistema de irrigação por inundação – dada a sua elevada necessidade hídrica. Entretanto, não existe um método ou sistema de irrigação ideal a priori, devendo haver uma avaliação integrada de componentes socioeconômicos e ambientais. O importante é que a eficiência no uso da água seja sempre perseguida e que, havendo viabilidade de alternativas tecnológicas, seja estimulada a implantação da que apresente maiores eficiências no uso da água.

Os dados do Atlas Irrigação demonstram que os grupos mais eficientes no uso da água – irrigação localizada (gotejamento e microaspersão) e, principalmente, aspersão por pivô central – representaram cerca de 70% do incremento de área irrigada no país entre 2006 e 2016. Boa parte da expansão da irrigação por pivôs foi impulsionada pela produção de grãos no Cerrado, notadamente algodão, milho, feijão e soja.

E é sobre esse grupo de grãos que a maior parte da expansão da irrigação deve ocorrer até 2030: o Atlas

estima que dos 11,2 milhões de hectares de potencial efetivo para expansão da irrigação, 3,14 milhões de hectares serão aproveitados nesse horizonte (28% do potencial). Com a perspectiva de continuidade de expansão de métodos mais eficientes entre 2015 e 2030, o uso da água tende a crescer menos (+38%) do que a área irrigada (+45%).

Esse cenário impõe desafios aos formuladores de políticas públicas com vistas ao correto direcionamento dessa expansão, visando a sustentabilidade econômico-ambiental da agricultura e ao atendimento das demandas nutricionais da sociedade brasileira.

O feijão é um caso importante, uma vez que há preocupações com os impactos negativos da continuidade da queda da produção, uma vez que atualmente a produção é muito ajustada ao consumo (Conab, 2016). Estímulos à produção irrigada são estratégicos para o aumento da oferta.

Para o arroz, embora o cenário tendencial de 2030 aponte um crescimento de área mais tímido que o das demais culturas e sistemas, espera-se a continuidade do aumento da produtividade no Sul, proporcionado pela melhoria no pacote tecnológico que inclui maior controle direto do uso da água. Adicionalmente, a produção também deve ser estimulada em outros estados que já utilizam o plantio irrigado, uma vez que se observa experiências acumuladas e infraestrutura (Conab, 2016), como em Goiás, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Maranhão, Piauí, Alagoas e Sergipe.

A definição de áreas especiais de gestão é uma importante ferramenta de direcionamento e acompanhamento de políticas públicas. No Atlas Irrigação, com base no diagnóstico e nas perspectivas de expansão da agricultura irrigada – em termos de áreas, culturas e hidrointensidade – foram definidas as principais áreas especiais de gestão dos recursos hídricos para a irrigação, as quais correspondem aos principais polos



atuais e futuros da produção irrigada (Figura 4).

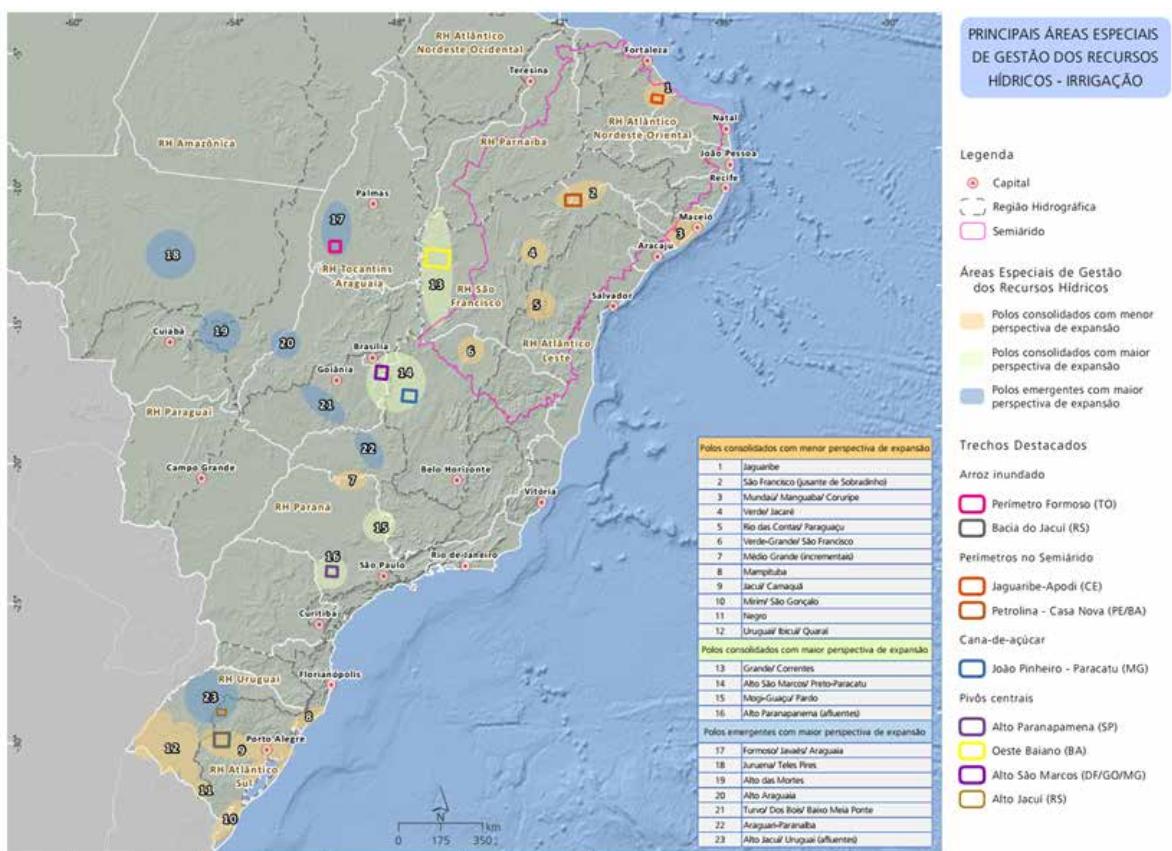
As áreas especiais foram agrupadas em três grupos: a) polos consolidados onde há menor perspectiva de expansão (arroz irrigado no Sul; projetos públicos no Semiárido; região canavieira do Nordeste; e algumas áreas no Sudeste); b) polos consolidados onde há forte perspectiva de expansão (oeste baiano; Triângulo Mineiro; Paranapanema (SP); região de fronteira do Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais, nas bacias dos rios Preto, Paracatu e São Marcos; região canavieira do Centro-Sul etc.); e c) polos novos ou em consolidação com forte perspectiva de expansão (na fronteira da agricultura de sequeiro das últimas décadas, onde a irrigação tem avançado mais recentemente – Mato Grosso, Goiás e Matopiba (fronteira agrícola entre o Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia); além do Rio Grande do Sul, nas bacias do alto rio Jacuí e de afluentes do rio Uruguai).

A definição preliminar dessas áreas especiais é um importante subproduto desse trabalho, que pode ser aplicado na definição de políticas públicas mais assertivas. Vale lembrar que diversas bacias hidrográficas com indicadores de criticidade quantitativa no Brasil

têm como maior uso consuntivo à agricultura irrigada, ocasionando conflitos intrassetoriais (entre os irrigantes) e intersetoriais (com usuários de outros setores). O diagnóstico e o prognóstico do Atlas Irrigação realçam a predominância da produção de grãos, notadamente arroz, feijão, soja, milho e algodão, na expansão recente e futura da área, do uso da água e da quantidade produzida sob irrigação. Outros importantes grupos de culturas irrigadas, como café, fruticultura, horticultura e cana-de-açúcar, apresentam menor tendência de expansão da irrigação, seja em intensidade (caso da cana) ou em área (demais grupos) – cenário que também pode ser alterado por aspectos conjunturais ou com estímulos específicos.

Por fim, espera-se que a ANA possa continuar contribuindo com a ampliação do conhecimento sobre a agricultura irrigada, influenciando as tomadas de decisão, especialmente quanto à sustentabilidade hídrica. Nesse aspecto, cabe destacar o Plano Nacional de Segurança Hídrica, que está sendo desenvolvido em parceria com o Ministério da Integração Nacional, e que trará importantes indicadores e priorizações para o desenvolvimento sustentável de alguns dos nossos principais polos de irrigação, atuais ou previstos.

Figura 4. Principais Áreas Especiais de Gestão dos Recursos Hídricos (agricultura irrigada)



Fonte: ATLAS Irrigação (ANA, 2017a).



10.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA – **Agência Nacional de Águas (Brasil)**. ATLAS Irrigação: uso da água na agricultura irrigada. Brasília: ANA, 2017a. Acessível em: <<http://atlasirrigacao.ana.gov.br>>.

ANA – **Agência Nacional de Águas (Brasil)**. Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil: Relatório 2017. Brasília: ANA, 2017b. Acessível em: <www.snirh.gov.br>.

CONAB – **Companhia Nacional de Abastecimento**. Perspectivas de diversificação e de investimentos na produção de arroz – trigo – feijão. Compêndio de estudos Conab, v. 1 (2016). Brasília: Conab, 2016, 53 p. Acessível em: <www.conab.gov.br>.





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), em seu relatório semanal de 27 de março de 2018, a produção mundial de pluma na safra 2016/17 deverá fechar em 23,09 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,67 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 9,8% na produção. Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial foi de 24,52 milhões de toneladas em 2016/17, já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,40 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de dois anos-safras sendo inferior. Mesmo que a produção volte a ser maior que o consumo, as cotações internacionais devem seguir com viés altista. A boa demanda mundial, principalmente pelo algodão norte-americano, e a queda dos estoques chineses deverão dar sustentabilidade aos preços externos.

11.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o sétimo levantamento de safra da Conab, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.862,8 mil toneladas de pluma, esse volume é 21,8% superior ao produzido na safra

anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 0,1%, a companhia estima um aumento de 21,9% na área. Ótimos resultados obtidos na safra 2016/17, que representaram naquele ano um aumento de 18% em relação à safra anterior, incitaram o produtor a

11.2. ARROZ

Em fevereiro, o Brasil exportou 163,5 mil toneladas de arroz base casca e importou 38,3 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$509,38 toneladas, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 23 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$357,76 toneladas de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do sudeste brasileiro e Pernambuco. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042,0 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Cerca do consumo, este é estimado em torno de 11,7

11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

O mercado se depara com uma conjuntura desfavorável de preços, vez que em fevereiro geralmente ocorre queda no consumo em virtude das férias escolares. Com isso, as vendas costumam ser fracas, mas o mercado surpreendeu com a falta de negócios.

A qualidade do grão que está sendo ofertada, e a concentração da oferta da safra das águas que começou a entrar em grandes quantidades no mercado paulista estão contribuindo para a calmaria do mercado.

Na Região Sul, o excesso de chuva, verificado desde a última semana de dezembro e em praticamente todo o mês de janeiro, período de concentração da colheita da safra das águas, além de ter prejudicado o rendimento das lavouras afetou a qualidade do produto que, em muitos casos, apresentaram grãos manchados, deformados e com elevado grau de umidade.

A colheita dessa safra está chegando ao fim e, no Pa-

aumentar a área e o investimento na cotonicultura. Desse modo, movido por ótima produtividade, pela expectativa de clima favorável e pelos preços remuneradores nacionais e internacionais, a safra de algodão brasileira terá outro ano de crescimento expressivo.

milhões de toneladas para a safra 2016/17. Para safra 2017/18, projeta-se um consumo levemente superior, por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 7,7% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,4 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos, e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos mais competitivos em virtude de uma esperada desvalorização da moeda nacional em 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.035,9 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 420,6 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

raná, cerca de 55% da produção foram comercializadas pelos produtores. Já nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país resta uma boa quantidade a ser colhida.

No Paraná e Santa Catarina, de acordo com a pesquisa realizada pela Conab, no período de 18 a 24 de fevereiro de 2018, as quebras na produtividade foram de 20,1% e 11,9% respectivamente, em relação à safra anterior, o que representa, uma redução de 39,1 mil toneladas.

Por outro lado, na Bahia, notadamente nas regiões centro norte, centro sul e Vale do São Francisco, a escassez de chuva durante o ciclo da cultura afetou drasticamente o desenvolvimento das lavouras. A colheita iniciou em fevereiro e, a princípio, estima-se uma redução de 41,2% na produtividade e uma produção menor em 26,8 mil toneladas à registrada na safra anterior.



Diante da situação em questão, a expectativa era de um mercado firme. No entanto, ao contrário do que se previa, os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores.

No mercado atacadista de São Paulo, a maior parte das ofertas é de lotes comerciais, mas com boa presença do produto extranovo. Contudo, a diferença de preços desse último padrão em comparação aos demais tipos está dificultando a sua venda e influindo negativamente nas cotações. As mercadorias ofertadas são provenientes de São Paulo, Paraná, Goiás e Minas Gerais, visto que esses dois últimos estados apresentam os melhores lotes.

Nas zonas de produção a maior parte do volume ofertado também é de produto comercial. Os preços se encontram em queda, gerando um forte descontentamento dos produtores.

Quanto à segunda safra, o plantio está bem adiantado e as lavouras atravessam as fases de germinação, desenvolvimento vegetativo e pequenas áreas entrando em florescimento. No Paraná, a superfície cultivada ocupa cerca de 85% da área estimada para o cultivo. Nesse estado, a área estimada pela Conab aponta para uma redução de 25,1% em relação à safra anterior em razão dos baixos preços de comercialização. Mesmo que as condições climáticas sejam adequadas ao desenvolvimento das lavouras, a produção ainda ficará 19,4% abaixo ou 41,9 mil toneladas a menos que a colheita registrada em 2017.

O mercado está na expectativa da oferta proveniente da safra da seca, na Região Centro-Sul do país, cujo cultivo deverá ser concluído em março. A colheita está prevista para o início de abril, devendo se concentrar em maio e junho, com expectativa de um volume de produção inferior ao registrado na safra 2017.

11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

Os preços se encontram em patamares elevados em razão do controle das ofertas e, principalmente, pelo excesso de chuvas verificado em janeiro que limitou a quantidade e a qualidade do produto destinado ao mercado.

A safra da seca começou a ser semeada no início de janeiro, atingindo, no Paraná, cerca de 85% da área estimada ao cultivo. A temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio e, doravante, o país passará a depender de importações, principalmen-

A comercialização vem enfrentando o mesmo garrote, qual seja, o varejo. Diante desse fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda são baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta mais apertado.

Segundo as indústrias de empacotamento, qualquer elevação nos preços de mercado só deverá ocorrer se houver um aquecimento na demanda, e isso no momento deve ser descartado pelo fato de que estamos numa época de baixo consumo e concentração da oferta.

É importante destacar que o grão comercial nota 8 sem defeitos e com boa peneira começa a ficar escasso, e atualmente a demanda de muitos compradores é por este tipo de produto. Em Minas Gerais aumentou a presença de compradores da Bahia, dentre outros estados, reflexo da pouca oferta de produto paranaense de boa qualidade.

Esperava-se, após o carnaval, que o volume de produção a ser comercializado seria insuficiente para manter o mercado em equilíbrio, abrindo espaço para uma melhor remuneração do produto. No entanto, apesar da primeira safra se encontrar no final, ainda é razoável a quantidade de mercadoria a ser comercializada, visto que boa parte é oriunda do Paraná, e é de baixa qualidade.

Com os preços ao produtor muito aquém dos praticados no ano anterior, boa parte dessa queda foi repassada para o produto no comércio, notadamente nas grandes redes de supermercados. Desta forma, o consumo poderá ser estimulado, não só pela redução dos preços, como também pelo retorno das aulas escolares.

te da Argentina, maior fornecedor, que deve concluir o seu plantio em março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto e 12.000 toneladas de feijão comum branco são destinados ao Brasil.

O sexto levantamento registra, para a segunda safra, queda de 6,9% na área a ser cultivada na Região Centro-Sul do país. A produção, por sua vez, apresenta praticamente o mesmo volume colhido em 2017.

11.3.3. SUPRIMENTO

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010

a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuan-



do para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocados pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em

11.4. MILHO

11.4.1. ANÁLISE DA OFERTA E DEMANDA

Tabela 2 – Balanço de oferta e demanda (fev-jan) - Em mil toneladas

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.639,8	18.883,2	6.949,9
2016/17(*)	6.949,9	97.842,8	950,0	105.742,7	56.165,3	30.835,2	18.742,1
2017/18(*)	18.742,1	88.006,7	400,0	107.148,8	58.500,0	30.000,0	18.648,8

Legenda: (*) Estimativa em março/2018.

Fonte: Conab.

Dentre os aspectos de influência no quadro de oferta e demanda de milho, a estimativa de produção de milho teve maior relevância, visto que essa obteve um incremento em relação à estimativa anterior de 1,34 milhão de toneladas, onde a maior diferença está Mato Grosso, portanto, na segunda safra.

Isso evidencia as boas condições climáticas e uma inversão na expectativa negativa sobre a segunda safra de muitos agentes do mercado, uma vez que houve atraso de mais de 15% no plantio do cereal, indicando que poderia haver perdas por seca em alguns estados produtores.

Esse contexto é importantíssimo para os produtores de milho, que detêm estoques e que estão comercializando pontualmente a preços acima da paridade de exportação atual, apostando em uma possível quebra de safra, que fiquem atentos a uma possível pressão de baixa em médio prazo.

Isso é porque, os estoques disponíveis, quando se insere o que foi colhido até o momento, retirando a

uma produção média de 3,3 milhões de toneladas, o que representa uma variação negativa de 2,9% em relação à temporada 2016/2017.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 125 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 235,5 mil toneladas, o que corresponde a cerca de mês de consumo.

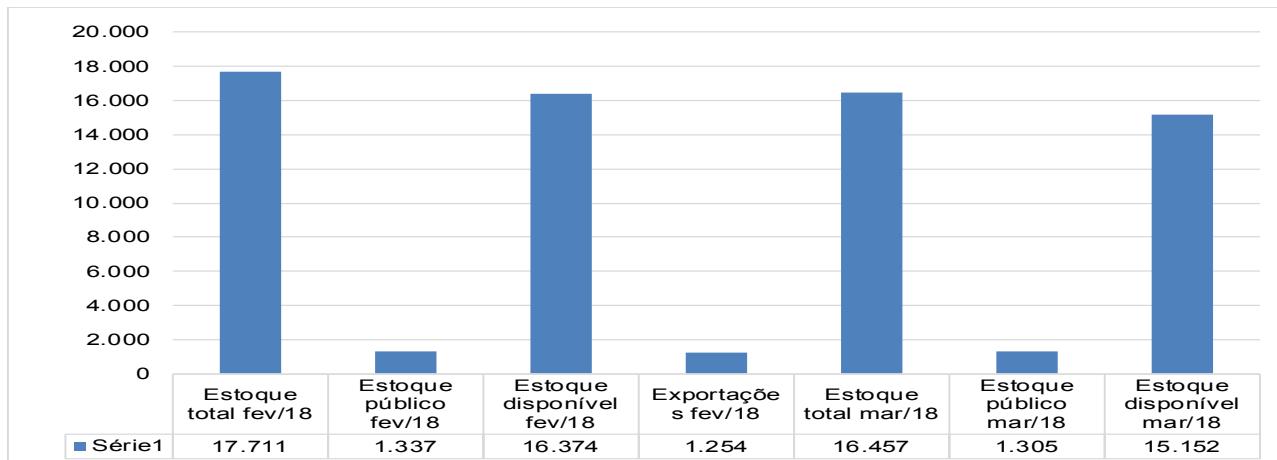
estimativa mensal de consumo e o estoque governamental, já devem estar por volta de 18,5 milhões de toneladas, no mínimo, evidenciando que há estoque para atendimento do setor de carnes, o que não está ocorrendo é uma comercialização acentuada e, por isso, há muita especulação nos preços, propiciando, inclusive uma importação de milho para destravar as negociações (100 mil toneladas, segundo informações de mercado).

Nesse contexto, conforme dito anteriormente, as cotações domésticas estão completamente descoladas da paridade de exportação e dos preços nos portos (considerando que há um custo de frete entre porto e região produtora na formação dos preços domésticos, baseados em Chicago e variação do dólar).

Em virtude dos parâmetros atuais de produção consumo e exportação, a estimativa de estoque para o fim da safra 2017/18 é de 15,8 milhões de toneladas, ou seja, mesmo diminuindo em relação à safra anterior, ainda é um estoque bastante confortável para atendimento da demanda brasileira de milho.

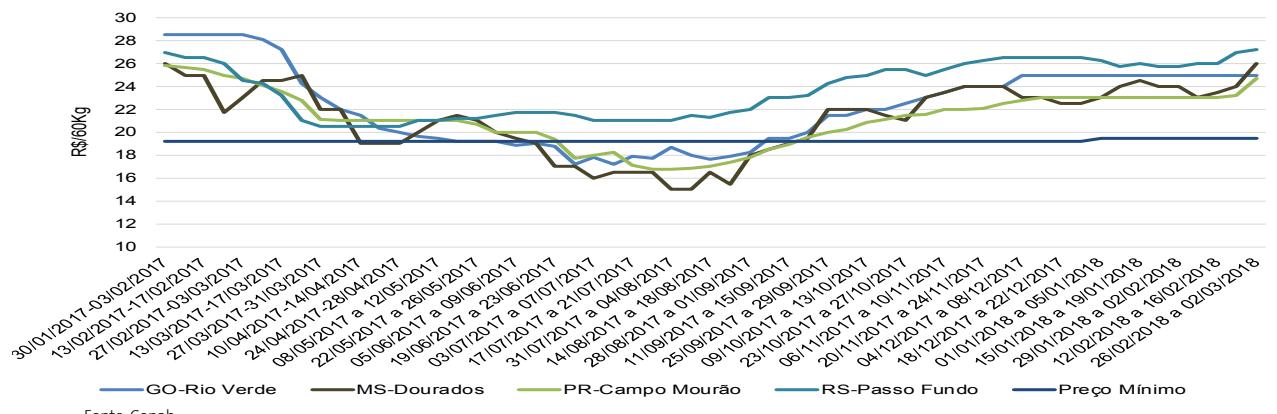


Gráfico 1 - Análise do estoque disponível de milho (em mil toneladas)



Fonte: Conab.

Gráfico 2 - evolução dos preços de milho - Preço recebido pelo produtor



Fonte: Conab.

11.6. Soja

11.6.1. MERCADO INTERNACIONAL

Em 4 de abril de 2018, a China divulgou que vai taxar em 25%, aproximadamente, 106 produtos de importação dos Estados Unidos. Entre estes produtos está a soja. Nesse contexto, fica difícil dizer se a China vai taxar a soja americana, já que os chineses necessitam daquele país para suprir a forte demanda interna. Todavia, se tal fato acontecer, o Brasil vai ser o grande beneficiado com essa taxação.

Os preços internacionais na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) ainda estão encontrando suporte nos problemas climáticos, quais sejam: temperaturas altas e escassez de chuvas, que têm afetado drasticamente a produtividade na Argentina. Nesse cenário, a Bolsa de Comércio de Rosário estima que a produção não ultrapassará os 39,50 milhões de toneladas, isto é, valor 31,3% menor que o produzido no ano de 2017.

Contudo, os preços médios da CBOT, que em janeiro

e fevereiro já encontravam suporte nos problemas climáticos ocorridos na Argentina, em março de 2018, fecharam em média de USCents 1.040/bu -, Valor 3% maior que o cotado em fevereiro de 2018, cuja média foi de USCents 1.011/bu, além de ser 4,2% maior que o de março de 2017, de USCents 998/bu.

Porém, em 4 de abril de 2018, com a notícia da possível taxação das importações de soja americana pela China, os preços voltaram a cair, e no dia da notícia da taxação, a cotação do CBOT chegou a USCents 1.015,20/bu.

Por outro lado, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou, em 29 de março de 2018, que a expectativa de área de soja, para a safra 2018/19, terá uma redução de aproximadamente 1%. Resta saber se, após as taxações chinesas, a referida estimativa continuará a mesma (-1%) ou se haverá maior redução de área de plantio americano.



A curto prazo o que provavelmente ocorrerá, caso haja a taxação, será uma diminuição das já reduzidas exportações americanas de soja, safra 2017/18. Desse modo, e se de fato isso ocorrer, a China deverá aumentar

tar as importações de soja brasileira, porém, os preços internacionais tendem a cair mais ainda, pois os estoques de passagem americanos, que já batem a casa dos 15 milhões de toneladas, podem subir mais ainda.

11.6.2. MERCADO NACIONAL

Com a quebra de safra na Argentina, o Brasil não tem como suprir toda a demanda chinesa, a tendência é de alta nos preços internos, descolando dos preços de paridade, vez que a demanda por soja para exportação deve sustentar uma forte alta de preços.

Até o momento, os preços nacionais têm encontrado sustentação nas altas cotações internacionais, como citado, e também na alta do dólar frente ao real que em março foi cotado, em média, a R\$ 3,281, valor um pouco maior que a média de fevereiro de 2018, e 5% maior que a média de fevereiro de 2017. A curto prazo os preços devem se manter nos patamares atuais, mas a tendência é de forte alta, como já explicado.

Apesar de todos os fundamentos de mercado a favor das exportações brasileiras, as somas das exportações de janeiro a março de 2018 estão levemente mais baixas que do mesmo período de 2017. Devido à diferença de área colhida entre safras, já que esta safra 2017/18 se encontra um pouco mais atrasada que a safra anterior (2016/2017). Segundo a Secretaria de Comércio

Exterior (Secex), as exportações de março foram estimadas em mais de 8,81 milhões de toneladas. Por esse motivo é esperado um grande aumento das exportações brasileiras para os próximos meses, podendo chegar em 2018 no valor total de 69 milhões de toneladas.

O consumo interno deve ter um leve incremento em relação ao divulgado em fevereiro de 2018, estimado em 47,40 milhões de toneladas. Devido a aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de soja (17%) e óleo de soja (8%), oriundos de uma redução das exportações dessas commodities na Argentina.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em, aproximadamente, 114,97 milhões de toneladas. Já as exportações em 69 milhões de toneladas, além de um consumo de 47,4 milhões de toneladas, que irão gerar um estoque de passagem de apenas 564 mil toneladas.

11.7. TRIGO

A relação entre a menor oferta de trigo de qualidade no mercado interno e os aumentos nos preços internacionais, sobretudo na Argentina, fez com que as indústrias brasileiras priorizassem as aquisições do trigo nacional, o que contribuiu para a elevação dos preços pagos aos produtores da Região Sul ao longo de março. Com o avanço na colheita da safra de verão, os fretes passaram a ser mais disputados em todas as regiões produtoras, elevando os custos nas operações de venda do trigo. Assim como no mês anterior, apesar da necessidade de liberação de espaço físico em seus armazéns, produtores da Região Sul têm direcionado seus esforços para a colheita e a comercialização da soja, em detrimento à comercialização do trigo.

No que se refere mercado internacional, as chuvas registradas na região das Grandes Planícies dos Estados Unidos têm pressionado as cotações nas últimas semanas, o que sinaliza a possibilidade de uma retomada no ritmo das importações brasileiras nos próximos meses.

Ainda que constatada uma menor disponibilidade de grãos de qualidade no mercado interno, o Brasil importou 1,55 milhão de toneladas, entre janeiro de mar-

ço e 2018, valor 6,8% inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior. A elevação cambial e os altos preços internacionais foram os principais responsáveis por essa redução no primeiro trimestre de 2018. Uma vez que o ano-safra do trigo brasileiro se dá entre agosto e julho, a Conab revisa periodicamente os dados acerca da produção, importação, exportação e moagem industrial, com vistas a definir, de maneira mais fidedigna, os volumes de suprimento, consumo interno e do estoque de passagem para a safra seguinte. Dessa forma, diante da atual conjuntura do setor tritícola, de preços internacionais ainda elevados, valorização cambial e uma menor demanda interna pelos derivados, tornou-se necessário revisar as estimativas de importação e exportação da safra 2017/18, para 6.500 mil toneladas e 400 mil toneladas, respectivamente.

Em relação à previsão para a safra 2018/19, espera-se que a haja uma manutenção da área cultivada, todavia, deverá haver melhorias na produtividade das lavouras, refletindo em um aumento de aproximadamente 9% no volume produzido, que deverá perfazer um total de 4.657 mil toneladas do grão.



Tabela 3 – Suprimento trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (1º DE AGOSTO)	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 DE JULHO)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18 (*)	2.530,1	4.263,5	6.800,0	13.593,6	400,0	11.000,0	287,4	11.287,4	1.606,2
2018/19 (*)	1.606,2	4.657,0	6.500,0	12.763,2	400,0	11.000,0	287,4	11.287,4	1.075,8

Legenda: (1) Dados estimados em março de 2018.

(2) Previsão.

Fonte: Conab.



Tabela 4 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.862,8	10,0	2.118,1	720,0	975,0	423,1
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	11.700,0	1.064,7	1.035,9
	2017/18	1.035,9	11.384,7	1.000,0	13.420,6	12.000,0	1.000,0	420,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
	2017/18	310,5	3.369,5	120,0	3.800,0	3.300,0	125,0	375,0
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	953,6	105.746,3	57.199,0	30.836,7	17.710,6
	2017/18	17.710,6	88.617,6	500,0	106.828,2	59.000,0	32.000,0	15.828,2
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	46.100,0	68.154,5	1.602,9
	2017/18	1.602,9	114.962,0	400,0	116.964,9	47.400,0	69.000,0	564,8
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,0	34.031,8	17.000,0	14.177,1	2.854,7
	2017/18	2.854,7	33.110,0	1,0	35.965,7	17.500,0	15.800,0	2.665,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	40,0	8.760,0	6.800,0	1.342,5	617,5
	2017/18	617,5	8.385,0	40,0	9.042,5	7.100,0	1.500,0	442,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.500,0	13.293,6	11.287,4	400,0	1.606,2
	2018	1.606,2	4.657,0	6.500,0	12.763,2	11.287,4	400,0	1.075,8

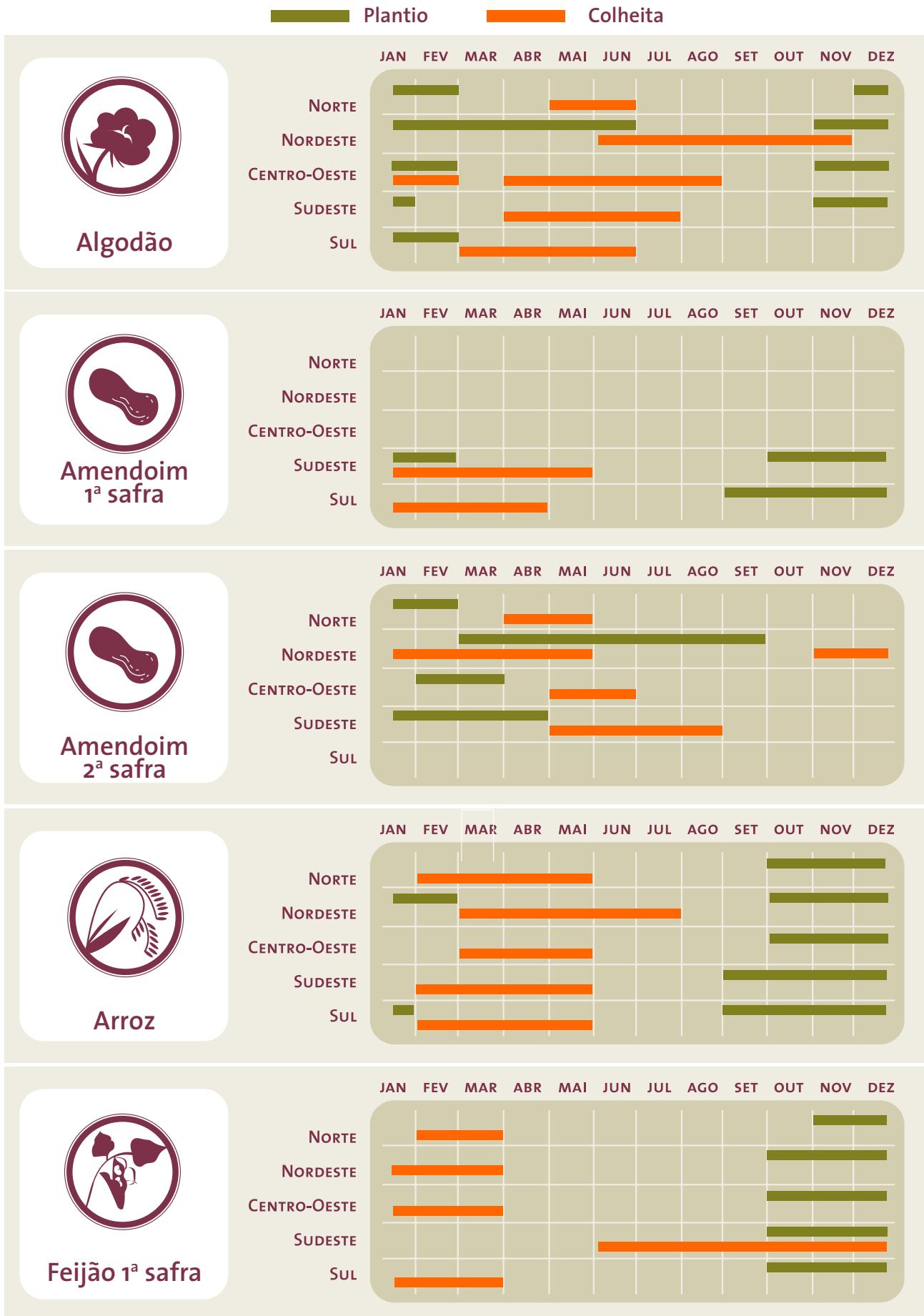
Fonte: Conab.

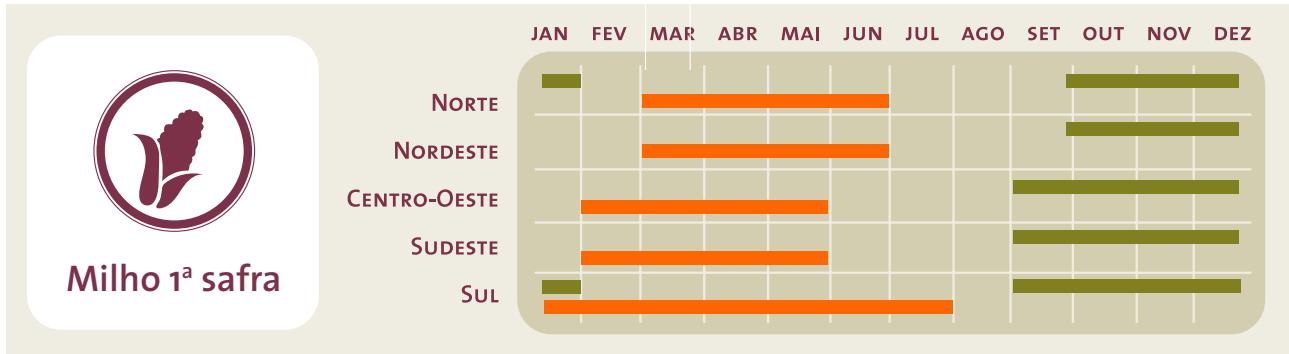
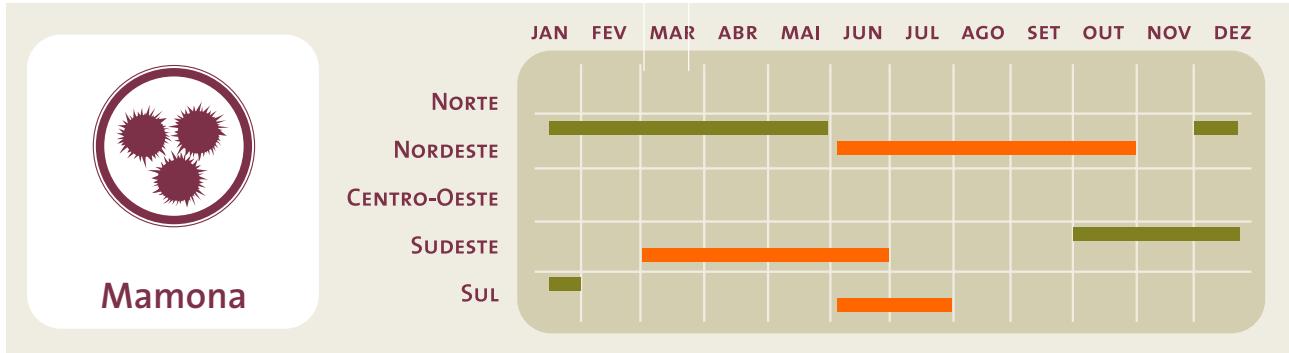
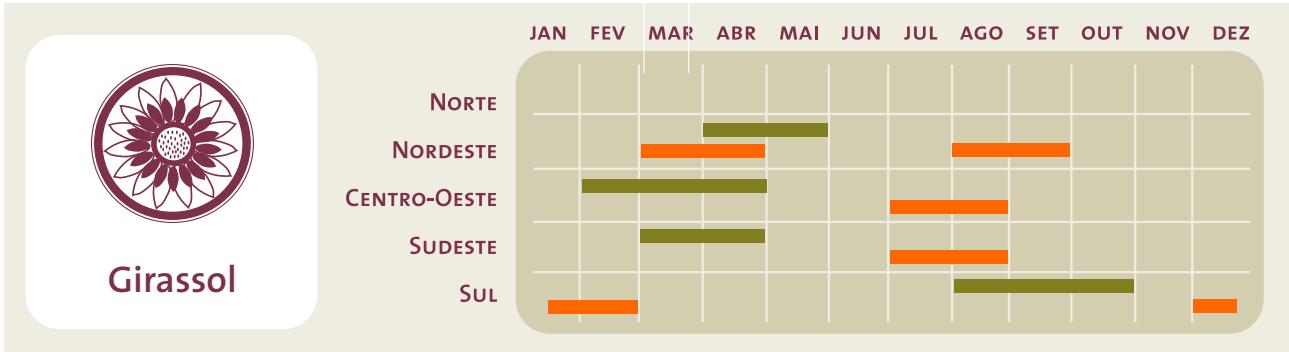
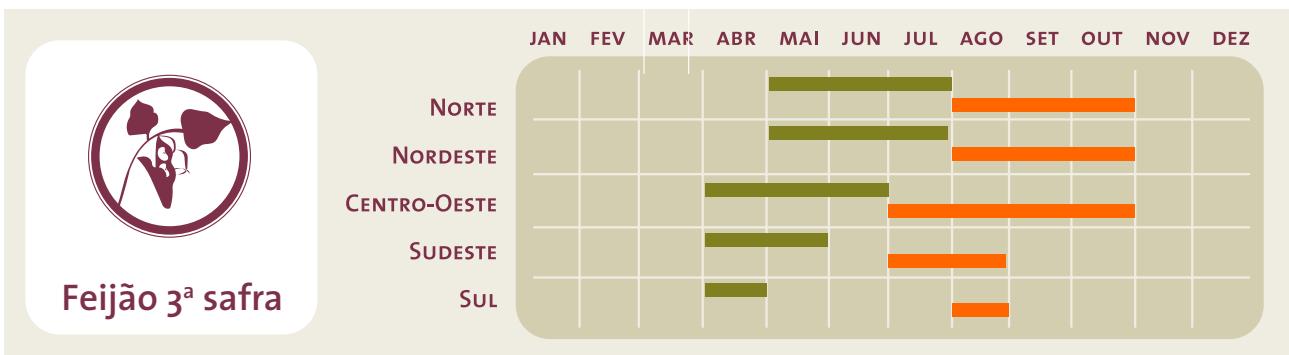
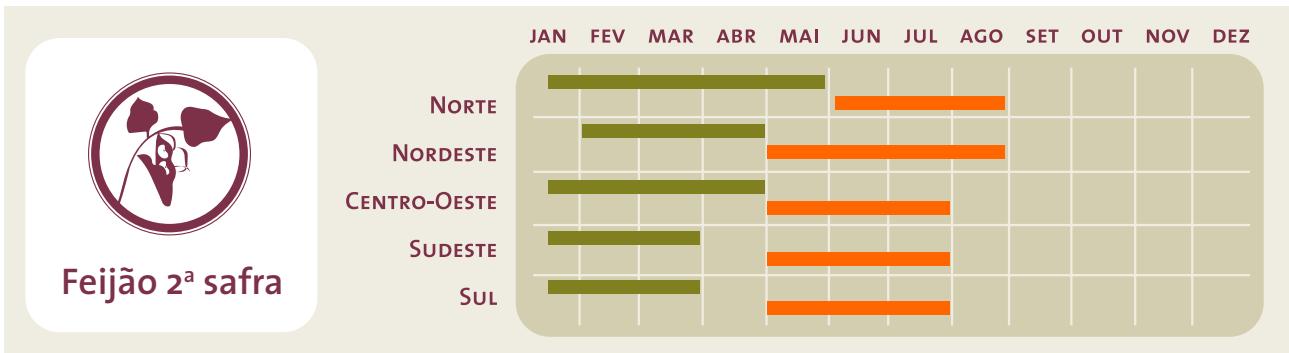
Notas: Estimativa em abril 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja; 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

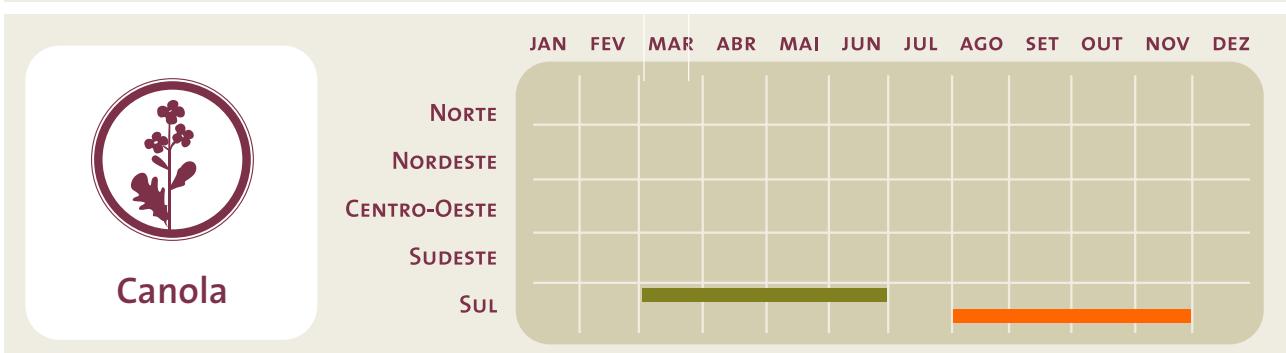
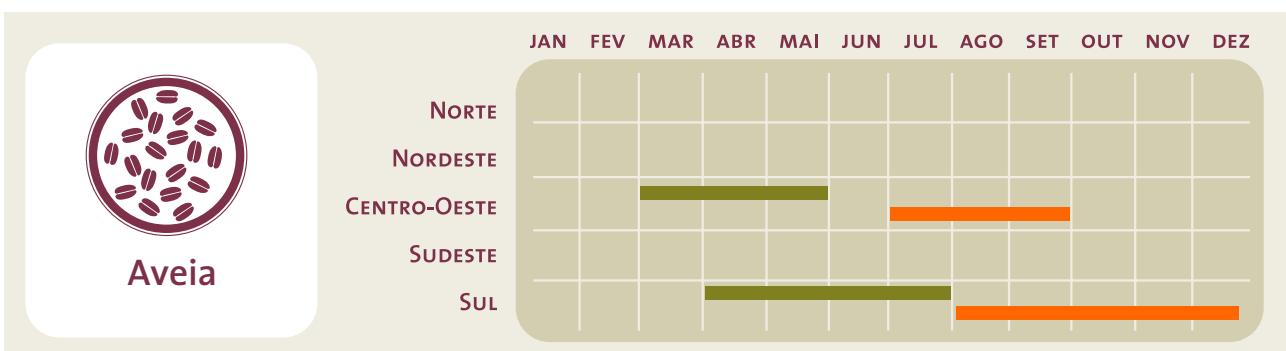
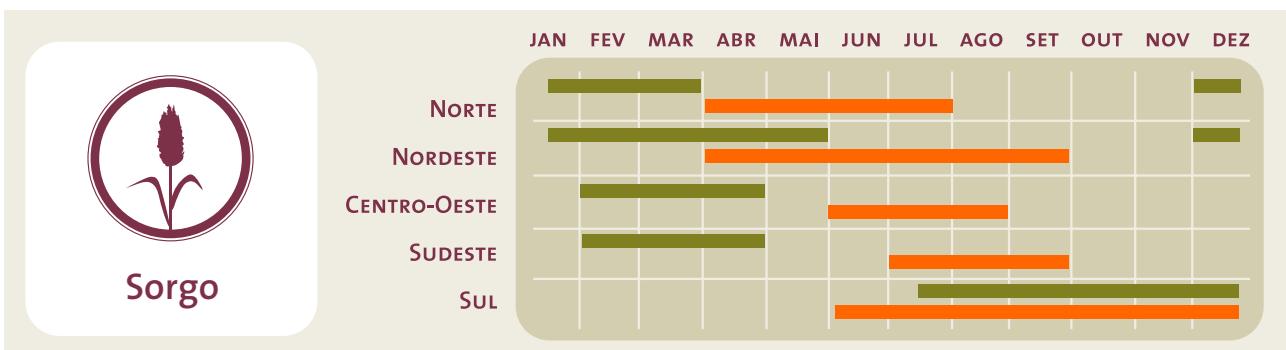
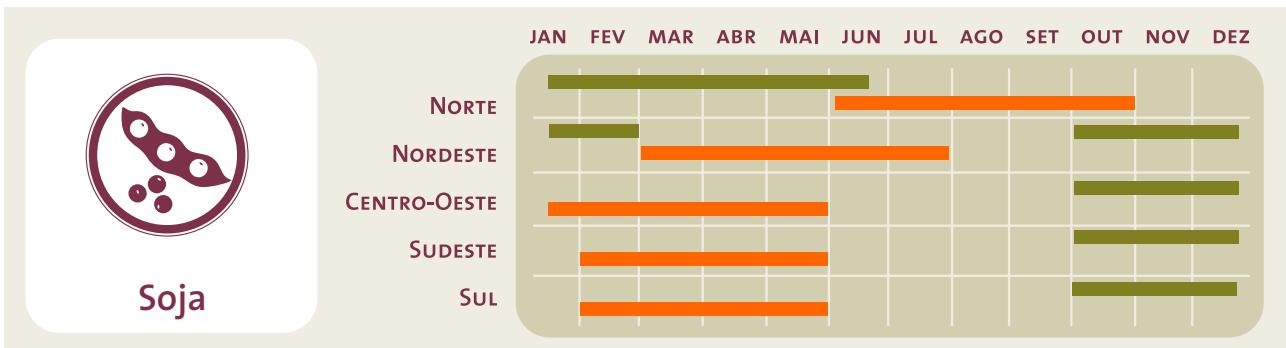
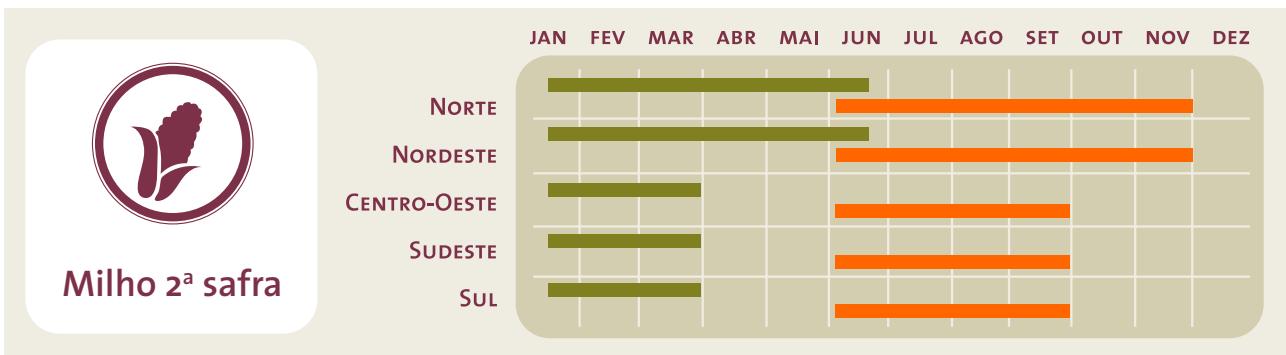


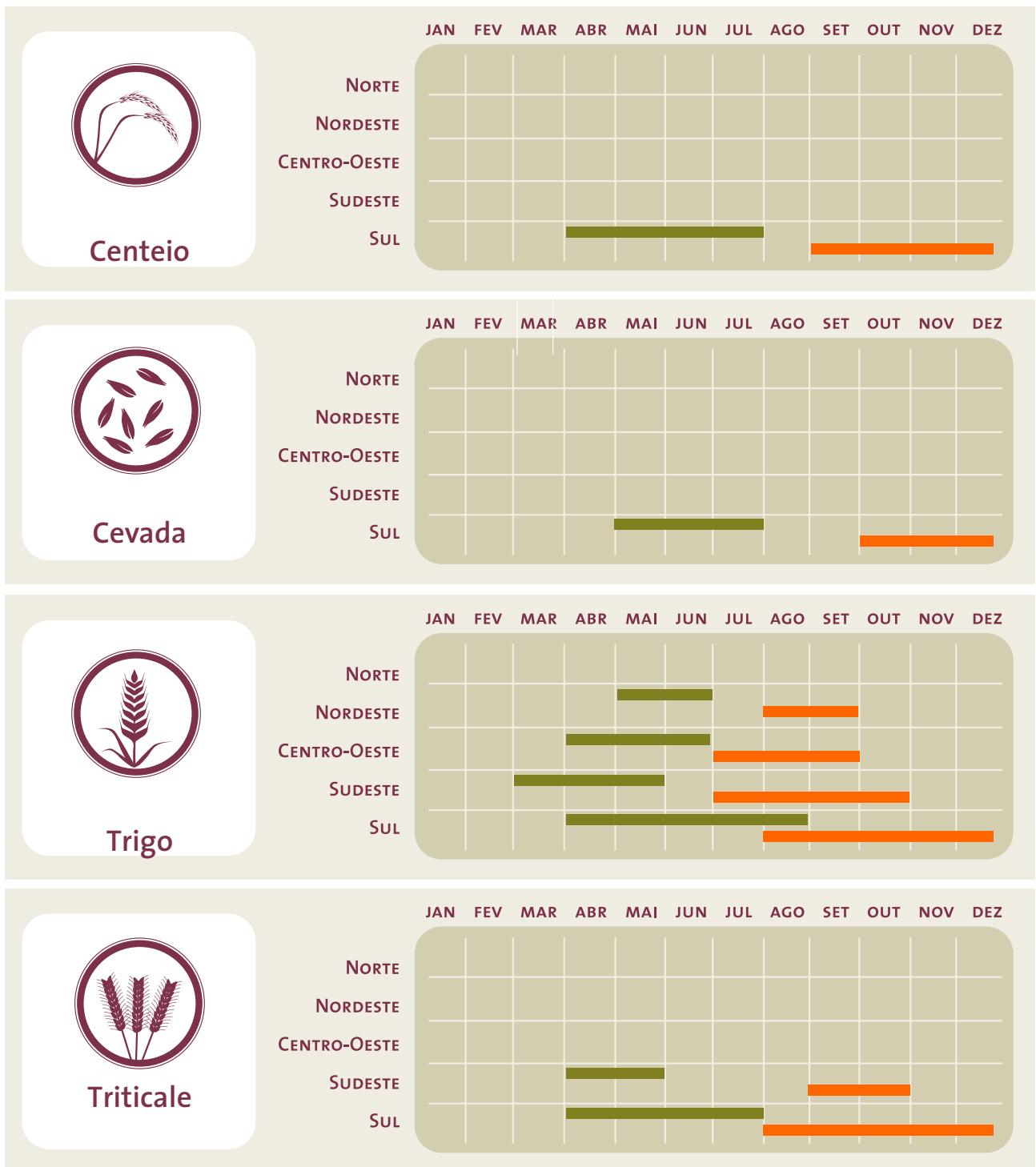


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA













Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

